



TORCIDAS ORGANIZADAS ENTRE FUTEBOL E CARNAVAL

uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos
Gaviões da Fiel

roberto souza junior

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS

ROBERTO DE ALENCAR PEREIRA DE SOUZA JUNIOR

TORCIDAS ORGANIZADAS ENTRE FUTEBOL E CARNAVAL
Uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),
como parte das exigências do Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social - PPGAS.

Orientador: Prof^o Dr. Luiz Henrique de Toledo

São Carlos - SP
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior, realizada em 14/06/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCar)

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira (UNIFESP)

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

SOUZA JUNIOR, Roberto

Torcidas Organizadas entre futebol e carnaval: Uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel / Roberto SOUZA JUNIOR -- 2022. 133f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Dr. Luiz Henrique de Toledo
Banca Examinadora: Dr. Alexandre Barbosa Pereira, Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Bibliografia

1. Antropologia das práticas esportivas. 2. Escola de samba. 3. Torcida organizada de futebol. I. SOUZA JUNIOR, Roberto. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

DEDICATÓRIA

aos meus ancestrais,

afinal: "nossa gente vencer tem que deixar de ser raro!" (Baco Exu do Blues, 2022)

para a mulher da minha vida,
que mesmo indo nunca se foi

silvana ramos de souza

em memória

20/07/1970 – 20/06/2008

para o melhor professor que já tive,
e olha que ele só "estudou" até a sétima série

roberto de alencar

AGRADECIMENTOS

"O rio que esquece sua fonte, seca.
O homem que nega suas origens não existe."
Olúségun Akínrúli

Quando nasci, não foi um anjo torto desses que vivem na sombra quem veio me dizer para ser *gauche* na vida. A vida, ela é que já era toda torta pra mim e para os meus desde que nascemos. As palavras que aqui se seguem, então, são frutos de vidas e de mortes dos nossos, para que os meus dedos pudessem tocar o que a nenhum deles foi oportunizado. Agradeço a cada um deles. Pois se tem algo que sou, é: continuação.

A minha mãe foi a primeira de nossa geração a conseguir enxergar na educação um caminho de vida melhor, para si e para seus alunos do fundamental. Não foi apenas a pessoa que inaugurou nossas existências na faculdade, foi também quem nos deixou um novo legado, o de construir um caminho no qual o conhecimento e as experiências só ganham sentido na partilha. Com ela só pude aprender por 15 anos, dela, aprenderei minha vida toda. Com sua ausência entendi que na minha vida os momentos mais felizes serão também um pouco tristes, afinal, depois de marcar um gol aos 45 do segundo tempo com o estádio lotado é impossível não querer cair nos braços de sua (maior) torcida, não é mesmo? Ainda assim sou grato por ser continuidade de Silvana.

Já o meu pai desde menino teve de fazer, como ele mesmo fala com orgulho, "a faculdade das ruas", a sobrevivência dele e dos seus, por décadas foi seu único sonho. Não pôde sequer terminar a escola por conta da necessidade de trabalhar desde a meninice, ainda assim, é a pessoa mais inteligente que já encontrei. Com ele aprendi que os valores do viver não habitam nos livros, mas nas pessoas, nos sorrisos, nas trocas, nas ruas, nas histórias... Foi ele também quem me ensinou que a dor de perder um grande amor quebra a gente no meio, mas que a parceria e a cumplicidade pelos seus nos faz continuar em busca de uma nova redescoberta, de si, e de nós. Se com minha mãe aprendi a sonhar, ele foi quem me ensinou a correr atrás de meus sonhos como se minha vida dependesse disso. E na real depende!

Os meus irmãos, bom, eles são um pedaço de mim. Costumo dizer que me conhecer sem conhecer eles é como ir ver um jogo do Corinthians em Itaquera e não ir no setor norte, onde ficam as organizadas. Neles tem mais de mim do que aqui nessas páginas. A Su, a Carol e o Gui foram meus parceiros quando o mundo desabou sobre nós. Eles foram os motivos de

não desmoronarmos junto quando a perdemos. Eu não estaria aqui se não fosse por cada um desses *idiotas me enchendo o saco*.

Agradeço também a Luiz Henrique de Toledo (o Kike), orientador que espero dividir muito mais do que páginas acadêmicas, pois as mesas de bar e as rodas de samba com esse cara ensinam ainda mais. Agradeço por já em 2017, quando ainda era um graduando inexperiente dentre as *paredes brancas* ao meu redor, Kike ter me olhado com curiosidade, interesse e escuta ativa, por não ter em nenhum momento me resumido a sobrevivência, o que, infelizmente, ainda é bastante comum para jovens negros e periféricos no meio universitário. Com o Kike entendi que tenho algo importante a dizer. E desde então tenho dito, mesmo quando discordamos rs.

Sou grato ao PPGAS e a CAPES pelo apoio e financiamento de pesquisa nesses dois anos de mestrado. Gratidão também aos membros da banca que me aguentaram, da qualificação à defesa, Alexandre Barbosa e Bernardo Borges Buarque de Hollanda, os quais leram e contribuíram para que esse trabalho ficasse um tanto melhor do que seria sem eles. Além de referências na minha caminhada, ainda são daqueles caras que quero dividir a mesa de bar e resenhar por horas a fio.

Agradeço em especial a Marianna Andrade. Desde os tempos da escola até a pós-graduação eu nunca entendia o porquê das pessoas perguntarem a todo instante se podiam fazer trabalhos em dupla, na real sempre me encontrei muito bem sozinho. Mas aí Marianna chegou em 9 de junho de 2020, e depois desse dia eu me tornei uma das pessoas *pidonas*. Pois por mais que eu consiga perfeitamente "fazer trabalhos sozinho", prefiro mil vezes fazer com ela, afinal, logo entendi que "seu olhar melhora o meu" (Arnaldo Antunes, 1995). E assim foi em toda esta dissertação. Se aqui fosse permitida a coautoria, seria o nome dela que constaria ao lado do meu, pois, quando o assunto é Marianna penso como Lenine (2015): "(...) o que eu sou / eu sou em par / não cheguei / não cheguei sozinho". Obrigado mar!

Por fim, agradeço a mim mesmo! Afinal, ninguém, nem mesmo eu, imaginou que fosse possível "(...) mais um maloqueiro suspeito / mais um morador do gueto (...)" (MC Paulin da capital, 2022) chegar até aqui. Mas contrariando as estatísticas (como bom aquariano que sou) sempre sonhei acima do meu chão. E na real, sobre esse *trampo*, já faz "(...) mo tempão / que eu tava tentando lançar esse meu foguetão / condição não tava tendo / mas mantive a disposição!" (MC Paulin da capital, 2022). Gratidão!

RESUMO

A presente pesquisa etnográfica, que aborda o torcer e sambar no interior de uma Torcida-Escola: os Gaviões da Fiel (GDF), visou observar especificamente a relação entre pessoas e materiais. A partir da ênfase às dinâmicas torcedoras e/ou sambistas, que são atravessadas por essa vida material da agremiação, buscou-se discutir o torcer e o sambar como vocações sensoriais mediadas pelas *coisas* inseridas nas práticas de sociabilidade. A observação participante, *de perto e de dentro*, procurou fugir dos discursos oficiais de harmonia e coesão entre os dois projetos populares, carnaval e arquibancada, para mergulhar assim nas fissuras dessa socialidade corriqueira permeada por conflitos, tensões e negociações, principalmente na relação com os materiais na torcida-escola. Por meio do exemplo etnográfico do protagonismo das *coisas que também constroem pessoas* nos GDF, especulou-se sobre possíveis atualizações nas formas de torcer e/ou de sambar, tanto a partir dessa experimentação *cismogênica* entre torcida e escola, quanto da vida material no cerne das experiências cotidianas na agremiação.

Palavras-chave: Antropologia das práticas esportivas; Torcida organizada de futebol; Escola de samba; Gaviões da Fiel; Torcidas-Escolas; Materiais.

ABSTRACT

The present ethnographic research, which focuses on the cheering and samba inside of a cheer-school: the Gaviões da Fiel (GDF), aims to observe specifically the relationship between people and materials. From the emphasis on the dynamics of fans and/or sambistas, which are crossed by the material life of the organization, we tried to discuss cheering and sambering as sensorial vocations mediated by things inserted in the practices of sociability. The participant observation, up close and from the inside, sought to escape from the official discourses of harmony and cohesion between the two popular projects, carnival and bleachers, to thus dive into the fissures of this ordinary sociality permeated by conflicts, tensions, and negotiations, especially in the relationship with the materials in the cheer-school. Through the ethnographic example of the protagonism of things that also build people in the GDF, we speculated about possible updates in the ways of cheering and/or samba, both from this schismogenic experimentation between fans and school, and from the material life at the core of the daily experiences in the agremiation.

Key-words: Anthropology of Sports Practices; Soccer organized fans; Samba School; Gaviões da Fiel; Cheer-school; Materials.

LISTA DE FOTOETNOGRAFIAS

1 e 2: Torcida de chão	17
3 e 4: Debaixo do bandeirão; Bandeirão	30
5, 6 e 7: Bandeira de mastro; Caixas de guerra, baquetas e surdo; Sinalizadores	34
8: Caixa de guerra e baquetas	37
9: Torcer é relação	38
10: Camisas branca e preta dos GDF. Fotoetnografia de Marianna Andrade	44
11: Camisa da proibição	45
12: Mediação humano-material	53
13: Arquibancada, instrumentos, pessoas	55
14: Torcendo pela TV	59
15 e 16: Vivências na quadra; Ensaio de carnaval na quadra	65
17 e 18: A emoção dos sinalizadores; A emoção em ver, ouvir, sentir	67
19: Bateria Ritimão	74
20, 21, 22 e 23: Bateria de gerações; Mulheres na bateria; Batucada dos homens; Os 7 instrumentos que só homens tocam	78
24 e 25: "Gaviões da fiel"	79
26, 27 e 28: Contato sensorial com o surdo; Contato sensorial com a arquibancada; Contato sensorial de canto e dança	82
29, 30 e 31: Ala das baianas ensaiando; Harmonia no ensaio; Ensaio pré-desfile de carnaval	87
32: A arte de bandeirar	90
33 e 34: Aprendizagem com o mestre Ciro; Aprendizagem, caixa de guerra e surdos	92
35: Printscreen Twitter	100
36 e 37: Clima de apuração; Apuração na quadra	101
38: Escola-torcida. Caminhada pós desfile de carnaval	105
39: Torcendo no carnaval	113
40: Acervo Gaviões da fiel - Tia Geni	115
41, 42, 43 e 44: Ecologia do torSER	122

* Todas as fotoetnografias presentes neste trabalho são de autoria de Roberto Souza Junior. Salvo uma única exceção, a qual consta a autoria na legenda. Toda reprodução fotoetnográfica sem autorização prévia do autor será tipificada como crime estabelecido em lei. Para solicitar autorização do uso e também as imagens em resolução máxima basta entrar em contato: r.alencarjunior@hotmail.com

ÍNDICE

INTRODUÇÃO. <i>Arriscando torcer e sambar com os Gaviões da Fiel</i>	12
O etnógrafo e suas estratégias metodológicas	17
Uma etnografia pandêmica e a <i>memória outra</i>	19
O caminho das páginas	23
CAPÍTULO 1. Um breve histórico das coisas que torcem e sambam	26
1.1. Coisas e(m) seus lugares	28
Da perspectiva teórica aos materiais	29
Pessoas ←→ Materiais: quem toca quem?	35
1.2. Coisas e(m) suas narrativas	39
Os materiais da fundação	40
Temporalidades: das proibições as atualizações	43
A violência e os materiais como armas	46
A vida material do torcer	51
CAPÍTULO 2. A materialização das emoções	58
2.1. Ver, ouvir e sentir	61
2.2. Socialidade, coisas e pessoas	70
2.3. Entender, aprender e tocar	81
A construção torcedora e/ou sambista	83
Entre as bandeiras e os instrumentos	89
CAPÍTULO 3. Entre Arquibancada e Avenida: e a cismogênese Gaviões da Fiel	95
3.1. "Escola" ou "Torcida"? Categorias nativas em disputa	97
Entre São Jorge e Ogum: Derby x Desfile	98
As torcidas-escolas no carnaval	102
" <i>Arquibancada e carnaval, nós somos os Gaviões!</i> "	104
3.2. Cismogênese gaviã: O <i>canto-enredo</i>	109
3.3. A vida material das memórias: O Acervo Gaviões da Fiel	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ecologia de um novo torSER	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
Referências eletrônicas	131
Discografia	133
Filmografia	133

INTRODUÇÃO. *Arriscando torcer e sambar com os Gaviões da Fiel*

Quando pequeno a chuva era uma de minhas maiores preocupações, não por medo dela em si, mas por receio do que podia tirar de mim. Chuva, para um menino que jogava futebol nos campinhos de terra da cidade, era sinônimo de fim antes mesmo do começo. Me lembro, ainda com um pouco de raiva, como perdi incontáveis jogos nos finais de semana só por ter amanhecido chovendo. Ou de como em noites nubladas, às vésperas dos jogos, eu mal conseguia dormir, e não era só pela ansiedade pré-jogo, mas também pelo medo que a possibilidade de chover me trazia.

Os anos se passaram, e aquele menino com medo da chuva que interrompia sua dança com a bola nos pés, voltou a me visitar. Agora não mais com a lente do futebol de meninice, mas do samba na vida adulta, mais especificamente às vésperas do desfile de carnaval pelos Gaviões da Fiel Torcida em 2019. A dúvida sobre a chuva não era pelo cancelamento do desfile, o que nunca ocorreu por esse motivo, mas pelo transtorno que um eventual temporal poderia nos causar depois de tanto ensaio e treino. Nessa altura, confesso que pouco me lembrava do que tinha me levado ali, só conseguia pensar como aquele garoto que temia a chuva.

Adianto que o futebol do ponto de vista jogado tende a aparecer um pouco por aqui, mais especificamente porque, antes dos livros nas mãos do pesquisador, eram as chuteiras nos pés do menino que sonhava em ser jogador. Trajetória que teve desde os tempos descalços na rua até me tornar meio campista nas bases do futebol profissional, em clubes como Paulista, Portuguesa, São Paulo e Ponte Preta. E acredito que essa vivência que tive da sociabilidade masculina dos vestiários do futebol de certa forma também me ajudou a estabelecer relações nos Gaviões, em alguns momentos específicos, a partir da linguagem similar de ambos os ambientes. Por isso neste trabalho a aciono esporadicamente.

Mas diferente dos times em que joguei futebol quando menino, ali, no samba com os Gaviões, eu não estava tão entrosado e confiante de uma boa apresentação. Era um mero etnógrafo urbano que se aventurava nesse mundo sem volta chamado observação participante, ou seria *participação observante* (WACQUANT, 2002)? Meu corpo, tão acostumado a jogar, pouco ou nada sabia do sambar. A experiência antropológica era, então, também uma experiência de vida, uma daquelas que nos faz lembrar o quanto os processos são abertos e inacabados, até mesmo os de nós mesmos. E que viver (e por que não pesquisar?), parafraseando Deleuze e Guattari (2004, p. 343), é para os que "arriscam uma improvisação".

Assim como eu, que me aventurava numa pesquisa etnográfica com os Gaviões da Fiel, desbravar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) os caminhos em torno do futebol, e também do samba, estar no interior da agremiação me fez perceber que foram eles, bem antes, que se arriscaram nessas *improvisações*. A torcida organizada em prol do Corinthians desde 1969, poucos anos após sua fundação nos cimentos das arquibancadas, *arriscou* o que nenhuma outra tinha feito até então, seus primeiros passos também nas passarelas e avenidas do samba no carnaval de espetáculo. No fim da década de 1980 os Gaviões da Fiel já não eram mais apenas uma torcida organizada de futebol, mas também uma escola de samba oficial do carnaval paulistano (HOLLANDA & MEDEIROS, 2018).

Longe de mim querer fazer aqui um resgate histórico dos Gaviões da Fiel em torno do futebol e, também do samba. Alguns estudos já foram realizados dessa perspectiva (CÉSAR, 1982; CANALE, 2012; HOLLANDA & NEGREIROS, 2015; HOLLANDA & FLORENZANO, 2019; CANALE, 2020). Por agora, escolho então destacar que, apesar de observar uma das torcidas organizadas mais famosas do cenário esportivo e torcedor, os caminhos que aqui escolhi pesquisar e debater são bastante específicos: observar os desdobramentos da relação futebol e samba, torcida e escola, no interior da agremiação.

Mais precisamente, discutirei o torcer e o sambar a partir dos materiais que *constroem* pessoas e suas dinâmicas de sociabilidade nos Gaviões da Fiel, uma torcida organizada que é também uma escola de samba. Afinal, esse constante transitar de *coisas*¹ e pessoas entre essas duas esferas distintas podem produzir novas formas de torcer e sambar?

Antes, se faz necessário retomar ao dia (e apreensão) do desfile para apresentar um pouco como surgiu em campo essa centralidade dos materiais, que busquei aqui observar e discutir em torno do torcer e do sambar.

Foi difícil dormir naquela noite de sexta para sábado (véspera do desfile), mesmo sabendo que precisava, pois o desfile, que sempre costuma atrasar, estava marcado para às 5h da manhã de domingo, ou seja, já não descansaria na noite de sábado, passada no agito da concentração. Assim que despertei das horas mal dormidas fui direto provar minha fantasia, já era a terceira vez nas últimas 24 horas. Percebo que vestir aquela fantasia para mim, e para muitos de meus interlocutores, era como os uniformes de jogo, novamente trazendo lembranças daquele menino que fui.

¹ A partir da perspectiva de Tim Ingold (2012), que apresentarei no capítulo 1, escolho propositalmente chamar os materiais de "coisas", e de certa forma evitar a palavra "objetos". Por agora adianto que ao escrever *coisas* (em itálico) me refiro aos materiais utilizados nas práticas torcedoras da torcida-escola.

Para irmos ao desfile tínhamos dois caminhos: ir direto ao Anhembi e nos encontrarmos na concentração localizada no portão 2, e chegar lá no máximo até as 2h da manhã (3 horas antes do desfile); ou ir até a quadra sede dos Gaviões até as 0h e esperar os ônibus disponibilizados pela prefeitura que, atravessando a marginal, nos conduziria ao sambódromo. Optei pela segunda, pois queria observar o funcionamento da sede naquele “pré-jogo”. O que me causou uma certa solidão e isolamento, pois minhas relações ali estabelecidas (os interlocutores e colegas de ala e harmonia) tinham optado por ir direto. Encontrei um canto para me sentar, e ali fiquei a observar, como diz Drummond (2015, p.10): "(...) o bonde [que] passa cheio de pernas; pernas brancas pretas amarelas".

A tensão me lembrava bastante a que via nos olhos de meus companheiros nos vestiários antes de grandes jogos na meninice, até por isso o movimento de pernas era constante, ninguém conseguia ficar parado e esperar. Curiosamente, ou não, esse mesmo olhar de apreensão, ansiedade e medo era bastante comum nos jogos importantes do Corinthians em que via esses mesmos rostos conhecidos roendo as unhas nas arquibancadas.

Enquanto esperávamos a logística dos ônibus, uma roda de samba se formou organicamente em frente a cantina dentro da quadra. Apesar da prática ser bastante comum quando reunidos na sede em momentos antes das atividades efetivamente começarem, sejam da escola ou da torcida, essa roda em específico parecia bem mais discreta do que as outras que também presenciei, e por mais que aparentassem sorrisos e empolgação, o ambiente era mesmo de tensão pelo desfile de horas mais tarde.

Em um desfile de carnaval se teme que algo dê errado do começo ao fim, e isso eu não só aprendi nas anotações do caderno de campo, mas senti em cada calafrio que me embrulhava o estômago ao decorrer de todo esse processo, inclusive desfilando na avenida.

Os ônibus com seus pisca-alertas ligados se amontoavam desde a saída da Marginal Tietê até a entrada da rua Cristina Tomás (onde fica a quadra sede) no Bom Retiro em São Paulo - SP. Dentre eles, um estacionado num lugar mais estratégico parecia receber algum tipo de zelo a mais do que os outros, os componentes da escola (como também era meu caso naquele momento)² não podiam sequer se aproximar, ele era cercado numa espécie de proteção feita por corpos de associados. Por sinal, aquele ônibus não era para levar a diretoria ou os membros mais famosos da escola, como a rainha de bateria Sabrina Sato, nem membros da bateria e comissão de frente, alas de maior status numa escola de samba. Era um ônibus específico para

² É possível desfilarem pela escola de samba sem necessariamente se filiar a torcida, e foi exatamente isso que fiz, no intuito de ter acesso a uma dimensão mais regular de ensaios e demais eventos da esfera carnavalesca, a fim de estabelecer relações em campo.

os materiais *patrimonializados* que seriam utilizados nas arquibancadas durante o desfile. Adianto que a discussão sobre o que são os materiais patrimonializados e o que tal categoria nativa significa aparecerá nos capítulos 1 e 2.

Retomando, um corredor de corpos masculinos se formou da sala de materiais até a porta do ônibus em questão, algo em torno de 50 metros de distância. Os materiais começaram a sair nos ombros dos integrantes do *departamento de bandeiras*, mesmo que muitos ao redor, vendo a enorme quantidade de bandeiras e bandeirões que eram transportados, quisessem ajudar, todos ali já sabiam que apenas aquelas pessoas podiam ter a *honra* e o *privilégio* de tocar e conduzir aqueles materiais em questão.

Nesse universo de *coisas* que passavam por nós espectadores uma delas chamava ainda mais a atenção, era o bandeirão principal que seria utilizado na arquibancada do Anhembi durante o desfile³. Fechado, ele passou carregado sobre os ombros dos homens que integravam o *departamento de bandeiras*, e que organizadamente se intercalavam em cerca de 2 em 2 metros um do outro para dividir o peso de tanto tecido pintado. O bandeirão, visto assim de tão perto, parecia não ter fim, era como observar o trabalho das formigas carregando alimentos passando de uma para outra, em filas totalmente organizadas em ritmo constante e aparentemente interminável.

Depois que o ônibus ficou repleto de materiais, foi permitida a entrada de pessoas, mas exclusivamente aos integrantes do já dito *departamento de bandeiras*, responsáveis e autorizados a manejar essas *coisas* da agremiação. Assim, com os materiais da torcida e conseqüentemente apenas os homens com suas posses, saiu o primeiro ônibus da quadra em direção ao Anhembi. Foi quando percebi que os materiais, tão importantes nas dinâmicas torcedoras em torno do futebol, também eram centrais para a agremiação quando o assunto era carnaval, afinal, o torcer também é parte fundamental do desfilar nos Gaviões. O que me fez dar maior espaço para observação e análise dessas *coisas* que também constroem ali as formas de sociabilidade.

Pouco mais de uma hora depois chegou minha vez de tomar um dos ônibus em direção a concentração para o desfile. Ao chegar lá e reencontrar minha ala seguimos numa espécie de

³ Como discutirei no decorrer deste trabalho, as torcidas-escolas, em especial os Gaviões da Fiel ampliaram a categoria torcer para além do futebol, tornando-se assim uma propriedade também do samba. Por isso, quando usar os termos *torcer* e/ou *torcedores*, aqui estarei me referindo tanto aos gaviões e gaviãs das arquibancadas do futebol quanto do samba. Para saber mais sobre, consultar: “*Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval*”: um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (partes 1 e 2) (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2022a; ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2022b).

peregrinação em direção a entrada na avenida, já todos fantasiados e alinhados para o desfile, mesmo que no relógio ainda nos faltassem algumas horas. Foi ali, com as pernas já cansadas antes mesmo de pisar na passarela, e com as costureiras vindo vistoriar e ajustar nossas fantasias de 10 em 10 minutos, que descobri que as escolas que desfilam já ficam todas prontas e ordenadas em fila andando por toda a extensão externa do sambódromo horas antes de sua vez na avenida.

Nos minutos que antecederam o clímax daquele momento, ao meu redor os olhos pareciam ficar mais fechados do que abertos, a apreensão e preparo davam lugar às súplicas e a fé, fossem elas quais fossem, todos pareciam pedir por um desfile "digno dos Gaviões", como frequentemente era dito, o que significava um desfile que fizesse "a arquibancada ferver".

"É como no futebol, o coração parece que vai saltar pela boca! Mas aqui é diferente, aqui é diferente porque nós é que somos os jogadores! Nós é que vamo entrar em campo!" (DIÁRIO DE CAMPO, 2019), essas foram as últimas palavras que ouvi da Bia⁴, uma de minhas interlocutoras e colega de ala, antes de rompermos a linha amarela que marca oficialmente o início do desfile. Curiosamente suas palavras ecoaram em mim e no menino-jogador que fui, pois a sensação que eu tinha era semelhante àquela de estar entrando em campo para uma final de campeonato.

Com essa breve imersão no espetáculo carnavalesco que, como os ensaios preparatórios para o grande dia, ainda vão aparecer no decorrer deste trabalho, busquei demarcar que esta etnografia não é apenas sobre uma torcida organizada que vive o futebol, mas também sobre uma escola de samba que não se vê mais sem o carnaval. E entre essas duas dinâmicas competitivas, que operam num mesmo espaço e, praticamente, com as mesmas pessoas, inserem-se os materiais, que sustentam ambas as práticas e constroem sociabilidades e formas de viver. O que pretendi ao decorrer desta etnografia foi então "(...) seguir as forças e fluxos dos materiais (...)". (INGOLD, 2012: 38).

⁴ Os nomes dos interlocutores foram trocados a fim de não expor nenhum deles. Adianto também que esta discussão suscitada pela fala de Bia, mulher lésbica de 33 anos, branca e na torcida desde os 28, será desenvolvida no capítulo 2, onde buscarei problematizar essa separação entre *olhar e jogar* (TOLEDO, 2019b), ou entre o torcer e o sambar.

O etnógrafo e suas estratégias metodológicas

Outro ponto a se destacar desde já é o das mãos que aqui escreve, e de como esse corpo adentrou e atravessou constantemente toda esta corpografia (NASCIMENTO, 2016). A proposta, que desde seu início não era focada nos discursos oficiais da instituição sobre suas práticas no carnaval de espetáculo ou no futebol, fez com que minha entrada no campo fosse se entrevendo entre esses discursos, mas não neles ou sobre eles. Se num primeiro momento pedi autorização do presidente da agremiação para a pesquisa, foi tão somente o que fiz com ele ou pessoas da alta hierarquia. Sequer pedi indicações de possíveis interlocutores ou chefes de departamentos.

Autorizada a minha entrada fui para o que chamo de "torcida de chão", onde costumam ficar torcedores que apesar de fundamentais na sociabilidade torcedora, pouco carregam de formalidades discursivas que costumam ser vozes oficiais da instituição. Esta pesquisa foi, portanto, com essas pessoas, que, como bem destaca Simas (2020), são os praticantes dessa *cultura de frestas* que driblam o padrão normativo das narrativas oficiais (SIMAS, 2020).



1. Torcida de chão, 2022.



2. Torcida de chão, 2022.

Dentre elas fui, quase que em todo o tempo, submerso como apenas mais um (frequentando ensaios, jogos, festas, batucadas, protestos, reuniões, eventos). Mesmo que vez ou outra reforçasse minha posição ali de pesquisador e antropólogo, meu corpo parecia falar mais alto que minha voz. Na maioria das vezes eles viam em mim, e eu de certa forma neles,

uma proximidade fenotípica que, infelizmente, ainda acontece bem pouco entre antropólogos urbanos e torcedores organizados e sambistas da periferia paulistana.

Mas, como bem aponta Nascimento (2016, p. 16), a "(...) etnografia urbana (...) se faz com o corpo do(a) antropólogo(a) em campo, que se apresenta como interlocutor(a) em cidades (...) pois a corporeidade está lá desde o primeiro momento em que se decide sair do seu lugar de conforto". E assim o foi para mim, do começo ao fim.

Mesmo não sendo um torcedor organizado, e com isto, certamente um estrangeiro dentre os "nativos", a corporalidade negra carregada de atravessamentos linguísticos e paralinguísticos associados à sociabilidade periférica, permitia que a todo momento eu fosse "confundido" com um novo associado e nunca lido como um pesquisador⁵.

Como aponta Lima (2000, p. 7): "o que um corpo é depende, intrinsecamente, de uma perspectiva. Sendo assim, todo corpo é disponível para vir a ser o que é para uma perspectiva alheia". Dentro da perspectiva gaviã não foram poucas as vezes que fui lido como mais um, inclusive cheguei até a receber "puxões de orelha" (mais de uma vez) por não estar em conformidade visual com os demais integrantes. "E esse cabelo [black power] aí, não tá grande demais não? Num te falaram nada na reunião (de novos associados)?" Vale destacar que nos Gaviões os homens são "incentivados", assim que entram, a terem o cabelo curto e em cor natural (não descoloridos), além de não poderem usar brincos.

Sem falar das inúmeras vezes em que fui abordado por associados e/ou visitantes me perguntando algo sobre o funcionamento da agremiação, como "cê viu fulano?", "como faço para acertar as mensalidades?". Além de algumas respostas incisivas que recebi ao fazer algumas perguntas comuns em pesquisas etnográficas: "Como você ainda não sabe disso? Não foi às reuniões de novos associados, né?".

Fato é que algumas dessas situações geraram em mim esse "desconforto" apontado por Nascimento (2016, p. 16), mas entendo também como um certo despreparo. Afinal de contas, nas aulas de teoria etnográfica pouco (ou nada) se comenta das possibilidades do antropólogo não ser lido como pesquisador. Talvez por quase sempre serem dadas por professores brancos e em sua maioria para alunos também brancos⁶.

⁵ O que de certa maneira já havia aparecido em minha própria banca de entrevista para seleção de mestrado na UFSCar, onde fui perguntado se era um "nativo" fazendo pesquisa. Pergunta que, certamente, não seria feita a um pesquisador branco e dominante da norma culta verbal do capital cultural burguês.

⁶ De certa forma, vejo a antropologia acadêmica, ao menos a que tenho tido contato, como um instrumento por excelência da perpetuação do racismo que, segundo Franz Fanon (2008), fixa posições hierárquicas nas quais pessoas negras habitam a condição de não-ser, afinal, no modelo de antropólogo ser branco parece pré-requisito. O que, obviamente, vem mudando com as ações afirmativas da última década, mas que ainda parece pouco ou

Inclusive, acho curioso quando ouço histórias de pesquisadores (brancos) sobre suas relações em campo, a maioria diz com orgulho como são chamados de "professor(a)", "pesquisador(a)", "estudioso(a)". E que até são convidados para falarem em eventos dos interlocutores como "especialistas", o que de fato são. Imagino que, além de ser uma sensação boa para o ego, também deve abrir algumas portas das quais não tive acesso por não ser lido dessa perspectiva, nem mesmo quando me apresentava assim.

Mas não lamento, pois ter ido a campo desprovido dessa aura de autoridade me levou a adentrar um outro mundo que julgo, como pesquisador, ainda mais intenso. Se isso é melhor ou pior, acredito que tal julgamento não me caiba. Todavia, posso afirmar que, de certa forma, foi o que facilitou o cumprimento de minha proposta inicial de fugir dos discursos oficiais da instituição e seus diretores, e a focar no cotidiano entre as pessoas e as *coisas*.

Até mesmo nas relações posteriores por meio das redes sociais. Como abordarei adiante, a observação participante durante a pandemia migrou também para a sociabilidade online dos interlocutores. Acredito que o fato de eu ser adicionado nas redes sociais como mais um associado e não "canonizado" como uma autoridade acadêmica, talvez tenha também me permitido acessar uma dimensão mais íntima e menos filtrada das trocas entre os interlocutores. E como bem me alertou Ingold (2019, p. 13): "(...) a observação participante é uma forma de estudar *com* as pessoas. Não se trata de descrever outras vidas, mas de unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver". Foi o que busquei fazer, do campo presencial ao virtual.

Com isto, a etnografia que, repito, pretendia-se ser *de perto e de dentro* como proposto por Magnani (2002), ao ser inevitavelmente corporificada no campo em questão, se tornou algo mais parecido com um *junto e misturado*⁷.

Uma etnografia pandêmica e a *memória outra*

Outro importante fator que atravessou toda esta etnografia foi a pandemia de Covid-19⁸, o que impactou também as minhas estratégias metodológicas. Afinal, como já havia me

nada afetar no quadro de professoras e professores de antropologia dos grandes centros de Pós-Graduação, como da UFSCar.

⁷ Trata-se de uma expressão popular, de feição e estética dessa nova periferia que se descortina, sobretudo, a partir dos anos 1990 (FELTRAN, 2008; TOLEDO, 2012), e que teve alguns desdobramentos, inclusive etnográficos em importantes trabalhos acadêmicos sobre o cotidiano periférico de se viver *junto e misturado* a outros atravessamentos (BIONDI, 2010).

⁸ Formalmente, em 11 de março de 2020 foi declarada a Pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Literalmente uma semana após eu iniciar meu mestrado. Disponível em: <<https://www.who.int/director->

antecipado Strathern (2017, p.313): "Aquilo que em casa fazia sentido como projeto de pesquisa em campo pode perder força motivadora; assumem o comando as preocupações das pessoas aqui e agora". E parafraseando Drummond (2015, p. 20), *no meio da etnografia tinha uma pandemia, tinha uma pandemia no meio da etnografia*.

Foi aí então que me reuni com meu orientador⁹ para pensarmos alternativas possíveis em meio a um tempo tão curto como é o caso do mestrado, ainda mais atravessado por completo pela impossibilidade de novas idas a campo, por conta da pandemia. Decidimos então refinar a temática e nos atermos para o campo que eu já tinha realizado no âmbito da Iniciação Científica (FAPESP, processo no 2018/23956-6) entre os anos de 2018 e 2019, mas agora de uma perspectiva diferente, a da materialização do torcer e do sambar. Ou seja, tomando a vida material em torno dos interlocutores como método de acesso às formas de sociabilidade.

Parte fundamental da minha metodologia foi então olhar para os dados etnográficos daquela primeira pesquisa: cadernos de campo com anotações; fotografias, áudios e vídeos realizados durante as incursões; conversas trocadas com interlocutores via aplicativos de mensagens e grupos dos quais ainda fazia parte; além dos relatórios de pesquisa, parcial e final, submetidos à FAPESP. Mas tudo isso revisitado com os olhos do agora.

Esse exercício é apontado por Toledo (2019a) como "*memória outra*".

Nesses termos *memória outra* poderia ser pensada não como fiadora do "presente etnográfico", mas expressão de mobilização permanente de "passados etnográficos", atividade constante de uma memória que espacializa o tempo na experiência da pessoa do etnógrafo. (...) Em outros termos, permitiria reajustar a própria pessoa do etnógrafo e reposicioná-lo no contexto etnográfico, reindexando acontecimentos passados, distantes ou muito laterais em motes reconvertidos em dados, digamos, desorganizados pelo encontro com os "outros" na memória. (...) Sendo assim, parto do pressuposto de que podemos etnografar dados biográficos realocando a noção de historicidade na chave de uma memória propriamente etnográfica (*memória outra*), portanto menos historiográfica ou memorialista. (TOLEDO, 2019a, p. 258 - 259).

Revisitar esses dados etnográficos, no meu caso, não era só uma questão de atualização temporal da análise ou de meros acréscimos bibliográficos obtidos na trajetória do mestrado truncado pelas medidas sanitárias. Todavia, tratava-se também de uma mudança de perspectiva no próprio olhar, pois agora meu objetivo seria perceber a vida material das *coisas* (INGOLD, 2012)¹⁰ entre arquibancada (torcer) e avenida (sambar), observar com isto, como as

[general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020](https://www.who.int/general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020)> Acesso: 14/07/2021.

⁹ Professor Luiz Henrique de Toledo (DCSo e PPGAS - UFSCar).

¹⁰ Appadurai abordou sobre a "vida social das coisas" (APPADURAI, 2008). Aqui, no entanto, trato das coisas "com" vida, o que intervém toda uma discussão sobre agência (GELL, 2018), tema muito caro presente na antropologia pós-social e que aqui discuto apenas lateralmente ao decorrer do tópico 1.1: *Coisas* e(m) seus lugares.

coisas *construíam* as pessoas na socialidade¹¹ entre as práticas atreladas aos universos do futebol e do samba.

Soube então que não seria uma tarefa simples, pois constantemente estaria em um lugar no mínimo desconfortável ao estar *imerso* apenas no fluxo de *memórias outras*, sem a possibilidade inicial do campo presente. Ao assumir essa posição na pesquisa, me deparei mais uma vez com Strathern (2017), pois segundo a autora a imprevisibilidade etnográfica não é exclusividade do campo, mas também da análise depois dele, afinal, o imponderável está na etnografia que começa antes do campo e "termina" bem depois dele¹².

Não saber o que se vai descobrir é, evidentemente, uma verdade da descoberta. Mas tampouco se sabe o que em retrospecto vai se mostrar significativo, pelo fato de que a significância é adquirida na escrita posterior, na composição da etnografia como uma descrição feita depois do evento. O exercício da pesquisa de campo é, portanto, antecipatório, na medida em que é aberto ao que virá depois. No meio-tempo, o aspirante a etnógrafo reúne material cujo uso não pode ser previsto, fatos e questões coletados com pouco conhecimento de suas conexões. **O resultado é um 'campo' de informação ao qual é possível retornar, do ponto de vista intelectual, para fazer novas perguntas sobre desenvolvimentos posteriores cuja trajetória de início não era evidente.** Estes podem se dar na compreensão do antropólogo, sendo gerados pelo processo da escrita, ou podem ser mudanças sociais e históricas na vida social que está sendo estudada (STRATHERN, 2017, p. 320 - grifo meu).

Com base nisso decidi estabelecer minha atual pesquisa nos dados etnográficos que eu tinha para *retornar* e analisar, agora de uma nova perspectiva. Meu exercício metodológico então não era mais pensar em como etnografar "sem campo", mas sim de retornar ao campo de minha *memória outra* e ali habitar¹³.

Colocar a *memória outra* a serviço da etnografia seria dar profundidade temporal aos dados etnográficos sem recorrer a onipresença da noção de presente encapsulando o passado. Resguardada sua potência ontológica, o passado poderia oferecer ao presente algo mais do que repositório de lembranças ou presentificações, quem sabe criação agentiva por onde a memória vise ações transformadoras" (TOLEDO, 2019a, p. 257).

Vale destacar que etnografar na pandemia me levou também a adentrar a vida online de meus interlocutores, e de certa maneira *ver o que eles queriam mostrar*. Isso se deu principalmente através da minha atuação por meio da fotografia, pois a página oficial dos GDF postou algumas fotos minhas nas redes sociais me marcando, o que fez com que alguns

¹¹ Tal termo tende a aparecer com frequência. Por agora faço um pequeno indicativo de que quando o uso me refiro a relações sociais, o que será melhor aprofundado no tópico 2.2: Socialidade, *coisas* e pessoas.

¹² Strathern (2017, p. 324) acrescenta ainda que: "o momento etnográfico, portanto, era necessariamente também um artefato da análise e da escrita".

¹³ Afinal, como complementa Strathern (2017, p. 312): "(...) a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo".

associados começassem a me seguir, ao retribuir a iniciativa passei a construir relações virtuais com interlocutores que já conhecia pessoalmente, mas também com alguns que não.

Não cheguei a fazer "entrevistas" a distância, mas seria impreciso da minha parte negar que essa dimensão *online* também não atravessou minhas constantes visitas a minha *memória outra*. Até porque, como aponta Segata (2020, p. 10):

A antropologia se deu por conta de que faz anos que a gente não "entra mais na internet", por exemplo. A gente vive ela. O digital entrou em nós de forma pervasiva e em maior ou menor grau, também passou a ser incorporado como um meio privilegiado de produção de encontros etnográficos e este é outro dos desafios da pesquisa antropológica na pandemia.

Tal momento histórico no qual este trabalho foi construído, possibilitou a ampliação dos meios em que essa nova "sociabilidade pandêmica" (SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2020b) se estabelecia, sobretudo via redes sociais. Cabendo a nós, etnógrafos, nos adaptar a esses novos rearranjos dos interlocutores, observando assim suas formas de socialidade para que, mesmo virtualmente, seguirmos conquistando a confiança das pessoas com as quais nos relacionamos e estabelecemos relações de interlocução e até mesmo amizades (MILLER, 2020).

Portanto, seu método é algo que você aprende, não algo que já começa com você. Argumento que exatamente o mesmo se aplica on-line. E essa é a mensagem mais importante que gostaria de transmitir aqui. Quando usamos a palavra 'método' em Antropologia, geralmente a descrevemos como observação participante e alguns podem compreendê-la como aquilo que fazemos quando estamos em campo. Então, diriam, 'se você só pode fazer isso on-line agora, talvez precise apenas efetuar muitas entrevistas, em vez de participar'. Quero sugerir exatamente o oposto: exatamente porque você estará trabalhando principalmente on-line, é necessário se concentrar ainda mais na observação participante, em vez de coisas como entrevistas. Por quê? Porque, como você deve perceber, há muitas oportunidades para a observação que agora não serão possíveis. Diante disso, o que você precisa fazer nessa espécie de mudança para um novo regime é encontrar maneiras de compensar esse problema, ao prever um modo como fará seu trabalho de campo. (MILLER, 2020, p. 4).

E foi aprendendo e aperfeiçoando a metodologia a cada passo que construí esse trabalho. Baseado em frequentes imersões em minha *memória outra* (TOLEDO, 2019a), ou seja, revisitando incansavelmente os outros momentos etnográficos em que estive em campo, mas também em constante observação participante nessa vida online de meus interlocutores, inclusive trocando mensagens e áudios esporadicamente sobre algo que revisitei de minhas anotações passadas. Além disso, nas vésperas da entrega deste texto, pude voltar ao campo presencial para reforçar ainda mais essa *memória outra* na qual estava me embasando.

Com isto, espero que as palavras de Daniel Miller (2020) também se apliquem a esta pesquisa: "no final das contas, muitas vezes são as coisas que as pessoas nunca pretenderam

fazer, esperavam fazer ou realmente tiveram que fazer por padrão que acabaram por figurar entre as descobertas mais interessantes de seus projetos". (MILLER, 2020, p. 7).

O caminho das páginas

A escrita a seguir está dividida em 3 capítulos e considerações finais. No primeiro deles busquei trazer *um breve histórico das coisas que torcem e sambam*, destacando os *lugares* em que os materiais ocupam na sociabilidade gaviã, as *narrativas* que os atravessam e suas *temporalidades*. Com este capítulo inicial almejo situar brevemente quem lê na temática dos materiais em torno das práticas torcedoras e carnavalescas dos Gaviões ao decorrer do tempo e do espaço, além de estabelecer uma perspectiva teórica para discutir os materiais em torno do futebol e do samba.

No capítulo 2 adentro na *materialização das emoções*. Perpasso um pouco a dinâmica sensorial das *coisas* para as pessoas e suas socialidades, os processos de aprendizagens e posses desiguais dos materiais, introduzo a hierarquia dos afetos atribuídos aos materiais e a sacralização de algumas *coisas* em detrimento de outras. Com este capítulo busco um mergulho nos significados simbólicos dos materiais, que constroem pessoas e formas de viver nos Gaviões, suas disputas e complexidades entre as práticas de sociabilidade que os cercam.

Já no capítulo 3 discuto o processo de *cismogênese* nos Gaviões da Fiel em que as *coisas* - e as pessoas - estão constantemente *entre arquibancada e avenida*. Nele abordo criticamente a categoria nativa de "torcida que samba" e seus desdobramentos entre ser "escola" e/ou ser "torcida". Com base nessa leitura cismogênica da socialidade gaviã entre torcer e sambar, finalizo assim com um olhar sobre a *materialidade das memórias* em meio a estas duas coisas, trazidas no exemplo etnográfico do *Acervo Gaviões da Fiel*.

Finalizo a dissertação nas considerações finais discutindo como o exemplo dos Gaviões da Fiel e sua vida material podem fazer emergir novas fissuras nos modelos tradicionais de torcidas organizadas e/ou escolas de samba na cidade de São Paulo. Talvez abrindo para um aspecto mais amplo da sociabilidade situada entre ambas as coisas, o que implica também atualizações nas *formas de torcer e de sambar*.

Por fim, destaco também o uso que farei de fotografias ao decorrer do texto. Por mais que o uso convencional de imagens em meio a páginas escritas a coloque quase sempre como meras ilustrações, aqui opto pelo caminho inverso, o de complementar a escrita etnográfica de

um campo estético e visual com uma dimensão mais subjetiva dessa visualidade na construção da própria etnografia (PEIRANO, 2014)¹⁴.

As fotografias autorais são imagens capturadas durante incursões etnográficas, e que por estarem inseridas sobre esse duplo olhar de fotógrafo¹⁵ e etnógrafo, chamo de fotoetnografias (SOUZA JUNIOR, 2021; ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2021a). Com este experimento fotoetnográfico almejo situar o leitor entre a descrição etnográfica e a imersão imagética na plasticidade estética do ser gavião.

¹⁴ Com respaldo também da antropologia visual, sobretudo dos usos da fotografia proposta nos trabalhos de Caiuby Novaes (1997; 2008a; 2008b; 2010), que demonstra como é possível ser usada como forma estratégica de se relacionar com o campo, além de trazer uma qualificação estética e imagética ao texto etnográfico (Caiuby, 2014). Joon Ho Kim (2015) é outro exemplo do uso da fotografia como estratégia de abrir e problematizar o debate em torno das estigmatizações.

¹⁵ Isso porque possuo desde a IC uma abertura no campo através do papel de fotógrafo que exerço a partir de registros fotográficos em arquibancadas e ajuntamentos torcedores. A atuação como fotógrafo surgiu a partir dos cliques que comecei a fazer no campo da IC, onde por interesse pessoal escolhi unir meu apreço por fotografia com a necessidade de registrar imagens que me fariam lembrar de uma descrição mais sensível à etnografia. Passei a divulgar algumas das fotografias aos próprios torcedores através de uma página que criei na rede social Instagram exclusivamente para isso, com o título de *@fotoperifa*. A página conta atualmente com quase 2 mil seguidores, em sua maioria membros de torcidas organizadas.

Capítulo 1

Um breve histórico das coisas que torcem e sambam



CAPÍTULO 1. Um breve histórico das coisas que torcem e sambam

Neste capítulo inicial pretendo delimitar um chão no qual desejo caminhar, tanto da perspectiva teórica escolhida, como do recorte etnográfico que me propus analisar. Aqui, trarei um pouco da história dos Gaviões, a fim de demonstrar como essa construção de torcida-escola se deu também por meio de materiais inseridos nas práticas de sociabilidade ao longo dos anos. Pois, apesar do foco deste trabalho ser a discussão das complexidades da sociabilidade contemporânea nos Gaviões, entendo como necessário debater, antes, como toda uma *vida material* (INGOLD, 2012; 2015) foi sendo constituída na história da entidade.

Mas ressalto que este capítulo não tem o intuito de contar a história convencional da agremiação, como tantos bons trabalhos já o fizeram (CÉSAR, 1982; CANALE, 2012; HOLLANDA & NEGREIROS, 2015; HOLLANDA & FLORENZANO, 2019; CANALE, 2020)¹⁶, e sim dos materiais, que sempre estiveram atreladas às práticas dos interlocutores. Tema que só pode ganhar relevância numa antropologia pós-social¹⁷ em que a cultura, como veremos aqui, acontece para além da centralidade humana das narrativas. Como bem explora o dossiê organizado por Ahlert e Rickli (2019), sobretudo de uma perspectiva do uso de materiais nas práticas religiosas.

De maneira geral podemos dizer que os artigos fazem coro à antropologia que questiona a distinção absoluta que confinou o sagrado ao espaço ritual, extraordinário e separado de atividades tidas, por sua vez, como comuns, banais, ordinárias, logo, destituídas de importância (Ndebele, 1986). Ao fazê-lo, tal literatura nos coloca diante da possibilidade de repensar ideias relacionadas ao ordinário como as concepções de doméstico e cotidiano, e também os limites da categoria religião ou das denominações religiosas, uma vez que a multiplicidade de seres que compõem os contextos de pesquisa, “longe de estarem confinados a cosmologias, sistemas de ideias, representações e planos de existência cerrados, [...] estão imersos no mundano e participam ritual e cotidianamente da vida dos humanos” (Godoi e Mello, 2019: 442). (AHLERT; RICKLI, 2019, p. 14).

Para trazer luz ao cotidiano dessa multiplicidade dos seres materiais nos GDF (Gaviões da Fiel), as discussões deste capítulo estão divididas em torno das *coisas, e(m) seus lugares e e(m) suas narrativas*. Justamente para demarcar neste primeiro momento não uma linearidade histórica, mas uma dinâmica na qual tanto o torcer como o sambar, para os Gaviões da Fiel, foi

¹⁶ Além de importantes trabalhos que buscaram questionar a história a partir de pontos de vista não convencionais, como o de Marianna Andrade (2022), que buscou uma narrativa histórica dos Gaviões da Fiel a partir da perspectiva das mulheres torcedoras da entidade, algo até então pouco ou nada explorado.

¹⁷ O termo remete a uma antropologia contemporânea que visa não só uma crítica a conceitos canônicos como indivíduo, sociedade, cultura, natureza etc., mas também prega o abandono radical destes termos por atualizações propriamente etnográficas e seus temas menos convencionais. Ver mais sobre em: Goldman (2014).

construído a partir das pessoas, mas também dos materiais. E compreender os lugares, as narrativas e as temporalidades em torno das *coisas* é também o chão que estabeleço para em seguida adentrar na sociabilidade das pessoas em relação com os materiais.

Portanto, o que almejo com este capítulo é definir alguns pontos de partida para o restante do trabalho. Como, por exemplo: o que entendo por materiais e *coisas*? Qual a perspectiva teórica desta análise antropológica? Quais os materiais que me propus analisar? E por que estes materiais merecem tanto enfoque analítico a ponto de aparecerem como definidores das formas de sociabilidade dos Gaviões da Fiel?

1.1. Coisas e(m) seus lugares

Minha mãe faleceu quando eu tinha quinze anos. A influência e proximidade dela comigo e com minha história pode ser facilmente imaginada por quatorze anos depois de sua partida, ela figurar na dedicatória deste trabalho, além de flutuar sobre algumas memórias aqui descritas. No entanto, destaco um episódio específico causado por sua ausência em meu cotidiano, ou melhor, por um balde de lixo fora do lugar que ficou ao longo de quinze anos.

Meu pai se casou de novo pouco mais de um ano após a partida de minha mãe. A inserção de uma outra pessoa em casa junto a meu pai, minhas duas irmãs e meu irmão, já parecia em tese uma tarefa árdua, e assim o foi, mas me lembro que o dia em que "a ficha caiu" foi quando fui jogar algo no lixo da cozinha e ele não estava mais lá.

Lembro-me de travar no tempo, e sentir os "diverditamente"¹⁸ surtando em minha cabeça. Diferente de um sofá que se muda de lugar com relativa frequência, o lixo costuma ser quase parte da arquitetura da casa e dificilmente muda de lugar. Foi ali, exatamente atônito e enraivecido por não saber, mesmo que por milésimos de segundos, onde estava o lixo, que percebi: uma simples *coisa em outro lugar* simbolizava todo um outro universo ao meu redor e também em mim.

Etnografar um mundo de *coisas* que constroem pessoas e suas relações é também perceber como o deslocamento e os lugares significam bem mais do que se costuma ignorar. Por isso escolhi começar com esse breve "inventário" das *coisas e(m) seus lugares*, tanto do torcer quanto do sambar nos Gaviões da Fiel. A princípio partindo de uma perspectiva histórica dos primeiros usos, mas sempre comparando às práticas contemporâneas observadas durante a etnografia, além de discutir as atualizações na sociabilidade torcedora/sambista observáveis a partir do trânsito dessas coisas ao longo da história.

¹⁸ Em referência a animação *Divertida Mente* (2015), do diretor Pete Docter. O filme trata a mente humana como uma espécie de sala de controle, onde cada uma das emoções é representada por personagens que trabalham na gestão dos sentimentos humanos.

Da perspectiva teórica aos materiais

O primeiro que escolho colocar no lugar sou eu mesmo e a perspectiva teórica de onde parto. Pois ao decorrer deste trabalho os chamamentos "coisas" e "materiais" aparecem com relativa frequência, e quase sempre em detrimento de "objetos" ou "materialidade".

Por mais que o dicionário os considere no arcabouço de sinônimos, aqui eles partem também de uma perspectiva teórica escolhida para dar prosseguimento ao trabalho analítico da etnografia. E se "colocar as coisas nos lugares certos é uma maneira de se preparar" (INGOLD, 2015, P. 101), faço questão de já demarcar o que no presente trabalho entendo como "materiais" e "coisas".

Ambos os termos são utilizados por conta de toda uma perspectiva teórica aberta, em que não humanos não são meros objetos fechados e materialidades abstratas, inertes e submissas à agência humana. Pelo contrário, aqui evito essas palavras por compreender que o poder da relação está justamente nessa abertura que "materiais" (ao invés de materialidade) e "coisas" (ao invés de objetos) trazem para toda essa discussão.

Afinal,

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra (Heidegger 1971, p. 167). A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião. (...) **Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas** (INGOLD, 2012, p. 29, grifo meu).

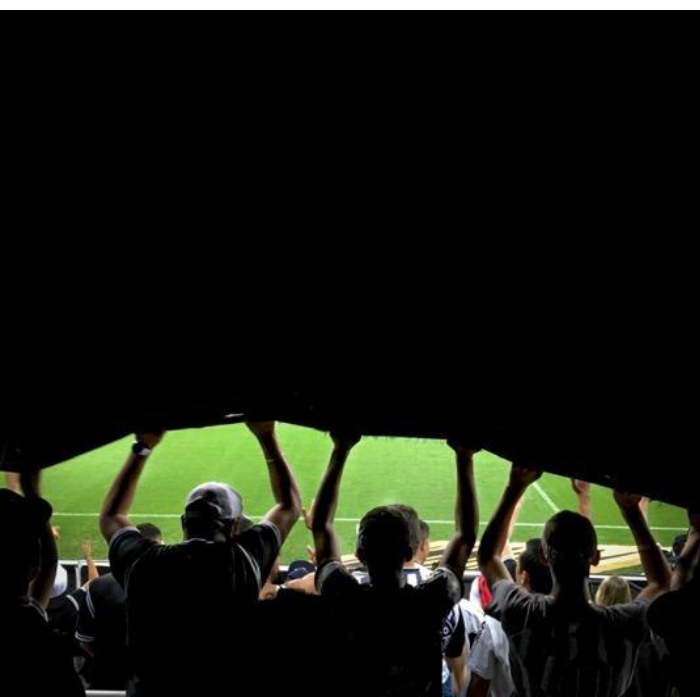
Esta etnografia foi, portanto, voltada para perceber essas *coisas que vazam* e constroem sociabilidades. *Coisas* fundamentais na construção de toda uma forma de torcer e também de sambar nos Gaviões. *Coisas* que, como veremos adiante, podem se tornar tão decisivas quanto as próprias pessoas.

A primeira vez que fui ao estádio foi em 2000, no Canindé¹⁹ ver Portuguesa x Corinthians. Tinha sete 7 anos de idade, e já era um apaixonado pelo futebol jogado, tanto na rua com os amigos como nas escolinhas pela *quebrada*, onde comecei desde cedo. Me lembro daquele dia como uma daquelas memórias centrais que a gente nunca esquece, e na minha cabeça eu queria mesmo ir ao estádio para ver o Marcelinho Carioca e o Ricardinho, meus ídolos de infância. O jogo foi de fato memorável, um 5x2 para o Corinthians, de virada e com

¹⁹ Estádio Doutor Oswaldo Teixeira Duarte, mais conhecido como Canindé, da Associação Portuguesa de Desportos.

show daqueles jogadores que fui determinado a ver. No entanto, disto eu lembro pelas inúmeras reportagens que vi e reví ao longo dos anos, porque o que de fato me impressionou e nunca mais saiu da minha cabeça foi como era possível ir em um jogo de futebol e olhar mais para as arquibancadas do que para o campo²⁰.

Aquele menino nunca tinha imaginado ver uma bandeira tão grande de perto, menos ainda estar debaixo de um bandeirão e ficar totalmente feliz e saltitante mesmo sem ver o tão sonhado jogo por alguns minutos, até então não sabia o quão inesquecível era cantar ao ritmo dos instrumentos nas arquibancadas. Foi naquele dia que o torcer se acendeu em mim. Até hoje me pergunto se isso teria acontecido sem os materiais, aquele menino ficaria tão maravilhado sem o bandeirão, os instrumentos de bateria, as vestimentas, os cantos?



3. Debaixo do bandeirão, 2019.



4. Bandeirão, 2019.

Depois de crescido e já em campo como etnógrafo, me deparei com a relevância interna dos materiais para os torcedores e sambistas, lembro-me do receio imediato que abordar especificamente isso me trouxe. Eu não queria que meu trabalho fosse um daqueles almanaques em que os objetos são descritos de uma perspectiva funcional de existência a partir da agência humana. Pois apesar de compreender a relevância de catalogar a "cultura material", seja para a

²⁰ No Capítulo 2 abordo analiticamente esse movimento de protagonismo das arquibancadas competindo com o jogo, isso através dos conceitos de *olhar* e *jogar* (TOLEDO, 2019b).

antropologia, para as ciências humanas, arqueologia e a museologia, não era nesse lugar estático e hierárquico que eu via os Gaviões e sua relação com os materiais.

Foi então que decidi mergulhar um pouco na literatura sobre a relação entre pessoas e outros seres, ou mais precisamente, seres vivos: humanos, espirituais ou materiais. Discussão esta que já construiu seu caminho a longa data na antropologia, passando pela etnografia de Malinowski ([1916] 1988) e a interação dos vivos (humanos) com os mortos ancestrais (espirituais), ou até mesmo por Mauss (2003) e suas relações de troca (materiais) capazes de conectar humanos e deuses.

Mais adiante vimos como esse conjunto de relações complexas migrou para análises cada vez mais simbólicas e semióticas, onde a compreensão das pessoas e dos objetos era mais uma interpretação comunicativa dos significados simbólicos ali impressos a serem lidos pelos antropólogos (GEERTZ [1973] 1989; SCHNEIDER, [1968] 2016). E com isto, o significado virou uma espécie de *Santo Graal* das análises antropológicas, o que por sua vez, cooperou para que a relação prática e sensorial do humano - material ficasse cada vez mais delegada ao campo discursivo da semiótica. O que foi duramente criticado por Gell (1998) e Milner (1993), os quais, dentre muitos outros, buscaram estabelecer de fato um campo da cultura material e suas complexidades cotidianas das relações entre *coisas* e pessoas.

Contemporaneamente muito tem se agregado a essa discussão sobre a relação humano - material (AHLERT; RICKLI, 2019), inclusive de uma perspectiva interdisciplinar entre comunicação e cultura (SANTAELLA; CARDOSO, 2015), ou de uma antropologia econômica sobre os artefatos e suas relações sociais no sistema capitalista (APPADURAI, 2008). No entanto, escolho avançar ao que aqui me será mais útil para discutir a complexa relação entre torcedores e/ou sambistas e os materiais que os cercam.

Para isto, demarco que algo importante das análises citadas acima, obviamente cada uma à sua maneira e de perspectivas históricas e contextuais distintas, é o mito humanista na qual elas foram construídas. Ou seja, onde todos os objetos e seres não humanos sempre orbitavam o humano da relação, numa espécie de antropocentrismo. Onde o material, o espírito ou os outros seres só entram em cena a partir de sua comunicação ou interação com o humano, que de certa forma *lhe dá vida* ou *age* sobre ele. Destaco que isso é só mais uma das consequências da cisão ocidental entre natureza e cultura, e mais precisamente da presunção do humano sobre a natureza²¹.

²¹ Algo já bastante superado na etnologia contemporânea (STRATHERN, 2017).

Caminho este muito estabelecido também nas pesquisas sobre torcidas organizadas. Por exemplo, nos estudos que, apesar de contemporâneos hoje já são tomados por “clássicos” da área, os materiais aparecem apenas quando utilizados pelos torcedores numa relação classificatória e funcional entre humano e material. Seja como identidade estética de suas marcas distintivas (TOLEDO, 1996), como instrumentos de enfrentamentos físicos de rivalidades juvenis (TEIXEIRA, 2003), ou como bandeiras de expressividades clubísticas (DAMO, 2002). O que, vale salientar, não tinha como ser muito diferente na época em que foram escritos, visto que a própria antropologia pós-social ainda estava se estabelecendo²².

Pode-se dizer o mesmo dos estudos sobre os materiais "do" carnaval, seja de áreas diversas como a administração e seu enfoque na logística dos materiais e na distribuição de tarefas a partir deles (CAMPOS & LOUZADA, 2012), ou da engenharia mecânica e seu olhar para os carros alegóricos como máquinas que sustentam o desfile, e não que desfilam (FERREIRA, 2019).

Vale dizer que, em trabalhos mais etnográficos, essa certa submissão passiva das *coisas* também é uma constante, como podemos ver no trabalho Azevedo (2010) em que as *fantasias negociadas* são meramente analogias para as relações políticas entre pessoas, Estado e políticas públicas. O que também ocorre no trabalho de Gabriel Oliveira (2021), o antropólogo e mestre sala, descreve a vida de aprendizagem do sambista, seus treinamentos, técnicas e manejos corporais, mas seguindo na linha em que os materiais (como sua própria fantasia) só existem na relação funcionalista do humano que age sobre eles.

No entanto, etnograficamente percebi que os materiais eram tão agentes sobre os torcedores e/ou sambistas quanto estes o eram sobre os materiais. E que no mundo sensorial que me inseri enquanto etnógrafo as *coisas* me pareciam tão engendradas nas formas de sociabilidade quanto as pessoas. Por isso tais análises não me cabiam mais, era necessário ir além, e discutir um mundo onde natureza (ambiente material) e cultura (pessoas) comportam, ambas, seres agentivos num coletivo em movimento.

Por isto, estabeleço como perspectivas teóricas iniciais deste trabalho: Bruno Latour (2012) para pensar o *descentramento do humano* e a interferência de diversos outros entes agentivos na constituição de *híbridos* em *mediação* desse *coletivo* entre humanos e materiais; e Tim Ingold (2012; 2015) para discutir os *fluxos de materiais* nos quais as pessoas e as *coisas* não são fontes terminadas e fechadas em seus significados, mas abertas e em constante processo

²² Ainda assim, um trabalho que de certa forma flertou com essa possibilidade da relação agentiva entre humanos e não-humanos talvez tenha sido o de Toledo (2013), o qual abordou a construção do estádio corinthiano e seu impacto frente ao entorno e as dinâmicas torcedoras.

relacional de disputas e ajustamentos²³. O que almejo argumentar, sobretudo com base nesses dois autores, é como nos Gaviões da Fiel as *coisas* também constroem pessoas e suas formas de sociabilidade.

Todavia, não me prolongarei aqui em toda a discussão teórica que proponho nesta dissertação, pois penso que em uma etnografia a teoria analítica é mais um complemento do que um pontapé inicial. Por isto, cada um dos conceitos e direcionamentos aqui apresentados brevemente serão retomados mais detidamente ao longo dos dados etnográficos, ainda nesse capítulo e, também nos próximos.

Sobre a observação empírica, antecipo que, ao decidir olhar para os materiais das práticas de sociabilidade gaviã em torno do carnaval e do futebol, foi necessário fazer um recorte mais delimitado sobre quais observar. Por mais que minha proposta de compreensão desse mundo sensorial da torcida-escola esteja alocada numa discussão maior em que todas as *coisas* ali inseridas são tão importantes quanto as pessoas que torcem e/ou sambam, a delimitação foi um caminho necessário, por questões metodológicas de uma pesquisa curta, como a de um mestrado. Segue abaixo então, um pequeno inventário dos materiais que abordarei aqui:

- ❖ **Bandeiras e bandeirões:** símbolos visuais da torcida-escola e/ou do Corinthians, desenhados em tecidos leves porém resistentes, geralmente em formatos retangulares, mesmo que de tamanhos diversos, quase sempre nas cores da entidade (preto e branco, com detalhes em vermelho). Os bandeirões, apesar de seguirem essa mesma lógica, são de tamanhos gigantes, quase sempre feitos de acordo com o espaço da arquibancada de um determinado estádio²⁴. Vale destacar que uma bandeira, a que representa o Pavilhão no carnaval (carregada pela porta-bandeira), foge totalmente a esta lógica, e é confeccionada com materiais pesados, mais plásticos e artesanais;
- ❖ **Mastro:** feitos de pedaços de bambu elaborados artesanalmente para sustentar uma bandeira sem pesar tanto na hora de bandeirar (ato de agitar a bandeira ritmicamente sem ocultar o símbolo ou enroscar no mastro);

²³ Vale destacar que Ingold (2011; 2012) critica fortemente Latour, sobretudo acerca da Teoria do Ator-Rede (TAR) proposta pelo autor. Ingold defende que essa agência distribuída entre as partes das linhas da rede que se conectam, na verdade são malhas que em seu emaranhado relacional já estão entrelaçadas pois fazem parte de um mesmo mundo. Apesar das abordagens parecidas com nomenclaturas diferentes, o que pretendo utilizar de ambos é justamente o ponto de encontro, em que as pessoas e os materiais fazem parte de um mesmo fluxo de sentido e construção da ação social.

²⁴ Por exemplo, o último bandeirão (7) confeccionado pelos Gaviões em 2019 mede 140x33, feito sob medida para a arquibancada norte do estádio corinthiano.

- ❖ **Faixas:** Tiras de tecido com grafias, inscrições e símbolos da entidade, pintados com tintas;
- ❖ **Instrumentos percussivos de bateria:** Surdos, caixas de guerra e baquetas. Instrumentos centrais tanto na bateria do carnaval quanto da batucada nas arquibancadas;
- ❖ **Arquibancadas:** superfícies cimentadas e construídas de acordo com a arquitetura do empreendimento. Aqui serão abordadas especificamente o setor norte do estádio corinthiano, onde ficam as organizadas, e diferente dos demais setores as cadeiras foram retiradas a pedido das próprias TO's, restando assim apenas concreto e barras de ferro fixas usadas como uma espécie de contenção. E também o setor B do sambódromo, lugar em que ficam os torcedores Gaviões quando a escola desfila, onde a superfície segue esses mesmos padrões de concreto, mas sem as barras de contenção.
- ❖ **Vestimentas:** roupas com símbolos e inscrições da torcida-escola, como camisas, bermudas, calças, jaquetas, bonés e toucas;
- ❖ **Fantasia:** vestimentas de desfile de carnaval, confeccionadas de acordo com o enredo em questão;
- ❖ **Sinalizadores luminosos:** artefato pirotécnico com efeito de luz e calor, geralmente na cor vermelha.



5. Bandeira de mastro, 2022.



6. Caixas de guerra, baquetas e surdo, 2022.



7. Sinalizadores, 2022.

Vale destacar que a escolha destes materiais em específico foi por dois motivos: o acesso que tive etnograficamente a estas *coisas* e as dinâmicas estabelecidas a partir delas e, também porque cada um destes materiais opera entre as práticas da torcida e a escola, o que aqui mais me interessa. Olhar para estes materiais é, portanto, adentrar ainda mais nessa complexa relação entre torcer e sambar nos Gaviões da Fiel.

Outro ponto a se destacar desde o princípio é a hierarquia dos materiais estabelecida pelas pessoas, o que aparecerá no decorrer de todo este trabalho. Por agora destaco a noção de *patrimônio*, pois etnograficamente talvez tenha sido uma das palavras que mais ouvi em campo, e foi olhando para as dinâmicas em torno das situações em que ela era empregada, é que percebi o quão necessário seria adentrar essa dimensão sacralizada das *coisas* em torno do torcer e do sambar nos GDF.

Longe de ser uma nomenclatura comum, que no dicionário está atrelada a posse de algo, trata-se antes de uma categoria nativa utilizada para indicar, segundo os torcedores e/ou sambistas, um conjunto de materiais onde a simbologia está para além das dinâmicas de uso e troca.

Muitos objetos são concebidos como patrimônios da agremiação e carregam um valor simbólico que, por vezes, se sobrepõe ao dos corpos que os ostentam, fazendo com que integrantes tenham brigado e até morrido em prol de sua defesa. Tal atributo recai nas faixas e bandeiras da torcida, pois são elas que quando tomadas por rivais são usadas como troféus na dinâmica das rivalidades (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 14).

Foi me atentando a esses materiais, que por serem lidos como sagrados (MENEZES BASTOS, 2021), constroem suas dinâmicas próprias de zelo e manuseio, que passei a me questionar dessa relação mais íntima entre pessoas e *coisas* nos GDF.

Pessoas ↔ Materiais: quem toca quem?

Como antecipado anteriormente, uma dimensão que tende a ser inevitavelmente tensionada aqui é a discussão sobre agência, pois ao falar de pessoas e materiais a tendência é que os pensamentos se dirijam a dois caminhos: o da agência humana sobre os materiais (consequência de anos de análises antropocêntricas); o da agência dos materiais sobre os humanos (um braço de interpretações do materialismo histórico)²⁵. E apesar de compreender a relevância histórica de ambos os movimentos, etnograficamente percebi que não faria muito

²⁵ Para críticas sobre os dois movimentos de agência consultar: Milner (1993); Gell (1998) e Ingold (2015).

sentido seguir por nenhum desses dois caminhos, o campo indicava outras dinâmicas competitivas.

Antes de entrar propriamente no que pretendo abordar aqui, ou seja, do torcer e do sambar serem frutos da confluência entre materiais e pessoas, e não de uma sobre a outra, começo com um exemplo etnográfico da relação entre dois materiais, as bandeiras e os mastros.

As bandeiras nos Gaviões aparecem de duas maneiras, ou amarradas e sobrepostas sobre estruturas estáticas, como uma espécie de decoração do ambiente em demarcação de território, algo muito comum nos estádios durante a pandemia e na quadra-sede cotidianamente, ou investidas de mastros para serem tremuladas nas dinâmicas torcedoras. Apesar disto, nas formas de sociabilidade em torno do torcer e do sambar o valor simbólico e sensorial está sobretudo nesta segunda maneira.

Para os Gaviões as bandeiras sem mastro e os mastros sem bandeiras são quase que materiais incompletos²⁶, de modo que o papel humano, se é que assim podemos dizer, está em justamente aproximá-los, ou não deixar os materiais isolados das potencialidades agentivas presentes em suas associações coletivas (SAYES, 2013). Onde a bandeira e o mastro se tornam uma única *coisa*, a tão aclamada "bandeira de mastro".

Alargo esse exemplo etnográfico ainda mais para a relação humana com os materiais, justamente por entender que não se trata de uma questão de agência de um lado ou de outro, mas sim da relação entre ambos, que se tornam nessa dinâmica, seres *híbridos actantes* (LATOUR, 1994; 2012). Afinal, “(...) ação não é uma propriedade dos humanos, mas de uma associação de actantes²⁷” (LATOUR, 1994: 35).

Neste sentido, o agenciamento é o produto do híbrido, da junção [humano - materiais]. Se há intenção em um ator social, ela é, claramente, dada pelo produto conjugado entre o humano e o não humano. A consequência radical desta tese é que o ser humano não é um ator social, ou ao menos não o é se lhe forem tolhidos todos os meios não humanos que lhe permitem agir. (SANTAELLA & CARDOSO, 2015, p. 177. Grifo meu).

²⁶ Tanto que uma das maiores disputas jurídicas nas quais as TO's estão envolvidas na cidade de São Paulo, é justamente pelo retorno da permissão das bandeiras de mastros nas arquibancadas do futebol. Sobre isso consultar: <<https://www.band.uol.com.br/esportes/bandeiras-estadios-sao-paulo-16451383>> Acesso em: 07/05/2022.

²⁷ O termo actante é a maneira que Latour (1994; 2012) encontra para dissolver a cisão sujeito/objeto, sociedade/cultura. Com isto, o autor propõe que ambos são actantes, o que, grosso modo, significa que ambos fazem o outro fazer. "Assim, a simetria entre actantes propõe conciliar as esferas do sujeito e do objeto, do sociologismo e do materialismo, do humanismo e do antihumanismo. Simetria de direitos, em Latour, refere-se ao modo como os actantes remodelam propriedades sociais pelo entrecruzamento de programas de ação. (...) O importante é que tal conhecimento não é uma característica humana nem não-humana, mas uma propriedade da relação". (SANTAELLA & CARDOSO, 2015, p. 174).

Portanto, o que proponho aqui é “(...) seguir as forças e fluxos dos materiais (...)” (Ingold, 2012. p. 38) nessas *associações* entre torcedores e/ou sambistas nos Gaviões da Fiel. Pois, etnograficamente, torcer e sambar me pareceram práticas sensoriais em que humanos e materiais se tocam numa *ontologia achatada* (LATOUR, 2012), onde “(...) observam-se, além dos sujeitos, muitas outras entidades em deslocamento, de modo a tornar fenômenos mais sutis perfeitamente visíveis e não mais confinados à esfera do sujeito, mas sim à relação social”. (SANTAELLA & CARDOSO, 2015, p. 179).

E se, como vimos no exemplo da bandeira de mastro, o poder agentivo está na associação dos dois materiais (a bandeira e o mastro), o mesmo vale para pensar a caixa de guerra e as baquetas. Mesmo que se trate de dois materiais distintos, ambos só acontecem na relação de um com o outro. Assim como as faixas sem a pigmentação da tinta se tornam ineficazes. Afinal, como afirma Ingold (2011, p. 30)

Toda propriedade é uma história condensada. Para descrever as propriedades dos materiais é preciso contar as histórias sobre o que acontece com elas à medida que vagam, se misturam e se alteram (...) As propriedades dos materiais, em resumo, não são atributos mas histórias.



8. Caixa de guerra e baquetas, 2022.

Penso que são essas histórias no vagar das *coisas* que, nesse sistema relacional entre materiais e pessoas nos GDF que permeiam a sociabilidade sensorial do torcer e do sambar. Onde ser humano ou material não é propriamente a questão, e sim a relação de ambos na construção das práticas da torcida-escola. Pois etnograficamente pude perceber que ser torcedor sem materiais talvez seja o equivalente a ser material sem associação humana, ambos, naquele contexto torcedor, parecem incompletos e isolados da ação social.

E é aí que entra a importância da *mediação técnica* (LATOUR, 2012), ou seja, a compreensão de que ambas as coisas são o produto de uma associação coletiva:

(...) uma confluência entre homem e artefato, a qual deveria soar trivial: homens e armas mudam a partir da existência de humanos com armas. Desse modo, a associação resultante (inteligência/técnica), não pode ser descrita nem pelo homem nem pela arma, já que as partes isoladas não contêm os atributos do todo. Dito de outra forma, Latour apresenta como alternativa, para o problema da primazia do homem sobre a máquina ou da máquina sobre o homem, **o conceito de mediação técnica, que vê em ambos um par dialógico simétrico e uma gênese de propriedades novas, dada pela conjunção homem-máquina.** (SANTAELLA & CARDOSO, 2015, p. 169 - 170. Grifo meu).

Logo, o poder agentivo ou a intencionalidade não está em A (torcedor/sambista) ou B (material), mas na relação associativa entre A e B. A perspectiva teórica de todo este trabalho se baseia, então, na primazia da relação, seja da relação entre pessoas e *coisas* e/ou da relação entre futebol e carnaval nos GDF. Tudo aqui é uma questão relacional.



9. Torcer é relação, 2019.

1.2. Coisas e(m) suas narrativas

Delimitado o que quero dizer ao me referir sobre as *coisas* nos Gaviões, penso ser fundamental destacar como isso não surgiu do nada, mas veio sendo construído ao longo dos anos amparado em negociações e disputas em torno de narrativas. Afinal,

(...) Consideradas como ferramentas, **as coisas são suas estórias**. Estamos, obviamente, mais acostumados a pensar em ferramentas como tendo certas funções. Meu ponto, no entanto, é que **as funções das coisas não são atributos, mas narrativas. Elas são as histórias que contamos sobre elas**. (INGOLD, 2015, p. 101-102. Grifo meu).

A partir disso, passei a me perguntar quais eram as histórias que os Gaviões contavam sobre suas *coisas*. Lembro-me de uma situação esporádica no campo, ainda nas primeiras incursões, quando ouvi uma conversa paralela em que disseram: "(...) ele não é da bandeira, ele é do surdo". Apesar de ser um indicativo de que fulano não faz parte do departamento de bandeiras, mas sim da bateria, onde toca surdo, a forma oral empregada me intrigou. Aquele contexto indicava, como discuti anteriormente, uma inversão da lógica sujeito e objeto, mas tudo isso dentro de uma narrativa em que *ser da bandeira ou do surdo* traz consigo muitos significados para além da relação direta com o material.

O mesmo pode ser visto nas caravanas da torcida, em que o chavão utilizado discursivamente, e, também escrito em postagens dos integrantes nas redes sociais é: "a faixa vai a faixa volta". Uma alusão direta ao protecionismo que se dá para o material em possíveis enfrentamentos, mas também mais um dos exemplos em que as *coisas* podem ocupar os lugares de pessoas em meio ao coletivo, a depender da narrativa contextual.

Em pesquisas mais históricas (CANALE, 2020; HOLLANDA & FLORENZANO, 2019), levantamentos sobre matérias jornalísticas (HOLLANDA & CHAIN, 2020), documentários audiovisuais²⁸, fotografias antigas disponíveis no acervo nativo, e constante diálogo etnográfico baseado em memória oral, é possível ter uma dimensão de como eram as *coisas* na torcida-escola. Esses fragmentos históricos que busco discutir neste tópico denomino como narrativas, tanto para fugir de uma historicidade factual e linear, como para demonstrar que até mesmo o resgate histórico sobre as *coisas* dos Gaviões é fruto de disputas por narrativas a serem ou não lembradas e registradas.

²⁸ Como em "Territórios do Torcer", disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms&t=5s>> Acesso em 17/04/2022.

Antecipo que não existem datas exatas dos primeiros usos dos materiais nos GDF, pois como venho destacando aqui, os materiais nunca foram notados com algum protagonismo, nem mesmo nos registros históricos nativos. Por exemplo, o Acervo dos Gaviões, apesar de ser um museu nativo de "materiais de memória" (Cf. Capítulo 3), ele não possui nenhum levantamento específico sobre os materiais. Portanto, escrever sobre a história dos materiais é como confeccionar uma colcha de retalhos só com a agulha e quase sem os retalhos a disposição.

Por esse desencontrar da história das *coisas* em torno do torcer e do sambar na entidade, é que penso que as narrativas talvez sejam mais relevantes. Pois tudo o que a etnografia pode acessar são versões do que as pessoas escolheram lembrar e contar. O que, vale destacar, não tornam essa memória oral menos assertiva. Afinal, nas tradições orais dessa *cultura de fresta* (SIMAS, 2020) das torcidas-escolas o sentido narrativo atua mais que o rigor factual.

O mito da criação do surdo de terceira por seu Miquimba – e aqui vale mais, como nas culturas orais, o sentido do que é relatado do que o rigor factual – é dos mais pertinentes para se pensar as culturas de fresta; aquelas que driblam o padrão normativo e canônico e insinuem respostas inusitadas para sobreviver no meio que normalmente não as acolheria. O surdo de terceira inventa a vida desconforto, na precariedade, no perrengue de ter que preencher o vazio (...) (SIMAS, 2020, p. 27).

Ao seguir nessa leitura tentarei driblar também esse padrão normativo de contar a história, e ao invés de trabalhar com datas do aparecimento de cada material e sua função, focarei nos processos das disputas de uma construção narrativa que cada uma das *coisas* teve na relação com o torcer e com o sambar nos Gaviões da Fiel.

Os materiais da fundação

Li e ouvi muito sobre a fundação dos Gaviões da Fiel. Todas as narrativas bastante parecidas, exaltando o caráter contestador e político do grupo de torcedores que se reuniu organicamente nas arquibancadas, se organizando contra um regime ditatorial instalado na presidência do Corinthians através da figura de Wadih Helu.

No entanto, o que pouco recebeu enfoque nas pesquisas, mesmo que tenha sido uma das primeiras palavras ditas nas narrativas de memória oral dos fundadores, foi que antes mesmo do estatuto e das pautas organizadas em torno dessas reivindicações políticas, estavam os materiais. E, como atesta, em entrevista, Cláudio Romero, o Vila Maria, um dos fundadores dos Gaviões da Fiel e também da Camisa 12, foi justamente uma disputa de materiais que de certa forma provocou a organização coletiva, afinal, "(...) O Wadih Helu, presidente do clube na

época, patrocinava uma batucada, que servia, na verdade, para abafar as vaias e controlar a torcida". Foi então que,

Em 1967, começou a aparecer nos estádios um pessoal levando bandeiras grandes com haste de bambu ou de PVC. (...) as pessoas que carregavam bandeiras começaram a se sentar juntas na arquibancada e a levar instrumentos também. Cada um cuidava do seu, não havia nada planejado. Aos poucos, eles passaram a se encontrar fora do estádio duas horas antes do jogo e criou-se um primeiro senso de organização (...). (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p 159).

Diria então, que a primeira organização dos GDF (antes mesmo de se tornarem Gaviões, o que ocorreu oficialmente em 1969) foi viabilizada materialmente. E, segundo o que se vê por meio das narrativas orais, sem os materiais tomando as arquibancadas antes que ainda houvesse uma consolidação das ideias, dificilmente seria possível um tipo de organização torcedora independente do clube que não começasse assim, por meio do impulsionamento das *coisas* sobre as pessoas. E foi entendendo a potencialidade dessa relação que a fundação foi sendo aos poucos estabelecida. Segundo Vila Maria,

A partir de um dado momento, todo aquele pessoal das bandeiras, do qual eu fazia parte, começou a usar camisas iguais do Corinthians com a inscrição "fiel". Isso deu um sentido de torcida uniformizada. Ainda não era organizada, pois lhe faltava o estatuto. Depois, passamos a vestir camisas inspiradas no segundo uniforme do time e formávamos um grupo de sessenta a setenta torcedores, número razoável para época. (...) nos interessamos pela ideia de nos organizarmos. Então, usávamos a mesma camisa e levávamos bandeiras e instrumentos". (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 160 - 161).

Os materiais que, como bem pontuado por Toledo (1996) se tornaram rapidamente *marcas distintivas* de uma identidade coletiva que se estabelecia. Também pareciam indicar, naquele momento, ser uma linguagem de expressão política, como novamente indica a fala de Vila Maria: "(...) portávamos um monte de faixas com escritos como 'fora Wadih' e 'Chega de fila'". (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 163). Mas também, e até mais intensamente, de um sentido sensorial do torcer, como atesta a fala de Vila Maria: “Quando quebramos o tabu de onze anos sem vencer o Santos, em 6 de março de 1968, já tínhamos um núcleo com bandeiras grandes (...).” (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 161).

De modo que, ainda em 1968 a ausência dos materiais nas arquibancadas se tornaria então uma das formas mais expressivas de protestos, como indica a fala do mesmo torcedor:

(...) ocorreu uma partida em que perdemos para o Palmeiras por 3 a 2. No primeiro tempo, os alviverdes saíram de campo vencendo por 3 a 0 e aquele grupo já organizado decidiu deixar a arquibancada.(...) Aquela saída em massa, com as bandeiras, gerou muita repercussão. Além disso, enquanto deixavam o estádio, gritavam: "A Fiel, cansada, vai embora envergonhada". (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 164).

Ainda que os materiais sempre aparecessem nas narrativas de fundação da torcida-escola, o enfoque do contar essa história era também naquela chave do humano sobre o material, e não da relação construtiva entre ambos. Não à toa, em uma pergunta que se pretendia esmiuçar o progressismo político de fundação dos Gaviões, inclusive citando o fato do Frei Betto ter comentando sobre a morte de Carlos Marighella ter sido anunciada no intervalo de um jogo do Corinthians, Vila Maria responde assim:

Sim, eu estava nessa partida. Naquele dia, vencemos por 4 a 1 e ainda desperdiçamos um pênalti. Esse confronto havia sido adiado por causa de uma chuva forte e foi realizado durante a semana. **Nesse dia, eu perdi uma bandeira da qual gostava muito! Nós costumávamos carregá-la do lado de fora do ônibus e ela enroscou em uma das rodas. Era uma bandeira com mais de duzentos retângulos pretos e brancos que minha mãe havia costurado. Imagine o trabalho que isso deu! Ela foi uma das maiores costureiras de faixas. [Risos].** (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 169. Grifo meu).

Mais do que falar da política que permeou a fundação desse *ethos progressista* dos Gaviões da Fiel (ANDRADE, 2022), o que mais interessava e segue interessando aos interlocutores é bradar aos quatro cantos sobre sua relação de memória afetiva com as *coisas* do torcer, e isso me parece ser uma herança dos *materiais que fundaram a torcida*.

Anos mais tarde, as consequências dessa fundação materializada já apareciam nas primeiras análises sobre os torcedores organizados, que apontavam a importância motivadora da relação com os materiais, ainda que numa perspectiva classificatória e funcional do humano que usa as *coisas* como mero simbolismo e marca.

As maiores motivações em participar de uma Torcida são armazenadas nestes símbolos e marcas, que ordenam determinadas experiências, ou seja, de ocupar os espaços públicos na condição de torcedores organizados. A camisa relaciona-se a uma certa conduta estética; assumir-se enquanto membro de uma Torcida Organizada é, sobretudo, assumir seus símbolos e marcas (TOLEDO, 1996, p. 57).

Vale dizer que todos esses movimentos dos materiais em torno do torcer na fundação dos Gaviões também flertavam constantemente com a atmosfera carnavalesca que pairava sobre as arquibancadas.

Apesar do carnaval oficial ter incorporado as TO's como protagonistas na passarela a partir dos anos 2000, sua expressividade estética sempre esteve de alguma forma presente nas arquibancadas. Uma prática usada na saudação, que curiosamente hoje é tida como apenas carnavalesca, era o tratamento festivo com papéis picados jogados na entrada dos times no gramado, os cantos das arquibancadas embalados pelos instrumentos musicais - num primeiro momento de sopra e mais adiante predominantemente percussivos -, bandeiras sustentadas por mastros, grandes faixas, sinalizadores luminosos etc. (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 11).

Não à toa, os primeiros membros dos GDF já vivenciavam o carnaval em escolas de samba de suas regiões. A ponto de, ainda nos primeiros meses de fundação da torcida, já existir uma organização interna para que os torcedores compusessem uma ala específica dos Gaviões da Fiel no carnaval da Vai-Vai²⁹.

Por mais que os relatos históricos desta época só liguem os fatos das participações efusivas em ambas as coisas (na arquibancada e na avenida), acredito ser bastante plausível sugerir que a relação materializada com o torcer dos Gaviões da Fiel também tenha se associado, em muito, com a plasticidade do samba. O que já adentrava sobre as torcidas no geral, mas se intensificava ainda mais nos primeiros passos dos Gaviões, em específico, no carnaval paulistano.

Na década de 1970, nós [Camisa 12] éramos maiores [que os Gaviões] em termos de presença no estádio. No Brasil, ninguém levava mais bandeiras do que nós. **Havia uma disputa quanto a quantidade delas e a respeito da qualidade da bateria. O Pacaembu era uma festa! Os torcedores comuns costumavam chegar cedo ao estádio, seguramente, para acompanharem a entrada da Camisa 12 e da Gaviões da Fiel. Parecia um desfile de carnaval.** Era de arrepiar. (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 178. Grifo meu).

O aspecto carnavalesco nas torcidas organizadas que se tornaram também escolas de samba, como no caso dos Gaviões da Fiel, passou a ganhar cada vez mais protagonismo, inclusive no uso dos materiais em torno de sua construção estética ao longo do tempo. Pois, se como vimos, as *coisas* proporcionaram uma possibilidade de organização política e social em torno do torcer e do sambar, elas também foram decisivas no cotidiano das novas formas de sociabilidade no interior das torcidas-escolas e suas relações para com o mundo.

Temporalidades: das proibições as atualizações

Como já dito, em um contexto de cultura popular, como das torcidas-escolas, a oralidade é bem mais frequente do que qualquer outra forma normativa de registro (SIMAS, 2020). E como as tradições são fruto de disputas pelas narrativas dessa história oral que se repete, muitos

²⁹ Esses associados chegaram a mobilizar cerca de 200 a 300 torcedores no carnaval da Vai-Vai, o que pouco tempo depois acabou se tornando um bloco independente da torcida no carnaval da cidade, anos mais tarde se constituindo como uma escola de samba do carnaval paulistano. Como acrescentam Hollanda e Quevedo (2019): "Já em 1975, o grêmio torcedor institui um bloco carnavalesco, vencedor de sucessivos desfiles de rua nos anos 1970 e 1980. Em 1988, após 13 títulos de carnaval consecutivos, o bloco torna-se uma Escola de Samba e passa a desfilar no carnaval, entre as principais agremiações. As conquistas se sucedem até o presente momento, sendo que, por quatro vezes, os Gaviões venceram o Grupo Especial do carnaval de São Paulo".

acontecimentos passam despercebidos ou lidos como irrelevantes pelo senso comum ou até mesmo por pesquisadores, esse é o caso dos materiais em relação com o torcer e o sambar nos GDF.

Retomar algumas coisas debaixo do tapete me servirá então para demonstrar como a temporalidade processual da construção das tradições e das práticas nos diz muito sobre a vida material da entidade ao longo da história. Começemos pelas vestimentas, mais especificamente com as camisas. Numa concepção clássica,

A camisa da Torcida Organizada expressa o pertencimento ao grupo. Revela o afeto ao time tanto quanto à própria Torcida. Ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles. A camisa demarca entre os torcedores uma certa *distância simbólica* entre aqueles que a usam dos *torcedores comuns*. (TOLEDO, 1996, p. 57).

Ao seguir nesta chave, da camisa como demarcação identitária, temos atualmente a tradição do "mar negro" nas arquibancadas gaviãs. Apesar de parecer, isso não foi uma coisa arquitetada desde o início, na verdade, as primeiras vestimentas da torcida nas arquibancadas eram brancas e não pretas como são hoje. No entanto, atualmente a cor preta está tão enraizada na identidade estética do coletivo que poucos imaginam que isso não é uma das heranças de sua fundação³⁰.



10. Camisas branca e preta dos GDF. Fotoetnografia de Marianna Andrade, 2019.

³⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/gavioesoficial/status/616241205203083264>> Acesso em 12/04/2022.

Avançando essa discussão dos materiais em torno de uma construção estética do coletivo, para o que apresento aqui como uma constituição da pessoa torcedora e/ou sambista,

Alguns objetos torcedores provocam potências transformadoras e relacionais importantes, marcando ambiguidades e instabilidades contextuais. Bandeiras, mas, sobretudo **as camisas, como peles que definem a pessoa torcedora e sua pertença, retêm propriedades agentivas coletivas, que atualizam a dialética entre jogar e olhar, em que o torcedor vestido (uniformizado) incorpora propriedades do jogar.** (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 6. Grifo meu).

Esse *torcedor vestido* incorpora então, por meio de sua relação com os materiais, potencialidades que ambos (o torcedor e a camisa) não alcançariam isolados um do outro. Tanto é que o desenrolar histórico nos demonstrou que a grande maioria das investidas contra os torcedores organizados, através dos discursos de diminuição da violência, foram justamente buscando separar *a pessoa que torce* de seus *materiais torcidos*.

Como exemplo etnográfico disso temos a "camisa da proibição" (toda preta apenas com o símbolo do Corinthians e as listras brancas duplas no topo e no fim da manga, indicando a identidade indireta dos Gaviões). A Camisa foi confeccionada sem a identificação dos Gaviões justamente para burlar o período da proibição que recaiu sobre a torcida, nos anos 1990, quando os torcedores organizados foram proibidos de entrarem nos estádios com seus materiais identitários (TOLEDO, 1997; REIS, 2006; HOLLANDA & MEDEIROS, 2016; MURAD, 2017).



11. Camisa da proibição, 2022.

Penso ser sintomático que mesmo que a punição vise desagregar o coletivo a partir da retirada da camisa que lhe atribui identidade, a resposta nativa é justamente criar um outro material sem os símbolos identitários (sem o gavião ou a inscrição Gaviões da Fiel) e, ainda assim, atribuir um novo sentido identitário a esse material, agora a partir de sua predominância da cor preta que, quando reunida em bloco nas arquibancadas, se torna o que eles chamam de "mar negro".

Ou seja, um ato contra uma certa identidade coletiva (institucional), acaba se transformando em mais uma possibilidade de transformação de um artefato, lido como meramente estético (uniforme), para algo ainda mais incorporado à construção da pessoa subversiva do ser gavião.

Portanto, existe um duplo processo histórico que perpassou a relação das pessoas com os materiais nas torcidas-escolas, a saber: 1. as proibições que recaíram sobre um conjunto de materiais por parte das organizações estatais (PM e MP) e confederações organizadoras (FPF, CBF, CONMEBOL, FIFA); 2 as atualizações que isso provocou na relação da pessoa com os materiais. A seguir discutirei esses dois movimentos.

A violência e os materiais como armas

A violência nas torcidas-escolas é uma questão inevitável de se abordar, no entanto, adianto que aqui não irei me debruçar na questão mais ampla dessa discussão já bastante explorada na literatura (SILVA, 1996; TOLEDO, 1996; 1997; 2012; 1997; REIS, 2006; CANALE, 2012; HOLLANDA & MEDEIROS, 2016; MURAD, 2017).

O que pretendo é demonstrar como a sociabilidade torcedora está imersa nos materiais, inclusive no que se refere aos enfrentamentos e embates físicos, popularizados maliciosamente por meio da expressão englobante da "violência torcedora".

Maliciosa não porque descompromissada da realidade dos confrontos torcedores que, de fato, permeiam essa sociabilidade masculinizante, mas porque, antes, tratou-se de mais uma estratégia convencionalizante no sentido de afastar o torcer popular do jogar (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 10).

As narrativas orais colhidas no campo, e também as resgatadas na literatura (TOLEDO, 1996; HOLLANDA & FLORENZANO, 2019), dão conta de que a efervescência dos conflitos violentos entre torcedores no Brasil visava, a priori, tirar da pessoa os atributos materiais que a

tornava torcedora organizada. Como se pode notar na fala de Adamastor, ex-presidente da São Paulina Torcida Independente Tricolor: "Quando o cara caia no chão, ou alguma coisa parecida, sabe qual era a primeira reação de qualquer pessoa? Tomar a camisa, o prêmio da briga era tomar a camisa do cara da torcida organizada"³¹.

Com o passar do tempo e as mudanças política sociais nas quais, as torcidas-escolas, imersas nessa sociabilidade juvenil e periférica (TOLEDO, 1997) foram sendo moldadas, o embate físico foi se tornando cada vez mais uma linguagem impressa nesse modelo de sociabilidade viril adotado pelos torcedores, fazendo com que, não sejam poucos, os episódios em que muitos materiais tenham sido usados como armas em brigas.

No entanto, vale salientar que apesar de bambus (mastros de bandeiras), partes de instrumentos musicais e sinalizadores já terem sido atirados como armas de ataque, o mais comum sempre foi, em enfrentamentos generalizados, os usos de materiais da própria arquitetura dos estádios e seus entornos, como barras de ferro arrancadas do alambrado, cadeiras, paus e ferros estruturais, dentre outras coisas.

O mesmo vale para *pistas*³² distante das praças esportivas, em que se usam materiais encontrados pela rua ou até mesmo levados de casa, o equivalente a barras de ferros e paus, ou qualquer outro tipo de arma, como soco inglês ou facas, em casos mais esporádicos inclusive armas de fogo. Mas ainda assim, mesmo nessa *sociabilidade de pista*, os materiais da torcida-escola seguem sendo apenas fonte de roubos e furtos, ou seja, tomados como prêmios pela vitória no enfrentamento, e não como armas de ataque e/ou defesa.

Tanto é, que parte importante dessa forma de sociabilidade de enfrentamento de *pista* são os cuidados que se dão aos materiais *patrimonializados* (faixas, bandeiras e camisas). Proteger as *coisas*, na maioria das vezes, é mais importante do que ganhar a briga. Etnograficamente soube inclusive de associados que após terem perdido uma briga receberam punições, mas não pela derrota e sim por terem "permitido" que tomassem uma faixa.

Ainda assim, a resposta dos órgãos competentes segue sendo a judicialização punitiva do torcer, e mais especificamente sobre o modelo carnalizado e popular da prática, culminando assim, em cada vez mais proibições sobre os materiais, além da política de torcida única nos clássicos paulistas (ORLANDO, 2018) e o aumento massivo da precificação dos ingressos, mudando assim não só as formas de torcer como também o perfil das pessoas que torcem (HELAL, 1997; TOLEDO, 2002[2021]; SIMÕES, 2017).

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms&t=5s>> Acesso em 17/04/2022.

³² Termo nativo utilizado, sobretudo no contexto paulistano, para indicar enfrentamentos físicos de rua. Ir para "pista" ou ser de "pista" significa então torcedores que estão direcionados para brigas e enfrentamentos físicos.

O ápice da crise entre associativismos torcedores e setores do poder público na cidade de São Paulo se deu justamente com o acirramento das contendidas em torno de militâncias torcedoras ao longo da década de 1990. Militância marcada, sobretudo, pelos enfrentamentos físicos entre corpos masculinos. Um icônico artefato, que ganhou as páginas dos jornais daquela época, até mesmo em função do seu caráter dramático e bélico, mais do que pela sua eficácia, foram as bombas caseiras (bolas de gude misturadas à pólvora formando pequenas trouxas) que imprimiram às transgressões a imagem de banditismo, que serviria de mote ou gatilho para que transformações se acelerassem no arranjo do futebol institucionalizado. De modo geral, as organizações torcedoras pagariam sozinhas o preço jurídico e político pelo deliberado abandono do modelo de espetáculo futebolístico assentado na presença física e carnalizada das torcidas nos estádios na cidade de São Paulo. (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 8).

As incontáveis proibições históricas direcionadas às torcidas foram, fundamentalmente, regulações sobre a entrada ou não dos materiais em ambiente de jogos. Até meados dos anos 1980, como dizem os próprios torcedores, atestado na fala de Dentinho, "(...) tudo era liberado: faixas, rojões, papel higiênico..." (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p 306), já hoje, após os anos 1990 e a fatídica "batalha campal", como eles mesmo dizem: "tudo é proibido".

A batalha campal, episódio de briga generalizada das torcidas de São Paulo e Palmeiras no Pacaembu em 1995³³, já foi objeto de muitas análises (SILVA, 1996; TOLEDO, 1996; 1997; REIS, 2006; CANALE, 2012, 2020; HOLLANDA & MEDEIROS, 2016; MURAD, 2017; HOLLANDA & FLORENZANO, 2019). Todavia, pouco se explorou sobre os materiais utilizados como armas na briga: paus, barras de ferros e pedras. Colhidos das arquibancadas do próprio estádio que estava em reforma na época.

Apesar das arquibancadas estarem repletas de bandeiras de mastros, instrumentos musicais e sinalizadores luminosos³⁴, nenhum desses materiais foi utilizado como arma. Ainda assim, esse episódio decretou um marco na tentativa de proibição das torcidas organizadas na cidade de São Paulo, inclusive ainda sendo usado até hoje discursivamente para justificar a proibição dos materiais nas torcidas-escolas.

Outro caso que me parece emblemático é o do sinalizador luminoso. Poucos materiais têm o poder de mudar rapidamente um ambiente como os sinalizadores luminosos quando acesos, e até por isso, entre os interlocutores percebi que eles são um dos materiais mais desejados para a prática pirotécnica do torcer. No entanto, depois de muito comuns no Brasil e

³³ Como aponta Canale (2020, p. 335): "Os eventos belicosos envolvendo os torcedores paulistas atingiram seu maior grau de exposição público-midiática na chamada Batalha Campal do Pacaembu, no dia 20 de agosto em 1995, evento que deixou 102 pessoas feridas e vitimou o torcedor Márcio Gasparin numa partida entre São Paulo e Palmeiras (TOLEDO, 1996). As cenas da briga, registradas pelas emissoras de televisão, estimularam atitudes do poder público mais incisivas para o fechamento dos grêmios de torcedores, taxados como os principais responsáveis pelo ambiente vandálico dos estádios de futebol profissional".

³⁴ Imagens disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRJOJ_ctELk> Acesso em 17/04/2022.

na América do Sul, eles entraram, na contemporaneidade, na larga lista proibitiva³⁵ das comissões organizadoras.

Sob a justificativa de contenção a violência e maior controle do espetáculo, as estratégias pensadas, como o

(...) acordo elaborado pela Polícia Militar, em conjunto com o Ministério Público do Estado de São Paulo, o Poder Judiciário e a Federação Paulista de Futebol (FPF), e levado às torcidas organizadas paulistas que, entre outras questões, (...) proíbe os sinalizadores e a torcida visitante em clássicos. (EL PAÍS, 2017).

No entanto, o curioso é a falta de justificativas para a proibição dos artefatos em questão. Por exemplo, a Federação Paulista de Futebol justifica que é por causa da PM: “A Polícia Militar diz que isso cria problemas com relação à segurança do estádio. A FPF respeita as normas de segurança (...)” (EL PAÍS, 2017). Já a PM justifica estar seguindo uma lei: “Como verificado, a utilização de sinalizadores nos estádios possui proibição legal” (EL PAÍS, 2017).

A proibição no qual a PM se ampara é a do Estatuto de Defesa do Torcedor³⁶, mais especificamente o Capítulo 4 do Art. 13-A, sobre "condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo", que traça como dever do torcedor "não portar objetos que gere ou possibilite atos de violência no estádio". Apesar do texto genérico em nada indicar o sinalizador luminoso, a associação do artefato a violência é bastante comum, sobretudo após o episódio recente de morte envolvendo os próprios Gaviões da Fiel³⁷.

Em 2013, durante um jogo do Corinthians pela Copa Libertadores da América, em Oruru, na Bolívia, um torcedor boliviano, Kevin Espada, morreu imediatamente após ser atingido no olho por um "foguetes" sinalizador disparado da torcida corinthiana. Vale destacar que além de ter sido o único episódio ao longo da história, não se tratava de um sinalizador luminoso (estático), mas daqueles de embarcações (que dispara).

³⁵ Por exemplo, na lista de materiais proibidos pela CONMEBOL constam 21 itens, dentre eles: bandeirões, sinalizadores, máquinas de fumaça, rolos de papel higiênico, etc. Disponível em: <<https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/2022/03/REGLAMENTO-DE-SEGURIDAD-espanol-EDITADO-28-03-VER-2.pdf>> Acesso em 17/04/2022.

³⁶ Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO_DO_TORCEDOR.pdf> Acesso 17/04/2022.

³⁷ Cabe citar também um episódio que aconteceu na noite do desfile de carnaval dos Gaviões da Fiel, agora em 2022 mesmo. Segundo reportagens, um sinalizador luminoso parece ter caído da mão de um dos torcedores sobre um dos camarotes do Anhembi, que prontamente respondeu exigindo que os sinalizadores fossem apagados. Após a recusa, bebidas foram atiradas do camarote em direção aos torcedores que, por sua vez, invadiram o camarote e tudo se tornou uma briga generalizada. Para saber mais: <<https://www.terra.com.br/diversao/carnaval/desfile-da-gavioes-termina-com-briga-entre-torcida-e-camarote-video.48804bdedd9c943b2d7aab6d0b809b80gx0pfcgr.html>> Acesso: 07/05/2022.

Apesar da grande repercussão pela morte, o episódio tem algumas diferenças fundamentais quando comparado ao uso de sinalizadores comuns pelas torcidas de futebol. O sinalizador que matou Kevin Espada é dez vezes mais potente que um “normal” e serve para utilização em navios; seu projétil alcança até 300 metros de distância com o impulso. O artifício considerado comum, proibido nos estádios brasileiros, não solta nenhum foguete – apenas emite luz e fumaça. (EL PAÍS, 2017).

Ainda assim, esse caso é mobilizado para prontamente associar pirotecnia à violência, e os sinalizadores luminosos como "armas dos torcedores"³⁸. E olha que

(...) a pirotecnia é liberada na maioria dos grandes centros de futebol pelo mundo. Nas barras argentinas e uruguaias, na Muralha Amarela, do alemão Borussia Dortmund, no leste europeu e até nas torcidas da norte-americana MLS (Major League Soccer) torcedores acendem seus sinalizadores sem que haja qualquer punição. No Brasil, qualquer sinal de fumaça vindo da arquibancada é motivo para que o jogo seja paralisado pelo árbitro e a torcida ao menos notificada. Resistir à proibição, burlando as revistas na entrada dos estádios e acendendo os sinalizadores durante os jogos, é a forma de protesto encontrada pelas torcidas. (EL PAÍS, 2017).

Contemporaneamente, sobretudo na cidade de São Paulo, aquela reconhecida como a mais conservadora nas políticas em torno do torcer (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021), as torcidas-escolas só podem entrar nos estádios com os seguintes materiais: 7 instrumentos musicais, 1 faixa e 1 bandeirão (sem mastro)³⁹. E todos passam por uma criteriosa vistoria da PM, cheguei a presenciar algumas e não são nada amistosas, mesmo que sejam sempre os mesmos torcedores os responsáveis, e já conhecidos pela PM.

Para além disso, apenas corpos, camisas e vozes são os instrumentos do torcer autorizados. E a justificativa das proibições segue sendo a de que mastros, sinalizadores, mais instrumentos de bateria, faixas e bandeirões seriam possíveis *armas* em eventuais brigas.

O raciocínio, portanto, seria que torcedores com determinados materiais estariam mais próximos de atos de violência, os quais as políticas públicas visam combater. No entanto, isso durante a pandemia se revelou ainda mais problemático, preconceituoso e infundado. Visto que, na ausência de torcedores nos estádios por conta do confinamento em massa e das medidas sanitárias, incontáveis faixas, bandeiras, sinalizadores e mosaicos foram proibidos de serem colocados nos estádios sob a justificativa de incitarem a violência, mesmo sem os torcedores presentes para serem "incitados"⁴⁰.

³⁸ Um outro impulsionador dos discursos proibitivos foram os episódios de fogo em papel-higiênico/serpentina, sobretudo no Morumbi nos anos 1990. O pessoal das cadeiras numeradas hora ou outra ateavam fogo nos papéis que se acumulavam ali vindo das TO's, que usavam para celebrar a entrada do time no gramado. Esse fogo em papel certamente foi outro fator acionado para justificar as proibições.

³⁹ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/sao-paulo-libera-bandeiroes-e-instrumentos-musicais-de-torcidas-em-estadios>> Acesso em: 07/06/2021.

⁴⁰ Vide um dos exemplos: <<https://centraldotimao.com.br/por-ordem-da-pm-mosaico-provocativo-ao-palmeiras-e-retirado-na-neo-quimica-arena/>> . Acesso em: 29/09/2021.

Tanto é que os protestos e reivindicações por parte dos Gaviões nas arquibancadas não são raros, sobretudo quando saem da cidade, em outros estádios onde podem levar mais instrumentos musicais e até mesmo bandeiras de mastro e faixas. Além disso, segundo eles, por haver uma menor "brutalidade policial" conseguem entrar com sinalizadores escondidos com mais facilidade.

Salve, Família! Ainda sobre o jogo de ontem. Fizemos a nossa parte, metemos fogo na arquibancada, levamos nossas bandeiras de mastro, a fiel em festa e o mais importante, ninguém ferido, não morreu ninguém. só o Coringão, mais uma vez, deu aquela escorregada, mas estamos com ele até o fim! Crime é cobrar 160 reais no ingresso para ver o nosso Coringão. Devolvam o futebol para o povão! (Postagem do ex-presidente Digão em sua rede social Instagram após o jogo contra a Portuguesa-RJ, em Londrina -PR, pela Copa do Brasil, 20/04/2022)⁴¹.

Para finalizar este tópico trago uma rápida história pessoal. Tenho duas irmãs e um irmão. Na minha infância me envolvi em uma briga feia com minha irmã mais velha, a Suelen. Não lembramos mais ao certo a idade que tínhamos, mas arrisco que ela estava próxima dos 13 anos e eu dos 8, tampouco sabemos o motivo que nos levou a brigar. Fato é, que saímos na rua cada um com uma vassoura, um correndo atrás do outro tentando acertá-lo, os vizinhos obviamente intervieram e nos deixaram separados até que nossos pais chegassem do trabalho.

Naquela noite, depois de ter dado e tomado umas vassouradas, apanhamos os dois de nossos pais. Hoje em dia quando contamos essa história novamente eu sempre penso em uma *piada ruim*: "se fossemos filhos do Ministério Público (MP) com a Polícia Militar (PM) talvez crescêssemos sem nunca mais ter que varrer um chão, afinal de contas, nos seriam tiradas as vassouras".

A vida material do torcer

Como vimos até aqui, os materiais para os órgãos reguladores parecem possuir dois poderes: o de serem usados para incitar a violência; e o de também serem usados como armas em brigas generalizadas. Ambos os argumentos seguem naquilo que aqui tenho buscado desconstruir, que é a soberania agentiva e funcional do humano sobre o material. Penso que

⁴¹ Vale frisar também que os sinalizadores nesse jogo tiveram o papel de chamar atenção para uma faixa erguida em protesto pelo preço dos ingressos. Após a proibição dos sinalizadores isso tem ocorrido com certa frequência, justamente porque quando acesos o jogo para e as atenções da transmissão se voltam para as arquibancadas.

mais do que a passividade sugerida por ambas as afirmações, as *coisas* do torcer e do sambar adquiriram um status de vida material na relação sensorial com os associados.

Antes, vale ressaltar mais uma vez que torcer é uma categoria um tanto tensionada nos Gaviões da Fiel. Pois, apesar do termo ser usado na literatura acadêmica e jornalística para indicar os aficionados por futebol, isso ganha outros contornos nas torcidas-escolas. Etnograficamente pude notar que o torcer também é propriedade indispensável do samba, e está longe de ser uma exclusividade do futebol. Também se torce muito no samba, sobretudo nos GDF.

Quando os Gaviões tão na avenida, é como se o Corinthians tivesse em campo, na real eu torço até mais que no estádio! E aqui nos Gaviões é assim sempre, leke! Nos ensaios tem torcida, pra levar as alegorias da sede pro Anhembi tem até sinalizadores em volta e todo mundo cantando, mano! (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Apesar da relação entre futebol e samba ser, como discuto mais detidamente no capítulo 3, uma fonte de constantes tensões e disputas, o torcer é justamente aquilo que imprime o modelo gavião em ambas as coisas. Por isso, quando me refiro à vida material do torcer, estou falando tanto das práticas carnavalescas quanto do futebol, pois "torcedores" nos GDF são os que amam futebol e não gostam de samba, mas também são os que estão pelo samba e nem corinthianos são.

Dito isto, para enxergar os materiais com toda uma vida em torno do torcer, e sair da velha discussão de primazia do humano sobre o material ou do material sobre o humano, é necessário questionar alguns caminhos tidos como fundamentais. Afinal,

Para aqueles de nós criados em sociedades nas quais a autoridade científica é suprema, o caminho para a verdade reside em separar o fato da fantasia. Mas não poderia ser de outra forma? E se a verdade residir na comunhão entre a experiência e a imaginação, em um mundo para o qual estamos vivos e que está vivo para nós? (INGOLD, 2019, p. 17).

Por exemplo, segundo Bruno Latour (2012), uma pessoa com uma arma não é mais a mesma pessoa, assim como uma arma com uma pessoa não é mais a mesma arma, pois a vida e intencionalidade de ambos está na primazia da relação entre pessoa e artefato, a qual gera novas propriedades resultantes dessa confluência. Aquilo que, de certa forma, já é bastante descrito na cultura popular, ou na *cultura de fresta* (SIMAS, 2020).

Para citar alguns exemplos musicais: em Bezerra da Silva (1985) uma pessoa "(...) com revólver na mão é um bicho feroz, feroz (...)"; em Jorge Ben Jor (1974) "(...) com aquela gravata [florida] qualquer homem feio vira príncipe"; e mais recentemente com a produção periférica

do trap e do funk, a camisa de time imprime ao corpo favelado todo um estilo de vida próprio de uma estética de orgulho: “(...) vendo nós passar de camisa de time / disfarce na bala e camisa de time / bigodim na régua e camisa de time / dinheiro na conta e camisa de time (...)” (FEBEM, 2019)⁴².

A partir desses exemplos, em que as pessoas em *mediação* com as *coisas* se deparam com novas propriedades de si, aspectos até o momento pouco explorados, penso que a *vida material do torcer* está justamente nesse encontro relacional que tanto os torcedores quanto os materiais alcançam quando não isolados um do outro.



12. *Mediação humano-material, 2022*

⁴² Para saber mais sobre a relação das camisas de time com a estética das periferias paulistanas, consultar Andrade & Souza Junior (2021b): "As torcidas organizadas e a série Sintonia (parte 1): a juventude e a estética das periferias paulistanas".

Tanto é que todo esse cerceamento histórico imposto sobre a entrada dos materiais nos estádios de futebol não os fez desaparecer das práticas torcedoras, mas encontrar, também no samba, um novo lugar de expressão e vivência. Não à toa me deparei em campo com tantos torcedores que nem gostavam de carnaval e samba, mas amavam o carnaval dos Gaviões, pois ali podiam torcer, segundo eles, "como nos velhos tempos". Como atesta a fala de Dentinho, um ex-presidente dos GDF: "Nunca saí em outra escola, tampouco me liguei fortemente ao samba. Eu gosto apenas do carnaval da Gaviões da Fiel. Essa é a realidade" (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 313).

Fato é que a ampliação do projeto gavião para as passarelas do samba se tornou bem mais do que uma estratégia institucional de sobrevivência jurídica, constituindo-se sobre vias completamente inovadoras e complexas de se analisar (HOLLANDA & MEDEIROS, 2018, P. 14).

Nesse novo campo o torcer materializado estava amplamente liberado fazendo com que as atividades do samba e em específico as arquibancadas do sambódromo fossem tomadas por corpos torcedores em relação com seus materiais, atualizando assim não só as formas de torcer das torcidas-escolas, mas também as de sambar no carnaval paulistano.

A estética material torcedora coibida no futebol encontrou seu lugar nas práticas de dentro das torcidas, como em festas, ensaios, reuniões, feijoadas, ações comunitárias e até mesmo em ativismos políticos nas ruas, além de se expressar cada vez mais nos espaços de outras arquibancadas, notadamente no carnaval oficial da cidade, onde toda essa performance passou a ser aceita com a presença de TO's no samba. (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 12).

Ao se tratar especificamente de arquibancadas, superfícies cimentadas em que os torcedores são alocados nos estádios e no sambódromo, Taddei (2014) aborda, a partir de sua experimentação etnográfica nos estádios como essa superfície de concreto pode se relacionar com o corpo por meio da vibração: "(...) experimentei a existência como multidão - na solidez do concreto vibrante, na liquidez do fluxo humano inundando as vidas de tráfego, na evaporação causada pelo movimento de expansão da massa, no seu caminhar para longe do estádio" (TADDEI, 2014, p. 46). Justamente porque também ali, nas arquibancadas, existe uma *vida material do torcer*.



13. Arquibancada, instrumentos, pessoas. 2022.

Mas vale pontuar que, entre as arquibancadas do futebol e do carnaval existem algumas peculiaridades importantes, sobretudo em sua relação com os demais materiais.

Assim como as performances torcedoras e o conjunto de artefatos *patrimonializados*, os espaços também são ressignificados. Apesar do termo "arquibancada" ser o mesmo utilizado para o lugar ocupado pela torcida no estádio e no sambódromo do Anhembi, as arquibancadas do futebol e do carnaval diferem, mesmo tendo um público (ao menos no desfile dos Gaviões) parecido. Enquanto a materialidade torcedora nos estádios é bem mais sonora e corporalizada, sobretudo hoje em dia em função da escassez de materiais permitidos, no carnaval ela se faz excessiva, dadas as expressões visuais e performáticas serem quantificadas em quesitos avaliativos de um desfile. (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 14).

Todavia, como já dito, "(...) as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas" (INGOLD, 2012, p. 29). E com os materiais do

torcer nas arquibancadas do samba não foi diferente, eles passaram de mera expressividade torcedora para se somarem aos quesitos avaliativos do próprio enredo na avenida.

Mas há linhas mais tênues entre o desfilarm e o torcer ou a presença contínua em relação à participação efetiva do *torcer* no *desfilarm*. A presença de membros dos Gaviões, que tradicionalmente ocupam todo um setor específico da arquibancada do sambódromo, se faz ainda mais notada pelo espocar de sinalizadores no momento exato em que uma determinada performance é exigida no contar e desenrolar do enredo na passarela. (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 15).

Por isso que vejo essa relação entre *coisas* e pessoas nos Gaviões da Fiel como uma verdadeira *vida material do torcer*, em que ambos são seres *híbridos actantes* (LATOUR, 2012) nessa construção do torcer e do sambar na contemporaneidade.

Portanto, neste capítulo foi discutido o que entendo por materiais e *coisas*, e porque penso ser primordial o enfoque nessa vida material que define a sociabilidade nos Gaviões da Fiel. Também apresentei o recorte empírico dos materiais que aqui estão em discussão, além de explicar a perspectiva teórica na qual me situo. No próximo capítulo almejo detalhar ainda mais essa complexa relação de materialização do torcer nos corpos e emoções dos torcedores e sambistas.

Capítulo 2

A materialização das emoções:
uma discussão etnográfica



CAPÍTULO 2. A materialização das emoções

"Eu vou lhes contar o que sinto dentro do meu coração, que me transmite emoção / faz arrepiar e me faz chorar, fez da minha vida um cantar / ah o meu Corinthians vai jogar / os Gaviões vai estar lá, mostrar que é nossa razão / ah como eu defendo essa bandeira, eu sou corinthians a vida inteira / vivo por esse pavilhão! / vem vibrar, venha cantar! / venha sentir, viver, sonhar".⁴³

No retorno do futebol durante a pandemia, as arquibancadas ficaram completamente vazias. De início, a primeira coisa que passou a ocupar as cadeiras e cimentos foram fruto das estratégias de marketing dos times, justificadas pelo discurso de trazer (simbolicamente) o torcedor de volta ao estádio, fossem por meios digitais com a instalação de telões ou de totens com as fotografias dos torcedores coladas nos assentos, ou até mesmo por meios sonoros, como os cantos das torcidas nos alto falantes dos estádios durante os jogos, preenchendo aquele imenso vazio⁴⁴.

Mas não demorou muito para se constatar que isso não deu certo, e o que passou a aparecer nas arquibancadas, ainda sem torcedores, foram os materiais das torcidas organizadas de seus respectivos times: as faixas, os bandeirões, os mosaicos etc. O que perdurou até os corpos retornarem às arquibancadas⁴⁵.

Apesar de certo protagonismo midiático no trato desses materiais, tão caro aos torcedores organizados a ponto de serem tomados, como já aludimos e veremos a seguir, *patrimônios* tangíveis e intangíveis dada a importância simbólica que ostentam, eles inevitavelmente passaram a ser lidos como mera decoração dos estádios e arenas. Nas transmissões de TV, por exemplo, nada se dizia do trabalho dos torcedores, que planejaram durante dias cada detalhe, a quantidade, a angulação, a logística, ou que eles tinham que esperar o jogo acabar do lado de fora, para horas depois, enfim, poder entrar para "limpar a bagunça" e

⁴³ Trecho da música Delírio Alvinegro, dos Gaviões da Fiel (domínio público).

⁴⁴ Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/esporte/2020/05/clubes-apostam-em-fotos-de-torcedores-na-arquibancada.shtml>> Acesso em: 20/09/2021.

⁴⁵ O que aconteceu, ao menos no Estado de São Paulo, a partir de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/sao-paulo-anuncia-retorno-de-torcida-nos-estadios-a-partir-de-outubro/>> Acesso: 20/09/2021.

seguir no trabalho de guardar *as coisas em seus lugares*. Talvez, para os que viam pela TV toda aquela cena de fundo a interpretação fosse justamente assim, como uma mera cenografia, ou uma espécie de envelopamento do próprio clube e não uma ação voluntária, mas sobretudo pensada, das torcidas organizadas⁴⁶.

Todavia, para alguns de meus interlocutores esses materiais representam o que eles nomeiam como "própria alma". E nesse momento em que o corpo não se podia fazer presente, elas, as bandeiras dos gaviões e das gaviãs, tornaram-se o grito da "alma", que ecoava em Itaquera. Ou como recebi via Whatsapp de um de meus interlocutores, o Gui: "*Mesmo eu num tando lá, só de ver pela tv a bandeira e as faixas da torcida já me dá calafrio porque é nós lá, mano! É nossa alma lá por nós até nós poder voltar memo*" (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).



14. Torcendo pela TV, 2022.

⁴⁶ Por exemplo, só para o mosaico dos Gaviões da Fiel ser feito para o clássico do dia 3 de março de 2021, foram mobilizados cerca de 300 associados por 30 horas de trabalho e se utilizou 14 mil sacos de lixo pretos para cobrir as cadeiras. Para mais detalhes ver o vídeo documentário sobre os trabalhos de bastidores: <<https://www.youtube.com/watch?v=64eLMLW5tGs>> Acesso em: 30/09/2021. Para conferir outro documentário que também aborda esse trabalho, mas sobre práticas realizadas pela Mancha AlviVerde, consultar: <<https://www.youtube.com/watch?v=SbOeacDTYjk>> Acesso em: 28/04/2022.

Para além da pandemia em si, o que proponho neste capítulo é demonstrar como essas *coisas*, que só vieram à tona agora na grande mídia e no senso comum, e por estarem esvaziadas de corporalidade e serem lidas como adereços decorativos numa sala de estar, na verdade constituem parte fundamental da emoção torcedora. Algo tão constitutivo da sociabilidade dos torcedores organizados e seu *estilo de vida* (TOLEDO, 1996) a ponto de serem lidos por muitos deles como detentora de uma *alma*, ou seja, uma pessoa que torce, mesmo na impossibilidade de que um corpo torcedor se faça presente ou as anime.

Reitero que, na direção de mergulhar cada vez mais na discussão desse mundo sensível dos materiais, que atravessam os sentidos corporais dos torcedores e que, no caso em tela, também se tornaram sambistas, é que nos tópicos a seguir os dados etnográficos ganham ainda mais protagonismo no intuito de demonstrar como nos Gaviões da Fiel as *coisas* também constroem pessoas. Desde suas formas de *ver, ouvir e sentir* os materiais em torno das práticas torcedoras e sambistas, perpassando as relações que se constituem entre as pessoas que detém ou não as *coisas*, até adentrar o processo de aprendizagem do manuseio e cuidado para com os materiais da agremiação.

Com isto, busco destacar como os materiais de uma torcida-escola estão totalmente distantes da leitura que apresentei no início do capítulo, de adereços decorativos em torno do futebol ou até mesmo do samba, pois, antes, fazem parte da *materialização de uma emoção sagrada*.

2.1. Ver, ouvir e sentir⁴⁷

*"Mano, ser gavião é bem mais que torcer e sambar,
é sentir na pele o que ninguém mais entende!"*
- Leandro (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Historicamente, o torcer esteve subjugado à esfera do futebol e do campo de jogo como uma velha máxima de "quem não sabe jogar, torce", o que de certa maneira delegou a trajetória torcedora às margens do futebol profissional exaltado pela mídia e pelo mercado (MASCARENHAS, 2009). Não à toa que os "profissionais do torcer", ou seja, os torcedores organizados, ao longo da história foram sendo cada vez mais cerceados e expulsos pouco a pouco do protagonismo do espetáculo (HELAL, 1997; TOLEDO, 2002; SIMÕES, 2017). Tudo baseado na premissa de que jogar vale mais que torcer.

Assim como o sambar atrelado às torcidas organizadas, que se tornaram escolas de samba, foi por um bom tempo lido na chave de uma aventura passageira ou principalmente estratégia jurídica de sobrevivência dos agrupamentos torcedores na cidade de São Paulo (HOLLANDA & MEDEIROS, 2018, P. 14). Ou seja, mais uma forma de delegar aos torcedores e sambistas uma trajetória que, apesar de complexa, fora do "campo de jogo", até mesmo no carnaval.

Em um trabalho recente, Toledo (2019b) buscou problematizar justamente essa dualidade não dialética entre *olhar* (torcer) e *jogar*. Afinal, seriam essas instâncias sensíveis tão separadas assim? E o torcer é mesmo tão diferente do jogar? Para o autor, a hierarquia entre essas duas esferas sensíveis, que estabelece o *olhar* (torcer) como secundário ao *jogar* (o jogo em si) na prática se desmancha a partir do que o autor nomeia de *modelo das relações*.

O modelo das relações tratará jogadores e torcedores como ocorrências tardias dos sentidos e metaforizações das experiências do *jogar* e do *olhar*, que podem ser observadas em outras inúmeras práticas lúdicas anteriores ao futebol, tal como nos assegura a historiografia. O caso do futebol profissional e suas contextualizações foram estabelecidos processualmente pela rígida fronteira e distância entre quem joga e quem torce, mascarando a dialética entre o *olhar* e o *jogar* e reificando convencionalmente formas de jogar e de torcer. (TOLEDO, 2019b: 49).

⁴⁷ Apesar de nomear essa discussão sensorial com "ver e ouvir", busco me afastar de qualquer leitura capacitista. E faço questão de frisar que o uso é meramente indicativo e não literal, visto que muitos torcedores cegos e/ ou surdos também habitam esse mundo sensorial do torcer.

Fato é que até os que jogam sem torcida se olham e com isso torcem pelo sucesso ou fracasso da jogada do outro, assim como as torcidas, que olham seus times jogar e que também se transformam em parte do jogo a ponto de serem constantemente olhadas pelos demais torcedores, afinal, "(...) a maioria dos torcedores, torce pelas torcidas". (TADDEI, 2014, p. 41). E até mesmo os jogadores as olham, fazendo com que as torcidas adentrem assim na esfera competitiva do próprio jogo. Com isto, o autor conclui que todo processo é fundamentalmente relacional e dialético, pois o *olhar é jogado* assim como o *jogar é olhado* (TOLEDO, 2019b), e tudo depende das relações estabelecidas em contexto.

Inclusive, um dos primeiros movimentos das torcidas organizadas ao perceber esse protagonismo em se tornar parte do espetáculo nos estádios, e mais tarde nas avenidas do samba, foi sua rápida construção estética. As agremiações torcedoras desde suas fundações fincaram as estratégias em suas *marcas distintivas* (TOLEDO, 1996),

(...) ou seja, um conjunto de características visuais em torno de uma identidade coletiva, como cores, símbolos, camisetas e instrumentos. Marcas estas que distinguem os torcedores organizados de seus rivais, mas também dos torcedores comuns de seus próprios times, tanto nos estádios como nas ruas. (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2021a).

Logo, os materiais apresentados no capítulo 1 foram protagonistas desde o início dessa construção estética da pessoa que torce. E a partir desta perspectiva, em que ser torcedor organizado é também ser *visto* no fluxo competitivo do espetáculo, a própria *corporalidade* passou a ser *pensada* (TOLEDO, 2012): “Por vezes, o próprio corpo de cada torcedor serve de suporte por onde os símbolos [materiais] das torcidas são veiculados e mostrados” (TOLEDO, 1996, p. 59).

O que, de certa forma, encontrou sua amplificação em práticas torcedoras construídas a partir da *mediação técnica* (LATOURETTE, 2012) dos *corpos que torcem* (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2021a) em ressonância com os materiais. Como os cantos puxados pelos instrumentos musicais, num primeiro momento de sopro e agora percussivos, das técnicas específicas de manuseio das bandeiras de mastro agitadas de forma que nunca se esconda o brasão da Torcida, das estratégias pensadas ao pendurar as faixas em lugares que atrairão o máximo de olhares, da distribuição sincronizada do puxar o bandeirão para cobrir, corretamente, os corpos presentes nas arquibancadas.

Todo um conjunto de técnicas corporais, que discutirei especificamente no último tópico deste mesmo capítulo, foram construídas em torno de uma materialidade torcedora e sambista,

que sustentou essa dimensão em que as torcidas-escolas passaram a ser *vistas, ouvidas e sentidas* como parte do jogo.

As organizadas ampliaram, portanto, seu lugar para dentro do campo, não mais como metáfora, mas uma real responsabilidade e *dever* em influenciar a performance dos jogadores e dos demais torcedores (não organizados). Fazendo dos materiais "vestidos" nos corpos torcedores dotados de agência própria (TOLEDO, 2019c), ou esgarçando a perspectiva ingoldiana, da relação contínua entre os materiais e os *corpos que torcem* (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2021a), instaura-se um único mundo em desdobramento (INGOLD, 2015). Pois, como aponta Le Breton (2016, p. 10): “O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os seus sentidos”.

Sabe-se que esse protagonismo das torcidas organizadas passou a ser mal visto, tanto pelos interesses econômicos em torno do futebol, como pelo senso comum alimentado pelas narrativas jornalísticas que vendiam as TO's na chave já abordada da “violência torcedora” (Cf. Capítulo 1). O que deu abertura para que o fenômeno torcedor fosse antes de qualquer outra interpretação resumido a isto, resultando assim em um conjunto de ações supostamente pré-políticas e reativas dentro do sistema classificatório futebolístico visando afastar cada vez mais o olhar (torcer) do jogar.

O que fez com que *a materialização das emoções*, ou seja, o conjunto de práticas de expressividade torcedora por meio do uso de seus materiais, que por anos construiu toda uma estética dos torcedores organizados nas arquibancadas do futebol, passasse a ser lida sob a pecha de irracionalidade, e por isso violenta e "impensada". Uma certa consequência também da leitura de parte da esquerda acadêmica, que via o futebol como ópio do povo e os torcedores como massa politicamente alienada⁴⁸.

A partir disto, instaurou-se um processo político de “pacificação” dos estádios e maior controle dos corpos torcedores também em detrimento dessa expressividade material. Hoje, na cidade de São Paulo, conhecida como referência no país no que tange às investidas jurídicas contra os torcedores organizados, a expressividade material é bastante limitada. Por exemplo, além da já citada limitação na entrada de materiais, as torcidas-escolas são alocadas num setor específico do estádio onde traçam infinitas disputas por território de *bancada*, sob o monitoramento policial ainda mais próximo e rígido. O que faz com que cada vez mais o torcer

⁴⁸ Destaca-se a obra *O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizada por Roberto DaMatta (1982), como um dos primeiros trabalhos acadêmicos realizados no intuito de combater essa visão bastante comum à época.

seja estimulado menos pelo caráter coletivo e mais por uma expressividade individualizada e “espontânea”.

Como já dito, esse imaginário que atrela (a) expressividade material à violência torcedora é uma narrativa construída ao longo da história, e que ecoa até os dias atuais, tendo atingido um de seus ápices agora durante a pandemia com a proibição de materiais nos estádios vazios sob a justificativa de incitação à violência. Inclusive, um fator no mínimo curioso é que os materiais, durante essa época pandêmica totalmente sem torcida, continuaram seguindo a imposição da "torcida única"⁴⁹ nos clássicos paulistas. Certamente a PM e o MP agiram preventivamente, para evitar que houvesse uma briga entre as bandeiras e as faixas, não é mesmo?

Vale pontuar que o movimento analítico crítico a essas narrativas essencializantes do torcer visou perceber, então, a sociabilidade para além das interpretações sobre dinâmicas de violência, que eclodiram na mídia, sobretudo a partir dos anos 1990 (SILVA, 1996; TOLEDO, 1996, 1997, 2012; CANALE, 2012; PIMENTA, 1997; DAMO, 2002; TEIXEIRA, 2003). No entanto, o cuidado (necessário, à época) em afastar a narrativa dos torcedores de qualquer estereótipo de "paixão irracional" fez também com que os trabalhos passassem ao largo no assunto que, hoje, acredito ser primordial a se destacar nos torcedores organizados: a dimensão sensorial que sustenta a sociabilidade de seu torcer. O que, neste capítulo, busco discutir por meio dos materiais que perpassam as práticas da sensibilidade torcedora (na qual habitam também os sambistas das torcidas-escolas).

Essas leituras, focadas principalmente na sociabilidade das relações das torcidas organizadas para com o mundo, o que reitero, era uma demanda necessária à época, fincou suas análises na chave do que a literatura definiu como *pertencimento clubístico* (DAMO, 2002). Uma certa existência das torcidas na órbita de seus clubes e construindo suas formas de sociabilidade (TOLEDO, 1996) no exercício das rivalidades estabelecidas como uma extensão do campo de jogo de seus times. A partir disso as torcidas organizadas, e conseqüentemente as escolas de samba advinda das TO's, tiveram suas existências descritas apenas por essa chave de um clubismo ditado por uma perspectiva de *fora* (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021).

⁴⁹ Medida decretada em 3 de abril de 2016 pelo Ministério Público de SP, determinando que todos os clássicos paulistas fossem apenas com torcida do time mandante, por isso o termo "torcida única".

No entanto, concomitante a isto, a abertura das torcidas organizadas, e em especial dos Gaviões da Fiel, para o *universo carnavalesco*⁵⁰ já indicava uma expansão para além da existência unicamente em prol de seus clubes e da concepção tradicional do torcer como algo atrelado apenas ao futebol. Todo um conjunto de sociabilidades do torcer passou a ser atualizado também em relação com o sambar, criando, assim novas formas de sociabilidade, não apenas em torno do futebol e do clubismo, mas de demandas internas de um coletivo que buscava seu lugar em um mundo sensorial entre arquibancada, avenida e periferias (SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2020a).



15. Vivências na quadra, 2022.



16. Ensaio de carnaval na quadra, 2022.

O que fez com que as demandas contemporâneas em torno do torcer e do sambar se complexificassem e exigissem uma atualização analítica também de perspectiva. A partir disso, estabeleço aqui as torcidas organizadas como protagonistas de si mesmas no campo de jogo das arquibancadas, tanto no futebol quanto no carnaval, e por isso sobre uma nova chave, a do "pertencimento torcedor"⁵¹. Ou seja,

um pertencer “para si”, animado por fraturas e demandas internas relativamente mais afastadas de seu centro de gravidade (o futebol masculino profissional), enunciando

⁵⁰ Para saber mais sobre esse "universo carnavalesco" consultar os trabalhos que constam na bibliografia: Wilson Rodrigues de Moraes (1978); Roberto DaMatta (1981; 1997); Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1995; 1996; 1999; 2009a; 2009b); José Sávio Leopoldi (2010); Francisco Mestrinel (2010); Clara de Assunção Azevedo (2010); Clara de Assunção Azevedo e Felipe Gabriel Oliveira (2018).

⁵¹ Pontuo, novamente, que essa discussão se desdobra da noção de pertencimento clubístico, que originalmente Damo (2002) sinonimiza numa definição de que “torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido [em prol de um clube], assumir certos riscos (...)”. (DAMO, 2022, p. 12). Oferecemos (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021) uma outra noção, a de *pertencimento torcedor*, para relativizar a leitura analítica de que torcedores estejam apenas engajados num sistema totêmico ou representacional clubístico.

um torcer para *dentro* ou, exagerando a fórmula, um torcer para torcedores, em que disputas pelas experiências do torcer estão para além (ou aquém) dos constrangimentos do sistema clubístico, que não deixa de estar orientado pelos imperativos do *jogar*, tomado como referencial hierarquizante, tipológico, externalista e paradigmático do *olhar* convertido em *torcer* (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 4-5).

Pertencimento torcedor aponta, portanto, para algo aberto e contínuo, um operador de sociabilidade não reificado pelas centralidades do clubismo. O que traz consigo uma atualização metodológica, pois suas premissas buscam ampliar analiticamente as possibilidades etnográficas sobre as práticas torcedoras também para além do futebol. Provocando interações com novos recortes e renovados temas, tais como o do carnaval e da materialidade, que por um bom tempo se deteve numa chave representacional em que as *coisas* foram tomadas por alegorias subsidiárias das emoções num campo de visualidades a partir da agência humana nas arquibancadas.

E o que pude notar etnograficamente aponta para uma experiência torcedora ainda mais sensível em si mesma, em que para os torcedores não basta mais apenas serem *vistos*, *ouvidos* ou *sentidos* em um espaço cada vez menor nos estádios (BOCCHI, 2016; TOLEDO, 2013), mas antes buscam mergulhar ainda mais num universo torcedor e sambista de *ver*, *ouvir* e *sentir* em si mesmos (LE BRETON, 2016) essa materialização do torcer.

Um exemplo desse pertencer a si mesmo é o cotidiano construído cada vez mais sobre alicerces para além da esfera futebolística, como o uso da quadra sede das torcidas para festas, ensaios, reuniões, feijoadas, ações comunitárias⁵², e até mesmo em ativismos políticos nas ruas. Além de se expressarem cada vez mais nos espaços de outras arquibancadas, como é o exemplo máximo no carnaval oficial da cidade de São Paulo, onde toda essa experiência sensorial passou a ser aceita e apreciada com a presença de TO's como parte do espetáculo do samba.

Por isso vejo que o torcer e o sambar, para eles, são antes de tudo experiências sensíveis. Pois poucas coisas são tão comuns nas narrativas dos torcedores quanto a primeira vez que entraram em um estádio e se depararam com a imensidão do campo, ou quando cruzaram a faixa amarela da avenida do sambódromo, quando ouviram as músicas que ecoavam das arquibancadas e tiraram o olhar do jogo (ou do desfile) para admirar a própria torcida cantar, ou quando sentiram o chão tremer suavemente sob seus pés na hora de um gol - como na comemoração de um 10 na apuração do carnaval -, ou dos abraços que receberam sem pedir e os comentários que fizeram com quem nem conheciam.

⁵² Para saber um pouco mais sobre a atuação comunitária das torcidas organizadas, inclusive durante a pandemia, consultar Souza Junior & Toledo (2020a).

Em suma, torcer e sambar são lugares em que a observação (*olhar*) não acontece sem a participação (*jogar*). E como aponta Ingold (2011, p. 29):

A visão, audição e tato estão baseadas na experiência, respectivamente, de luz, som e sentido (...) Ao invés de nos concebermos como observadores, nos colocando ao redor de objetos que estão dispostos num mundo já formado, nós devemos nos imaginar primeiramente como participantes, cada um imerso em nossa própria existência em correntes de um mundo em formação: na luz do sol nós vemos, na chuva nós escutamos e no vento nós sentimos. Participação não é algo oposto à observação, mas sua condição para isso, assim como a luz é condição para vermos coisas, sons para escutá-los, e tatos para tocá-los.

Ao propor essa imersão no mundo sensível do torcer e do sambar, faço questão de localizar a dimensão do corpo como fundamental na construção estética das torcidas-escolas organizadas. Não mais apenas como uma forma de expressividade (TOLEDO, 1996; 2012), mas de uma estética mais voltada para si e por isso cada vez mais sensível, onde o corpo não é só para ser visto e admirado, mas fonte primária dos sentidos, que envolvem as práticas do pertencer a si mesmo nessa *materialização das emoções*. Afinal, “O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo” (LE BRETON, 2016, p. 10).



17. A emoção dos sinalizadores, 2022.



18. A emoção em ver, ouvir, sentir, 2022.

Em uma palestra recente, Toledo⁵³, inspirado na discussão de Max Weber (1988), sugeriu que as torcidas organizadas são associações responsáveis por gerir a paixão torcedora, e que seus integrantes vivem *do torcer e para o torcer*, enunciando uma *vocação*. Portanto, para os torcedores organizados, o torcer não é lazer ou distração, e sim *vocação*. Mas como ele mesmo conclui, ao criticar nosso atual cenário, "o político pode viver da política, mas o torcedor não pode viver da torcida"⁵⁴.

Se nesta chave weberiana a vocação é composta por *paixão, responsabilidade e proporcionalidade*, no caso torcedor sugiro ir um pouco mais além. Pois na etnografia com os Gaviões pude constatar que esse *torcer como vocação* não é uma simples opção individual de quem torce, mas consequência de uma gestão coletiva desse *estilo de vida* (TOLEDO, 1996) imposto pela torcida organizada aos seus associados. De maneira que

O futebol [e em muitas vezes o samba], sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida* próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos dois grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. Inúmeros torcedores constroem verdadeiras carreiras dentro de uma Torcida Organizada, chegando a adaptar outras atividades, tais como trabalho, relacionamentos pessoais e familiares em função da Torcida (TOLEDO, 1996, p. 114).

Sugiro aqui, a partir desta perspectiva sensível, que esse modelo impositivo encontra sua recepção nos corpos torcedores e sambistas nos Gaviões da Fiel, principalmente por se fundamentar no universo sensorial das práticas atreladas ao corpo. Como discursou o então presidente Digão, em um dos ensaios de carnaval: “Alguns vem pelo carnaval e nem corinthianos são, blz mano, mas quando pisa nesse chão tem que **sentir o que é ser gavião**” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, grifo meu).

Por isso, para além da ideia valorativa weberiana de vocação, defino aqui a corporalidade do *sentir* como o principal atributo da *vocação* torcedora e sambista dos gaviões e gaviãs. E a partir disso sua *ecologia do torcer*⁵⁵ se constrói, como venho afirmando aqui, por meio das *coisas* nas quais os torcedores não só observam e admiram, mas *participam*

⁵³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ANUwjnPjA>> Acesso em: 17/09/2021.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ANUwjnPjA>> Acesso em: 17/09/2021.

⁵⁵ Ao utilizar o termo parto da perspectiva ecológica de Tim Ingold (2010), na qual o ambiente acontece em constante relação entre *coisas*, humanos e não humanos, pois todos fazem parte de uma ecologia no mundo e não sobre o mundo. Ao indicar uma *ecologia do torcer* me refiro a uma constante relação viva entre coisas e pessoas. Isso será retomado mais detidamente nas considerações finais.

ativamente através de seu próprio corpo submerso nesse mundo sensorial em constante *mediação* (LATOURE, 2012). Afinal,

(...) os seres humanos não existem no "outro lado" da materialidade, mas nadam em um oceano de materiais. Uma vez que reconheçamos nossa imersão, o que este oceano revela para nós não é a homogeneidade branda de diferentes tons de matéria, mas um fluxo no qual materiais dos mais diferentes tipos (...) sofrem contínua geração e transformação (INGOLD, 2015, p. 56).

Neste tópico escolhi, portanto, destrinchar a base sensível do *olhar jogado* (TOLEDO, 2019b), conferindo substância etnográfica a partir das práticas do torcer e do sambar. A seguir discutirei, a partir de mais dados etnográficos, como os materiais constroem relações e formas de sociabilidades competitivas entre as práticas do carnaval e do futebol, e como o protagonismo das *coisas* faz com que as demandas e conflitos internos estejam também atrelados à posse dos materiais, que compõem esse mundo sensível dos Gaviões da Fiel.

2.2. Socialidade, coisas e pessoas⁵⁶

"Meu marido não gosta de carnaval, aliás ele sempre fala mal. Só vem me trazer e me buscar, mas ele me acompanha muito porque trabalha com as bandeiras e as batucadas, já eu amo tanto a avenida quanto a arquibancada".
- Danny (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Nos Gaviões da Fiel o presidente da agremiação é o principal elo corporificado entre carnaval e arquibancada, e a manifestação dessa figura "entre mundos" se dá principalmente por meio de um material, o surdo de terceira, instrumento musical utilizado no carnaval como elemento contrapontístico, relativamente livre e sincopado, que se manifesta entre a marcação do surdo de primeira (tempo 2) e a resposta mais forte (tempo 1) geralmente menos grave do surdo de segunda. Os surdos seguram a base rítmica do andamento da bateria, e nas arquibancadas para puxar os cantos da torcida. "Se você é um líder, precisa tocar o surdo para todos acompanharem os coros que puxar" (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 313). O que faz com que os presidentes tenham que necessariamente torcer (nas arquibancadas) e sambar (nos ensaios e no desfile de carnaval), eles gostando ou não de ambas as coisas.

Até por isso, falar sobre os materiais de uma torcida organizada – que também passa a ser reconhecida como uma escola de samba – é mais do que apenas observar as *coisas* inseridas nas práticas do samba ou da arquibancada. É perceber também um complexo emaranhado simbólico e sensorial de disputas e representações internas sobre uma estética em constante construção, para dentro e para fora de seus domínios. É se atentar para as *coisas* que, como no exemplo etnográfico da figura do presidente, que será retomado no capítulo seguinte, constroem pessoas em suas dinâmicas de socialidade.

Para Marilyn Strathern (2017, p. 197), socialidade é "(...) a matriz relacional que constitui a vida das pessoas", uma forma conceitual de corrigir a abstração que veio a ser o nosso conceito de sociedade, que parece sugerir cada vez menos que tudo é fruto de relações sociais e por isso constantemente mutável. Aqui, uso socialidade justamente para demonstrar

⁵⁶ Esse tópico em específico está em constante diálogo com as pesquisas de Marianna Andrade (2022), a qual leu e contribuiu para que esta discussão se tornasse bem mais interessante do que seria sem ela. Acrescento inclusive que muitas das análises que proponho, ao longo de toda esta dissertação, são fruto de nossas *conversas que são trocas de vivências* (desde 9 de junho de 2020) sobre nosso campo em comum, que no caso dela se dá sobre a perspectiva das mulheres e as questões de gênero nas torcidas organizadas.

que o encontro entre sociabilidades distintas no interior de uma mesma agremiação não produz, e também não é produto, de uma dita “sociedade” e/ou “ethos” estrutural do ser Gaviões, mas se constrói diariamente em meio às relações em disputa, portanto, a partir de regimes de alteridade, que abarcam as diferenças, os conflitos, os encontros e os desencontros de um eterno tornar-se, atravessado também pelas *coisas*, que se movem entre e com as pessoas.

Se no tópico anterior apresentei a vida material dos Gaviões da Fiel como parte fundamental das emoções torcedoras e sambistas, e expressão de um *pertencimento torcedor* (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021), discutirei agora como essa dimensão não está acessível e aberta igualmente a todos os corpos, e por isso se encontra recheada de disputas e negociações internas, sobretudo no que diz respeito ao direito de posse e manuseio de cada um dos materiais da agremiação.

Começamos então pela principal disputa interna nos Gaviões, e que aqui aparecerá mais detidamente no capítulo 3, que é a relação entre carnaval e torcida. A especificidade do projeto gavião se encontra na junção inegociável, que buscarei problematizar aqui, do torcer com o sambar. O objetivo, desde o início, nunca foi da torcida organizada ter – ou ser – uma escola de samba, mas dos Gaviões sobrevoarem também os céus das avenidas e passarelas carnavalescas. Com isto, as próprias categorias existentes se tornaram insuficientes. Não se tratava apenas de uma torcida organizada e/ou uma escola de samba, criou-se uma fusão de horizontes, uma nova conceituação nativa, a de “Torcida que Samba (TS)”, para denominar assim o ajuntamento dos projetos de arquibancada e avenida num só, com o mesmo CNPJ, mesma tutela diretiva, mesmo ambiente. E a figura do presidente, apontada na descrição inicial, tornou-se uma corporalidade arquetípica e ativa dessa junção institucional.

Etnograficamente, pude perceber e problematizar, logo de início, pois esse projeto de junção de duas estéticas populares distintas num mesmo lugar, e tendo os mesmos corpos como superfícies cidadinas na produção de subjetividades, afeta diretamente a sociabilidade e socialidade cotidiana dos associados. Mas diferente da passividade que a categoria nativa de *torcida que samba* sugere, isso não acontece sem constantes conflitos, tensões, negociações e ajustamentos internos, onde tudo segue, como será discutido no próximo capítulo, uma "hierarquia dos afetos" bastante estabelecida institucionalmente: primeiro o Corinthians, segundo os Gaviões, terceiro o Samba.

O que ficou bastante evidenciado já nos primeiros ensaios da "escola de samba", onde percebi toda uma liturgia em que pelo menos os 40 minutos iniciais de cada ensaio de carnaval

é utilizado para entoar músicas de arquibancada numa ode ao Corinthians e à Torcida, para só depois disso, de fato, a bateria puxar o samba-enredo a ser ensaiado⁵⁷.

Essa socialidade gaviã, constantemente estimulada pela relação entre arquibancada e avenida, faz com que os materiais em torno do torcer e do sambar também estejam envoltos de disputas e negociações. Como o exemplo mencionado na introdução, em que indiquei que o bandeirão é levado por alguns torcedores até o sambódromo, constituindo assim *honra* e *privilegio* destinado somente a alguns, mais especificamente aos integrantes do departamento de bandeiras. No entanto, existem outros atravessamentos para além de fazer parte ou não do departamento responsável por gerir e manusear as principais *coisas* da torcida-escola.

Antes, é necessário demarcar que uma torcida-escola, como os Gaviões da Fiel, é permeada por uma espécie de "divisão social do trabalho", onde cada uma das atividades tanto do torcer quanto do sambar operam sob uma divisão de tarefas bastante direcionada, e na maioria das vezes rígida, entre os associados. Até mesmo por isso fiz questão de colocar, no tópico anterior, os torcedores organizados na categoria de "profissionais do torcer", porque de fato existe um compromisso profissional por trás de cada um dos deveres exigidos. Não à toa, no tópico seguinte abordarei o plano de carreira do torcer e/ou do sambar.

No entanto, ao olhar especificamente para os materiais em seus fluxos de socialidade é possível notar algumas dinâmicas que além de meramente organizativas produzem, ou pelo menos reificam, certas hierarquias e desigualdades entre os associados. Um exemplo disso é o protagonismo de um departamento sobre os outros, no caso o de bandeiras sobre o de esportes, o social, o de comunicação e o financeiro (mensalidades).

Pude notar etnograficamente que ser do departamento de bandeiras, ou até mesmo ter sido um dia, é uma espécie de insígnia a mais na trajetória torcedora, como se ao ter feito parte desse grupo seletivo significasse também um status maior diante dos demais associados, além de histórias memoráveis em que só eles estavam presentes, e do acesso a dimensões da materialidade torcedora impensadas pelos demais⁵⁸. Enquanto ser parte dos outros departamentos, apesar de carregar o respeito pelo compromisso assumido em prol do coletivo,

⁵⁷ O que de certa forma também funciona para agregar em torno do carnaval associados que nem gostam de samba, como atesta a fala de Dentinho, ex-presidente dos GDF: "Nunca sai em outra escola, tampouco me liguei fortemente ao samba. Eu gosto apenas do carnaval da Gaviões da Fiel. Essa é a realidade". (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 313).

⁵⁸ Nas vésperas de clássicos ou jogos decisivos em Itaquera, os integrantes do departamento de bandeiras costumam ter acesso às arquibancadas (e por vezes ao campo) do estádio para preparar as faixas e bandeiras, algo que acabou sendo aplicado a todos os jogos em contexto pandêmico sem torcida. Ou seja, eles acessam constantemente uma dimensão que os demais associados dificilmente terão uma oportunidade sequer na vida.

não chega nem perto de trazer esse mesmo status interno, menos ainda garante esse acesso ao que de mais caro se tem em uma torcida organizada, seu *patrimônio*.

Cabe destacar que essa sobrevalorização do departamento de bandeiras está totalmente atrelada com a visão apresentada no tópico anterior, do *modelo das relações* (TOLEDO, 2019b) em que o *olhar* (torcer) compete dialeticamente com o *jogar*, e a torcida organizada se torna então parte do espetáculo de jogo e por isso feita para ser vista, *ouvida e sentida*. O que torna o departamento responsável por gerir essa expressividade torcedora (TOLEDO, 1996; 2012; 2019c) através dos materiais, o carro chefe da agremiação. E isso se aplica tanto para o futebol quanto para o carnaval, fazendo com que toda essa dimensão sensorial do *ver, ouvir e sentir* no próprio corpo (LE BRETON, 2016) os materiais *patrimonializados* seja *honra e privilégio* principalmente para os que fazem parte deste grupo que gerencia os materiais.

Retomando à categoria nativa de *patrimônio* para adentrar um pouco mais nessas dinâmicas das *coisas*, que constroem pessoas e formas de socialidade, alguns materiais são concebidos a partir desse status dentro da agremiação. Apesar do termo patrimônio sugerir em nosso vocabulário comum um simples conjunto de bens, para os torcedores organizados são tomados por um valor simbólico que por vezes ultrapassa e se sobrepõe ao dos corpos que os carregam, fazendo com que não sejam raras as histórias de integrantes que tenham brigado e até mesmo morrido em prol de sua defesa. E para além disso, em muitos momentos esses *patrimônios* são lidos como pessoas que representam a instituição. Como visto no uso da frase nas caravanas: "a faixa vai a faixa volta" (Cf. Capítulo 1).

Reitero que não são todos os materiais lidos nessa chave, tal atributo recai principalmente sobre as faixas e bandeiras da torcida, pois são elas que, quando tomadas por rivais, são usadas como troféus na dinâmica das rivalidades. E é o departamento de bandeiras o responsável por zelar pelo *patrimônio* dos Gaviões da Fiel.

O mesmo não se pode dizer sobre o barracão dos Gaviões, espaço ocupado pela agremiação na fábrica do samba⁵⁹. O que, em tese, seria o equivalente do departamento de bandeiras, mas especificamente sobre os materiais da escola de samba, como fantasias e carros alegóricos. Materiais estes que por estarem numa hierarquia inferior no regime de afetos torcedores, pouco ou nada carregam da simbologia de patrimônio, e com isto delegam menos status diante do coletivo torcedor.

⁵⁹ A Fábrica do Samba é um aglomerado de galpões individuais construídos em 2012 pelo poder público para que as escolas de samba do grupo especial do carnaval paulistano tenham seus barracões com maior segurança. Visto que antes disso eram comuns as notícias de barracões pegando fogo ou sendo vitimado por enchentes, o que fazia com que todo o espetáculo carnavalesco fosse prejudicado, inclusive gerando prejuízos aos cofres públicos.

Um exemplo dessa desigualdade de potência simbólica dos materiais está entre as vestimentas da torcida ou do Corinthians e as próprias fantasias carnavalescas. Enquanto as camisas não podem tocar o chão, nem mesmo entre atividades de logísticas, quando torcedores manipulam estoques, já que isso se configuraria um desrespeito ao *patrimônio* sagrado (MENEZES BASTOS, 2021); as fantasias do carnaval seguem o caminho oposto, e apesar de um valor agregado econômico e artesanal por vezes maior, sua simbologia é bastante minimizada.

Por exemplo, nos momentos em que antecederam o referido desfile de 2019, o qual participei, as via mais no chão do que nos corpos, e isso se aplica mesmo às indumentárias mais leves. Observa-se, portanto, um caráter hierárquico, por vezes até sacralizado, entre algumas das *coisas* do torcer e do sambar. Mas essa linha hierárquica entre carnaval e futebol se rasura e se complexifica, pois o inverso também ocorre, óbvio que em menor grau, mas acontece.

Ao observar o destaque interno que tem a bateria Ritimão, a qual aparecerá mais detidamente ainda neste capítulo, pude perceber como um grupo que não chega a se constituir como um departamento como o é o de bandeiras, é responsável por toda uma socialidade entre *coisas* e pessoas, que em muitas vezes inverte e complexifica a já citada hierarquia dos afetos. Pois ser da bateria é quase que equivalente a zelar pelo *patrimônio*, e apesar dos instrumentos percussivos não serem enquadrados nesta conceituação nativa, tais como as bandeiras e faixas da torcida, eles são valorizados como artefatos extremamente necessários para o pulsar rítmico, a evolução e harmonia da escola de samba, e até mesmo nos *esquentas* das festas na quadra ou batucadas da torcida nas caravanas e pré-jogo. Como costumam dizer: "quando a bateria toca o coração dos Gaviões palpita". (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).



19. Bateria Ritimão, 2022.

E isto dentro de um protagonismo propriamente carnavalesco em que, mesmo que momentaneamente, a bateria se torna o principal de toda a agremiação, diferente dos usos dos instrumentos percussivos nas arquibancadas do futebol, em que a sonoridade das vozes é quem se sobressai, devido ao limite dos 7 instrumentos permitidos pelo policiamento, já destacados anteriormente.

O que também faz com que os materiais da bateria utilizados no carnaval recebam mais atenção, zelo e cuidado do que os destinados ao futebol, afinal, o primor percussivo convertido em quesito na avaliação da escola torna-se mais subsidiário na animação torcedora nos estádios, onde se sobressaem outros materiais considerados “sacralizados”, tais como faixas, bandeiras e camisas.

Portanto, cada experiência de socialidade entre *coisas* e pessoas nos Gaviões da Fiel também produz hierarquias e rearranjos internos que, inclusive, atravessam os espaços, criando novos significados para a manifestação torcedora, tanto no futebol quanto no carnaval. Por exemplo, como discutido no Capítulo 1, o termo "arquibancada" é utilizado para indicar tanto o lugar ocupado pela torcida no futebol quanto no sambódromo do Anhembi no momento em que a escola desfila, mas apesar da mesma nomenclatura ambos os lugares são bastante distintos, mesmo tendo um público (ao menos no desfile dos Gaviões) parecido.

Se na arquibancada dos estádios a presença torcedora é bem mais sonora e corporalizada⁶⁰, sobretudo hoje em dia em função da escassez de materiais permitidos, no carnaval ela se faz um tanto mais expressiva, dada a necessidade da manifestação visual e plástica serem quantificadas em quesitos avaliativos do desfile (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 14). Como o espetáculo da pirotecnia (até então proibido nos estádios) realizado pelos sinalizadores luminosos, que são acesos nas arquibancadas do sambódromo pelos torcedores no exato momento de compor o enredo da avenida, tudo previamente ensaiado e articulado entre escola e torcida.

Portanto, por mais que exista uma estrutura hierárquica dos afetos bastante estabelecida nos Gaviões, a mobilidade material entre as práticas do carnaval e do futebol faz com que tudo seja antes uma questão relacional. E é justamente a observação desse *efeito relacional* (GELL, 1998) entre *coisas* e pessoas que faz com que essa copresença seja uma narrativa em constante

⁶⁰ “Mar negro é tradição”, é com esse mantra nativo que os Gaviões da Fiel convocam seus torcedores a irem torcer com roupas totalmente pretas, preferencialmente a camisa oficial da torcida, ou uma do Corinthians que seja preta. O que faz com que a estética torcedora seja, de certa forma, corporificada através das vestimentas pretas do coletivo amontoado em bloco nas arquibancadas.

disputa, sobretudo a partir dos efeitos dotados pelos atores em posse dos materiais (GELL, 1998).

Estabeleço então a premissa de que as hierarquias e as desigualdades nos Gaviões da Fiel são, sobretudo, questões relacionais entre pessoas e materiais, pois, como complementa Strathern (2017):

Por trás da coisa, a análise poderá revelar relações sociais. (...) Os direitos de propriedade aparecem como posses de pessoas e ao mesmo tempo separando, nesse ato, as pessoas umas das outras. (...) Quando a coisa se torna propriedade através das reivindicações feitas sobre ela passa a ser percebida como sendo, antes de mais nada, produto de relações sociais. (STRATHERN, 2017, p. 330 - 331, grifo meu).

Com isto, penso ser importante discutir também quem pode fazer parte do departamento de bandeiras, responsável pelos materiais patrimonializados da instituição, e da bateria, o coração da escola-torcida. Afinal, se os conflitos pela posse dos materiais, suas simbologias e propriedades sensoriais da emoção torcedora são frutos das relações que têm estabelecido esses dois grupos na primazia dessa *vocação do sentir*, quem são as pessoas por detrás das bandeiras e dos instrumentos?

Vale pontuar que os participantes desses dois núcleos, do departamento de bandeiras (homens entre 16 e 20 anos, em sua maioria negros), e da bateria (homens e mulheres, com maior heterogeneidade tanto racial quanto geracional), possuem o que os interlocutores classificam como *comprometimento a mais* com a instituição ou *responso*. Afinal, participar da bateria e/ou do departamento de bandeiras exige tempo, esforço e dedicação, pois trata-se de um trabalho, e para muitos uma carreira. O que faz com que essas pessoas estejam cada vez mais inseridas no cotidiano do torcer e do sambar nos GDF.

Mas talvez uma das questões centrais suscitadas pelas breves respostas seja que, sobretudo entre essas pessoas, existe uma forte demarcação de gênero. Pois a posse dos principais materiais atrelados ao torcer e ao sambar nos Gaviões da Fiel é de propriedade masculina. E por isso, vejo como necessário frisar que enxergar os materiais como parte de um sistema relacional é justamente inseri-los nos regimes internos de diferenciação, destacando desigualdades inclusive expressas na generificação entre homens e mulheres que torcem. Afinal, observar essas relações do contexto gavião é também perceber que o “gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (SCOTT, 1995, p. 72).

O departamento de bandeiras, por exemplo, além de ser totalmente composto por homens, na sala em que guardam os materiais, as mulheres, tão associadas quanto eles, sequer podem entrar para *ver*. Inclusive, independente da atividade a ser exercida na quadra, notei que fica um homem sentado em frente a porta desta sala, como uma espécie de vigia, segundo eles, para que os materiais não sejam furtados por rivais, no entanto, o fato de ser um homem ali também fortalece a mensagem de que as mulheres não são bem vindas nem para dar uma espiadinha furtiva.

Apesar do impedimento não ser estatutário e sim fruto de uma invenção traduzida em tradição, o argumento de que o *patrimônio* deve ser protegido, se necessário mais que o próprio corpo, e por isso os torcedores devem estar sempre dispostos a possíveis enfrentamentos físicos, faz com que essa narrativa esteja constantemente atrelada a *virilidade masculina* (VIGARELLO, 2013), e por isso quase que totalmente fechada numa *masculinidade hegemônica* (CONNELL & MESSERSCHIMIDT, 2013) que não permite discussões.

Além disso, as *gaviãs* (ANDRADE, 2022) também são pessoas privadas da oportunidade de bandeirar (ato de tremular a bandeira de mastro), sob a justificativa de "não aguentarem o peso", o que cai por terra em qualquer manifestação torcedora na quadra, visto que o ato é constantemente realizado por crianças de 7 ou 8 anos (só meninos), que são filhos ou parentes dos integrantes (ou ex-integrantes) do dito departamento.

E apesar de haver uma maior abertura às mulheres na bateria, afinal deste grupo elas podem fazer parte e até tocar alguns instrumentos, percebe-se que a interdição não demora a aparecer. A começar pela batucada de arquibancada, onde os 7 instrumentos são apenas tocados por homens, e ao olhar a bateria do carnaval, hoje composta por mais de 200 ritmistas, é possível notar que o *núcleo duro*, ou seja, os instrumentos mais decisivos que impõem a sonoridade e o ritmo de base da bateria e, por isso possuidores de maior simbologia e status internos, são de posse exclusiva dos homens. O que faz com que ao olhar e ouvir a bateria tocando, os principais elementos apresentados para serem *vistos*, assim como a expressividade exposta pelo departamento de bandeiras, são basicamente masculinos.



20. Bateria de gerações, 2022. | 21. Mulheres na bateria, 2022. | 22. Batucada dos homens, 2022. | 23. Os 7 instrumentos que só homens tocam, 2022

O que de certa maneira remete novamente ao contexto etnológico de Marilyn Strathern (2017), onde "O que se vê é o que existe - apresenta-se - para ser visto; o que não se vê é o que não é para ser visto. Em Hagen, as mulheres em geral não são para 'ser vistas' como são os homens" (STRATHERN, 2017, p. 373). Parece que toda essa expressividade estética e material dos Gaviões da Fiel também é um exercício em que só os homens é que são para *ser vistos*.

Se, como conclui no tópico anterior, o principal atributo da *vocação* torcedora e sambista é o *sentir*, estar apartado da plenitude dessa dimensão sensorial da existência é estar constantemente em luta por (re)existir neste espaço. Le Breton (2016) destaca como a consciência de si está totalmente atrelada às experiências sensoriais em que o corpo se coloca no mundo dos sentidos de sua cultura, em seus caminhos de organização sensorial. O que me faz questionar se essas barreiras estabelecidas, especificamente para os corpos das *gaviãs da fiel* (ANDRADE, 2022) nesse universo sensorial do torcer e do sambar, também não leva consigo toda uma consciência coletiva de uma experiência propriamente feminina do torcer, ou pelo menos uma não unicamente masculina.

Pontuo que muito me agrada um termo utilizado na etnomusicologia para nomear o conjunto musical comum às baterias de escolas de samba, o "acústico-mocionais", que na verdade diz respeito a junção rítmica constante de "movimentos sonorizados e movimentos mudos" (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 100). Por mais que para os ouvidos leigos faça pouco sentido em uma bateria existir *coisas* que *fazem silêncio*, na prática tais movimentos são tão necessários quanto os ruidosos, a única diferença é que eles *aparecem* menos. "Tanto faz, portanto, se um movimento produz um som ou é executado 'silenciosamente', ele participa, de qualquer modo, de todo o processo musical" (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 101). Assim como as mulheres nos Gaviões, que como pude notar etnograficamente, participam de todo o processo de construção da torcida e da escola, mesmo que elas quase nunca sejam *vistas* ou *ouvidas* enquanto tais.

E, apesar das desigualdades de gênero, que como vimos também atravessam os materiais em suas posses, indicarem um caminho cheio de impeditivos e portas fechadas para as mulheres, isso não significa que tudo é estabelecido passivamente como está. O trabalho recente de Marianna Andrade (2022) aponta, da perspectiva do gênero como uma categoria de análise, como as mulheres nos Gaviões da Fiel lutam diariamente na busca por uma construção do torcer que desassocia a prática da exclusividade histórica atrelada ao masculino, e constrói, como indica a antropóloga, uma narrativa contra hegemônica própria do torcer como *gaviãs da fiel* (ANDRADE, 2022), inclusive na reivindicação e disputa pela posse reiterada dos materiais⁶¹.



24. "Gaviãs da Fiel", 2022.



25. "Gaviãs da Fiel", 2022.

⁶¹ Para uma maior densidade das discussões de gênero nos Gaviões da Fiel, favor consultar o ótimo trabalho "Para além da arquibancada: uma etnografia sobre as 'gaviãs' da Fiel", de Marianna Andrade (2022).

Com isto, concluo que a posse das *coisas* que *torcem* e *sambam* constrói hierarquias e fundamenta desigualdades, como a de gênero. E em uma coletividade torcedora e sambista baseada na "moral" (aqui entendida como status) interna, ter a posse dos materiais que fazem o torcer é também um modo de ser feito enquanto pessoa que torce. E para corpos que tem como *vocação* a dimensão sensorial do *sentir*, por meio das emoções materializadas, não ter acesso aos materiais talvez seja como ver um jogo sem óculos tendo miopia, ou como não ouvir os repiques e as paradas da bateria que direcionam os cantos, como sentir o sol de inverno sobre a pele, por mais que se perceba o brilho, pouco de fato se pode *sentir*.

Aqui, portanto, apresentei uma discussão sobre a socialidade e as *coisas* que constroem pessoas e por vezes sustentam desigualdades em disputas, inclusive na dimensão generificada da posse dos materiais na torcida-escola. A seguir entrarei no que acredito ser a gênese desse processo, ou seja, a dimensão da aprendizagem, manuseio e domínio dos principais materiais do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel.

2.3. Entender, aprender e tocar

Neste tópico pretendo me aprofundar em alguns assuntos que pouco costumam aparecer sob o ponto de vista do olhar, e mesmo assim segue sendo a força motriz tanto das torcidas organizadas quanto das escolas de samba relacionadas ao futebol, que são os processos internos de ensino e aprendizagem, sobretudo nas práticas atreladas aos materiais⁶². Afinal, como se fabrica um torcedor organizado? E como se constrói um sambista dentro de uma torcida organizada? Se como discuti até aqui, os materiais são fundamentais na *vocação* sensorial do torcer e do sambar, como então são preparadas as pessoas responsáveis por manusear e zelar por essas *coisas*?

Como veremos adiante, toda construção torcedora e/ou sambista ocorre por processos constantes de aprendizagens e ajustamentos, no próprio corpo e nas práticas de *mediação técnica* (LATOURET, 2012) com os materiais. E compreender um pouco desse processo é também perceber como as coisas constroem pessoas e sustentam desigualdades e conflitos em torno do *saber e do poder fazer*.

Tim Ingold (2015), ao descrever sua tarefa artesanal de construir prateleiras em sua casa, demonstra como "Cortar a madeira, então, é um efeito não do serrote apenas, mas de todo o sistema de forças e relações criado pelo envolvimento íntimo do serrote, do cavalete, da peça e do próprio corpo" (INGOLD, 2015, p. 101)⁶³.

Refletindo sobre essas e outras questões, escolhi perpassar algumas dinâmicas artesanais específicas que, ao meu ver, demarcam esse *sistema de forças e relações* (INGOLD, 2015) entre as *coisas* e as pessoas nos Gaviões. Como os planos de carreiras do torcer e do sambar, o cursinho para novos associados, os ensaios da escola de samba, as reuniões de *canto da torcida*, as aprendizagens das caravanas, a escolinha de bateria e o ensino no departamento de bandeiras.

Mas antes, adianto que, em um mundo de prática sensorial como é o do torcer e o do sambar, a propedêutica pedagógica inexistente nos processos de aprendizagem. E por mais que em nossa cabeça queiramos explicar as coisas como um procedimento sucessivo de acontecimentos, num efeito descritivo passo-a-passo, aqui isso seria um equívoco sem tamanho.

⁶² Nessa linha destaca-se o recente trabalho de Gabriel Oliveira (2021) sobre o processo de ensino e aprendizagem dentro da torcida-escola Tricolor Independente e da escola de samba Vai-Vai. No entanto, cabe destacar que seu enfoque é especificamente sobre a construção do mestre-sala e da porta-bandeira.

⁶³ Sobre esse *entre-meio* em que se encontram as *coisas* e suas reconfigurações na relação de técnica e manuseio, consultar Brito (2015).

Por isso, faço questão de demarcar esse tópico conclusivo do capítulo dizendo que *ver, ouvir, sentir, entender, aprender, tocar* e qualquer outro sinônimo alusivo a esse universo sensível, não carrega consigo ordem alguma, mas diversos movimentos em ritmo (BERTOLO, 2020).

O ritmo, então, não é um movimento, mas um acoplamento dinâmico de movimentos. Cada um desses acoplamentos é uma ressonância específica, e a sinergia profissional, ferramenta e matéria-prima estabelece um campo inteiro de tais ressonâncias. Mas este campo não é monótono. Pois cada ciclo é definido não dentro de parâmetros fixos, mas dentro de um quadro que está ele mesmo suspenso em movimento, em um ambiente onde nada é a mesma coisa de momento a momento (INGOLD, 2015, p. 107).

Inclusive, etnograficamente pude perceber que um movimento desse ritmo sensorial "introdutório" pode começar mais cedo do que se pensa. Por exemplo, muitos torcedores mirins (sobretudo os bebês) são inseridos nas práticas dos Gaviões também através do tato, ao *tocar* algum instrumento, que geralmente é apresentado como se fosse um brinquedo sonoro em que a criança é incentivada a bater e ouvir.

E mesmo que o bebê não *entenda* ou *aprenda*, naquele momento, o que aqueles gestos significam, isso não tem a menor relevância, pois o primordial ali é o contato sensorial, até mesmo quando desacompanhado do inteligível. E como destaca Oliveira Pinto (2001, p. 90), quando o assunto é música por vezes o "(...) inteligível que se encontra por trás do audível". É, portanto, em meio as *coisas* que as pessoas, até em seus primeiros contatos com a torcida-escola, se movimentam nesse ritmo de aprendizagem não linear do *sentir*.



266. Contato sensorial com o surdo, 2022.



27. Contato sensorial com a arquibancadas, 2022.



28. Contato sensorial de canto e dança, 2022.

Vale pontuar também que, boa parte das práticas torcedoras e/ou sambistas já estão capilarizadas na sociabilidade periférica e negra da qual boa parte dos interessados provém, assim como eu mesmo. O que significa dizer que muitos já chegam sabendo, por exemplo, bandeirar (porque faziam no futebol de várzea na quebrada), tocar algum instrumento da bateria (de alguma vivência em escolas de samba da comunidade, projetos sociais ou até mesmo igrejas), ou com experiências administrativas de uma vida construída na escola dos *corres*. Afinal, como cantam os Racionais MC's (2002): "(...) Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola".

No entanto, é inegável que no plano ideal do imaginário coletivo desse associativismo torcedor e/ou sambista existem planos de carreira para o torcer e para o sambar, que, apesar de inseridos nesse ritmo sensorial em movimento, segue também um caminhar mais etapista e formal, ao menos para aqueles que almejam "crescer" na torcida-escola, como veremos mais adiante nas dinâmicas internas.

A construção torcedora e/ou sambista

Ao se associar aos Gaviões da Fiel se é direcionado para as "reuniões de novos associados", e apesar desse direcionamento surgir em tom de um convite amistoso e agregador aos *novatos*, é só nessas reuniões que entregam a carteirinha de sócio. E é somente ela que enfim permite o acesso aos ingressos e entrada no setor específico do estádio destinado aos torcedores organizados com seus materiais (vestimentas da torcida).

Além disso, é a carteirinha (um artefato individual) que também permite comprar e portar artefatos da torcida. Sim, cabe frisar que até mesmo a compra de alguns materiais tidos como *uniformes* da torcida-escola, como por exemplo a camisa da *proibição* (Cf. Capítulo 1), além da camisa principal, que segue essa mesma estética, mas com o símbolo e a inscrição da torcida-escola que, por serem lidos enquanto patrimônios, só podem ser adquiridas por sócios. Em resumo, o convite para participar das reuniões de novos associados é, na verdade, um caminho obrigatório para quem quer adentrar no universo dos Gaviões da Fiel.

Vale salientar algo específico sobre a categoria de *patrimônio*⁶⁴ nos GDF. Se como vimos anteriormente, materiais patrimonializados assumem o protagonismo na instituição competindo até mesmo com pessoas, aqui, apesar de ter uma relação de compra, ele continua indo muito além de mera questão econômica e/ou de posse.

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade. A literatura etnográfica está repleta de exemplos de culturas, nas quais os bens materiais não são classificados como objetos separados dos seus proprietários. Esses bens, por sua vez, nem sempre têm atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem a propósitos práticos, mas carregam, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais. Configuram aquilo que Marcel Mauss (1974) denominou "fatos sociais totais". Tais bens são, simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários, e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos (GONÇALVES, 2003, p. 27).

Retomando, as reuniões para novos associados em que são entregues as carteirinhas, pode parecer o primeiro caminho da construção de um torcedor organizado e/ou um sambista, mas não é, pois a decisão de se associar geralmente é bem mais tardia do que se imagina. Ao menos para moradores da cidade de São Paulo e da região metropolitana da cidade, os primeiros acercamentos costumam acontecer pelo que chamo de *vias sensoriais permitidas*, uma espécie de conjunto de atividades práticas abertas a todos, e que servem como força de atração na captação de novos membros. Nisso, inclui-se a abertura a ficar junto nas arquibancadas, desde que se esteja vestido de preto⁶⁵, as festividades na quadra abertas a todos (gratuitas ou pagas), e principalmente as atividades atreladas ao carnaval, como os ensaios às sextas-feiras de noite que já viraram atração da cidade com shows de abertura e convidados especiais.

Geralmente esses são os primeiros contatos com a torcida-escola, e a associação ocorre mais como uma espécie de extensão formal do vínculo afetivo, que já vinha em movimento sensorial para além dessa normativa primária. No entanto, é a partir da reunião de novos associados que se começa a transmissão oral da chamada ideologia dos Gaviões da Fiel, ou seja, um conjunto de ensinamentos sobre a história da instituição, seu funcionamento e, sobretudo, seu código de conduta.

⁶⁴ Para um panorama maior sobre a discussão sobre patrimônio, consultar: Abreu & Chagas (2003). Aqui, quando mobilizo a categoria, não me refiro à questão propriamente econômica dos materiais (APPADURAI, 2008). E apesar de me aproximar das leituras de patrimônio imaterial e cultural (SANT'ANNA, 2003), e de patrimônio intangível (OLIVEN, 2003), penso que a conceituação nativa que ofereço a partir da etnografia cumpra melhor esse papel.

⁶⁵ A exigência da cor preta é por conta da já dita identidade estética das arquibancadas (TOLEDO, 1996), na qual se estabelece o *mar negro* dos Gaviões como padrão visual do coletivo.

Desde a fundação dos Gaviões da Fiel, nós realizamos as reuniões de novos sócios, com o objetivo de integrar os associados à ideologia da maior Torcida Organizada do Brasil. O encontro sempre foi realizado em nossa sede com a participação de fundadores e membros da diretoria⁶⁶.

Apesar de não ter tido a oportunidade de frequentar as reuniões, segundo os interlocutores com quem conversei a respeito, os ensinamentos são transmitidos por duas vias, sendo a primeira uma fala, de algum fundador ou membro antigo da agremiação, sobre a história de fundação da entidade e seus principais valores e conquistas, e a segunda uma explicação mais prática, geralmente de algum chefe de departamento ou pessoa influente nos Gaviões, sobre o funcionamento do cotidiano da torcida-escola, as atividades que os sócios podem fazer parte, as regras de conduta e suas punições, dentre outras coisas.

Vale frisar que todo este ensinamento primário, destinado tanto aos novos associados homens quanto às mulheres, é feito integralmente por homens e suas narrativas masculinas da história da agremiação. O que, como bem aponta Marianna Andrade (2022), corrobora para a exclusão representativa das mulheres na construção histórica e estética do torcer nos Gaviões da Fiel, até mesmo para as novas associadas, que ao adentrar este novo espaço só ouvem a história de uma agremiação *feita por homens e para homens* (ANDRADE, 2022), a qual cabe a elas se adequarem ao *proceder* para existir.

Também nesta reunião de novos associados é apresentado os significados da inscrição, que se vê grafada na maioria dos materiais, nas peles tatuadas, e nas paredes da própria quadra sede, na forma de um lema dos Gaviões da Fiel: *Lealdade, Humildade e Procedimento* (L.H.P.).

Apesar da leitura rápida sugerir meros significados simplistas do dicionário, nativamente se trata de uma forma de sintetizar todo um código de conduta, um conjunto de regras bastante complexas e elaboradas, também atreladas a influências estéticas do contexto periférico (FELTRAN, 2008) e de sua sociabilidade expandida a partir de atravessamentos na sociabilidade cotidiana, inclusive capilarizada em imagens deixadas pelo crime organizado (MARQUES, 2010; BIONDI, 2010). Onde não agir com *proceder*, ou seja, não agir de acordo com a postura exigida pelo coletivo e suas normas interditas, não ser *leal* aos que te cercam como se fossem sua família, e abandonar a *humildade* em meio a caminhada, é um desacordo coletivo caro demais para se assumir.

E independente do caminho traçado pelo novo associado, seja na trajetória das arquibancadas, do carnaval, ou de ambos, o L.H.P. é uma exigência diária para a sua

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/gavioesoficial/photos/reunião-novos-associados-e-cadastro-fpf-0806-sábado-13has-reuniões-aos-novos-ass/469090099834607/>> Acesso em: 24/09/2021.

sociabilidade. O que, obviamente, por ser recheado de especificidades de comportamentos, não é passado apenas nas reuniões, mas diariamente atrelado às práticas torcedoras e sambistas, que acontecem em uma espécie de relação de transmissão de memória oral e sensorial, dos velhos para os novos associados, de saberes antigos em afazeres e situações atuais.

O que se estende também para departamentos específicos, mesmo os atrelados a ensinamentos práticos como manuseio, cuidado e técnica para com o uso dos materiais. O saber torcedor e sambista é, sobretudo, um conjunto de práticas sensíveis transmitidas de antigos a novos associados, numa espécie de alfabetização sensível e ideológica desse novo universo a ser explorado pelos novos praticantes do torcer e/ou do sambar. Afinal, "As percepções sensoriais formam um prisma de significados sobre o mundo, mas elas são modeladas pela educação e utilizadas segundo a história pessoal. Numa mesma comunidade elas variam de um indivíduo a outro, mas basicamente se acordam sobre o essencial" (LE BRETON, 2016, p. 14).

Diferente da torcida, a entrada no carnaval não acontece por vias associativas e por isso mais desvinculada do pertencimento clubístico. Ocorre por uma inscrição independente ao "Projeto comunidade Fiel", grupo interno criado especificamente para alocar os participantes do carnaval sem que eles precisem se associar a torcida para desfilar pela escola. Essa inscrição exige uma taxa a ser paga, o que faz com que muitas pessoas frequentem os ensaios mesmo sem se inscrever para o desfile. A inscrição, além de garantir o uso da fantasia para o desfile (que deve ser devolvida depois), também assegura uma carteirinha que dá acesso gratuito a todos os ensaios, os já abertos de terça-feira de noite e domingo de tarde (quando não houver jogo do Corinthians), e os fechados de sexta-feira à noite, os quais são também shows e a entrada de não sócios e não membros do Projeto Comunidade Fiel é paga⁶⁷. Vale destacar que atrás da carteirinha existe uma tabela com a data de todos os ensaios, cada espaço deve ser devidamente carimbado em cada ensaio, sendo permitido o desfile somente aos que garantiram mais de 70% de presença.

A inscrição no projeto foi o caminho que segui para adentrar ainda mais os ambientes de sociabilidade em torno do carnaval, o que de tabela também me permitiu acessar esse núcleo de construção dos sambistas (componentes e/ou foliões). No entanto, o primeiro contato com o carnaval também está longe de ser a partir da formalidade da inscrição. Eu mesmo frequentei alguns ensaios abertos desfilando, junto a alas aleatórias, antes mesmo de me inscrever como componente da escola, e essa prática é bastante comum, alguns de meus interlocutores

⁶⁷ Em 2019 a taxa de inscrição para desfilar como componente era de R\$120,00 reais. Já o valor de cada ensaio fechado para não sócios ou não inscritos era de R\$10,00 reais.

frequentaram ensaios por meses antes de decidirem se inscrever e de fato se comprometer com as exigências do projeto.

Como adiantado no tópico anterior, o carnaval traz aos Gaviões uma maior abertura de participantes para além do clubismo, e isso se dá justamente pela não necessidade de associação à torcida-escola. Como dito pelo então presidente Digão: “Alguns vem pelo carnaval e nem corinthianos são” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019), o que indica que a construção sambista é um tanto mais ampla e múltipla, se comparada a do torcedor, desde seus graus iniciais de aprendizagem.

Especificamente sobre o processo de aprendizagem do corpo para o desfile, tudo acontece em uma dinâmica prática e repetitiva de instrução e reprodução corpórea. Os ensinamentos e ajustes de movimentos e adequação aos passos exigidos pelo samba-enredo é realizado nos ensaios por um conjunto de pessoas da comissão de carnaval: "apoios", responsáveis por fazer com que o movimento geral do bloco de componentes esteja se locomovendo integralmente e com o mínimo de variação de velocidade entre as alas, a famosa *evolução*; "harmonias", responsáveis por fazer reajustes individuais como ânimo, expressão corporal, canto e passos; "diretores de ala", que devem zelar para que sua ala esteja em simetria com as demais, corrigir as linhas verticais e horizontais das filas e afinar os movimentos coletivos para que estejam todos coordenados com o grande bloco das demais alas⁶⁸.



29. Ala das baianas ensaiando, 2022.



30. Harmonia no ensaio, 2022.



31. Ensaio pré-desfile de carnaval, 2022.

⁶⁸ Para saber mais detalhadamente sobre esse processo de aprendizagem do corpo no samba consultar novamente Gabriel Oliveira (2021), o autor foi etnógrafo e mestre-sala.

Já as reuniões de *canto da torcida*⁶⁹ são outro importante momento de ajustes e aprendizagens dentro dos Gaviões da Fiel. O aspecto sonoro nas arquibancadas (do futebol e do carnaval) é tão importante quanto o visual, e se as vestimentas devem seguir um padrão que expresse o símbolo da agremiação o canto segue esse mesmo ritmo, e por isso o audível de uma torcida deve estar devidamente distribuído e ordenado para que se ecoe o que eles chamam de "uma só voz". Apesar de parecer um movimento mais orgânico do que ensaiado, não são raras as reuniões de *canto da torcida*, momento em que os torcedores se alinham dentro da quadra vazia na formação mais próxima possível do que a de costume nas arquibancadas, inclusive com as mesmas pessoas ao redor, e a partir dessa simulação cantam a plenos pulmões como se estivessem de fato em um jogo. Enquanto isso, os líderes da torcida se distanciam em todos os cantos da quadra até o mais distante possível, com isso almejam perceber qual lado está cantando mais baixo ou fora de tom, e a partir dessa descoberta trocam pessoas de lugar em busca de equilíbrio sonoro.

Outra prática importante na dinâmica dos cantos é o levantamento do punho cerrado para sinalizar a troca de música. A bateria costuma sinalizar a mudança, mas como já vimos aqui, devido à escassez de materiais percussivos permitidos é o sinal do punho erguido que faz com que todo o bloco torcedor perceba que é o momento de parar de cantar para entoar a próxima música. Esse ensinamento quase não é verbalizado ou explicado, é uma daquelas aprendizagens sinestésicas que todos passam a reproduzir ao ver os membros mais antigos fazendo⁷⁰.

Apesar desse exemplo de canto parecer uma exclusividade das arquibancadas do futebol é justamente no carnaval que ele encontra seu ápice, pois a dinâmica de cantar o samba-enredo enquanto se desfila é passado com essa mesma intensidade, inclusive nessas métricas de dividir e realocar as pessoas que cantam mais alto ou mais baixo. Até porque o canto no samba é quesito avaliativo da agremiação no carnaval⁷¹, e não só das pessoas que desfilam (as quais são penalizadas se não cantarem ou se errarem a letra), mas também da torcida que faz com que o canto, que em tese seria só da avenida, seja amplificado criando uma atmosfera ainda mais

⁶⁹ Momentos em que os associados se reúnem para ensaiar a performance das arquibancadas de futebol, tanto para aprenderem novos cantos como para corrigirem coisas que não estejam saindo como deveriam, como o exemplo citado no parágrafo.

⁷⁰ Sabe-se que essa cultura oral que sustenta o processo de aprendizagem tem também suas origens atreladas a sociabilidade popular e negra das periferias das cidades, além de também ser bastante comum em religiões de matriz africana como o Candomblé (CASTILHO, 2009).

⁷¹ Também é interessante notar que para os torcedores organizados no torcer nas arquibancadas do futebol, não existe nenhuma punição "formal", mas subjetivamente junto ao coletivo é totalmente condenável que alguém pare de cantar, se canse ou erre a letra. O que demonstra um diálogo ainda maior entre arquibancada e avenida.

espetaculosa e sinérgica. Como fez questão de frisar o então presidente Digão em um dos ensaios do carnaval: “Aqui a gente é torcida organizada, não importa se é futebol ou carnaval, tem que cantar de uma faixa amarela à outra” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Agora as caravanas, viagens em direção aos jogos fora de casa, também são uma dimensão importante da construção do torcedor, e não são poucas as falas que indicam que só se torna de fato um gavião depois de ir em muitas caravanas. Apesar de não ter tido a oportunidade de frequentá-las em campo, aqui destaco sua importância na própria narrativa que se constrói acerca de tal prática como uma espécie de ritual de passagem do torcedor. O que em tese traz consigo outra forte demarcação de gênero, visto que não são raras as caravanas em que só os homens podem frequentar, como por exemplo, a caravana para São Januário, no Rio de Janeiro, sob a justificativa de ser perigoso demais para as mulheres (ANDRADE, 2022).

Até aqui demonstrei, portanto, alguns processos de aprendizagens sensoriais do torcer e do sambar, como uma espécie de construção do corpo que torce e/ou samba. Agora pretendo ampliar essa dimensão ainda mais para a questão técnica do cuidado e manuseio dos materiais em torno do samba e do futebol. Começamos aqui pelo já citado departamento de bandeiras.

Entre as bandeiras e os instrumentos

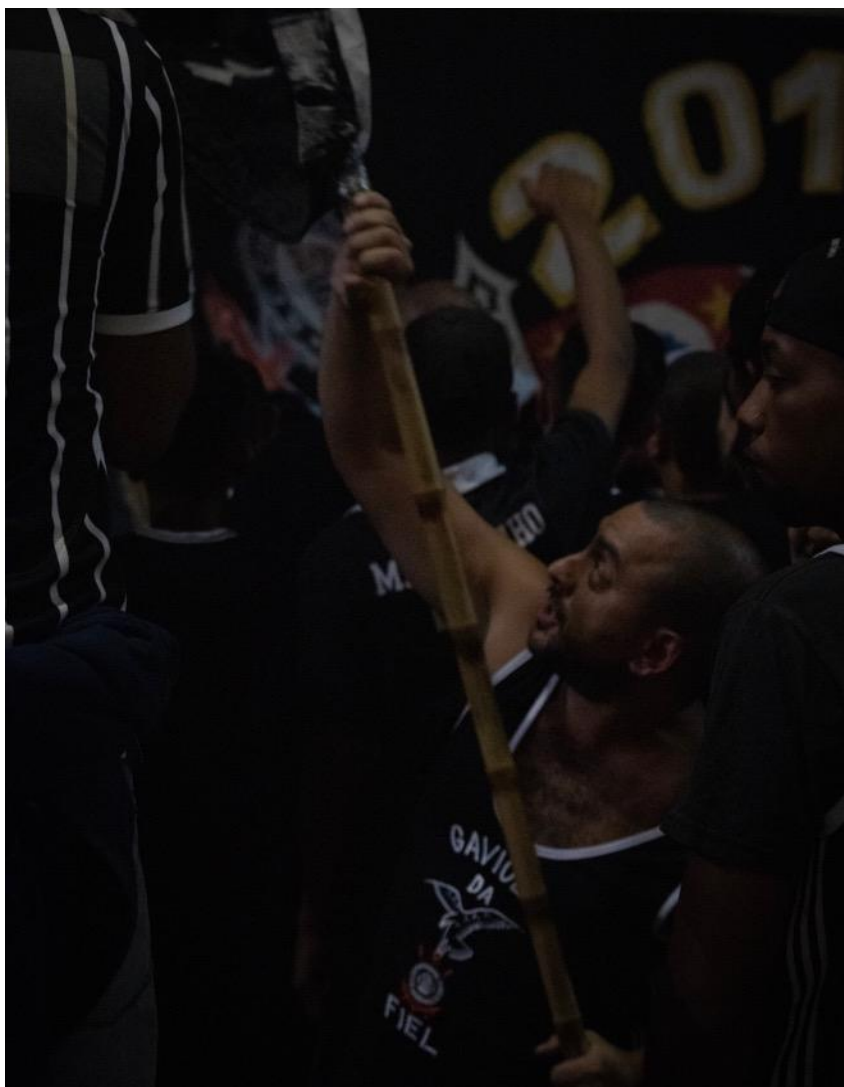
Como vimos anteriormente, é com os integrantes do departamento de bandeiras que estão os materiais de maior valor simbólico da agremiação, e até por isso também é o lugar mais inacessível, até mesmo de se observar etnograficamente.

No entanto, uma característica é bastante peculiar neste departamento, diferente dos outros que são ocupados por uma diversidade maior de pessoas e idades, até mesmo para sustentar o processo de transmissão de conhecimento oral dos mais velhos para os mais novos, o departamento de bandeiras por sua vez é composto quase que em sua totalidade por jovens que aparentam ter de 16 a 20 anos. E por isso seu processo de aprendizagem está diretamente atrelado a ex-participantes, que hoje compõem outros cargos na instituição, mas, mesmo assim, vivem em constante diálogo e ensino da antiga prática.

Esses aspectos, tanto da idade jovem dos participantes, quanto dos ensinamentos de pessoas que foram do departamento, e hoje "subiram" na agremiação, são bastante importantes para entender o plano de carreira para o torcedor nos Gaviões da Fiel. Pois após a entrada de novos associados (homens) o primeiro incentivo (por vezes indireto) é que conheçam o

departamento de bandeiras e que com isso venham a participar. Afinal, todos os homens que aparecem como modelos discursivos do ser gavião e hoje estão na diretoria ou presidência começaram por tal departamento.

Para além da logística dos materiais, da limpeza, do zelo, da proteção e da manutenção, uma característica que me chama bastante atenção é, como venho destacando, a *mediação técnica* (LATOURE, 2012) do corpo com o material, sobretudo na prática do bandeirar. A técnica de manuseio da bandeira de mastro parte de duas regras um tanto rígidas: o símbolo da agremiação sempre deve aparecer, e é inconcebível que a bandeira enrosque no mastro e embole sobre si, dificultando a exposição de seu símbolo, ou esbarre no corpo em meio a sequência de movimentos. Até mesmo por estas regras serem seguidas à risca, não foram poucas as vezes em que vi antigos participantes do departamento interrompendo os atuais portadores para mostrar na frente de todos (inclusive em festas abertas ao público geral) "como que se faz direito".



32. A arte de bandeirar, 2022.

O curioso é que toda essa técnica, a qual no departamento de bandeiras o corpo masculino tem que utilizar para demonstrar singeleza nos gestos de bandeirar, é justamente o papel delegado ao corpo feminino no carnaval, no caso à porta-bandeira. Inclusive as regras básicas são bastante parecidas com as citadas anteriormente. A plasticidade de movimentar a bandeira com singeleza e maestria de movimentos combinados, no carnaval dos Gaviões é, portanto, de domínio das mulheres. O que denota mais uma vez nessa dinâmica interna de escola-torcida como as técnicas do corpo para com os materiais opera também numa espécie de assimetria, sobretudo nas questões de gênero, que demarcam posições sob justificativas que as próprias práticas em comum (mas em ambientes diferentes) demonstram serem infundadas.

Se, como vimos no plano de carreira do torcer, a caminhada começa na maioria das vezes no departamento de bandeiras, o do sambista (componente e/ou ritmista) geralmente perpassa a escolinha de bateria Ritimão. Atualmente a escola de ritmistas dos Gaviões aberta gratuitamente a toda a comunidade (inclusive para não corinthianos) forma em média 100 novos ritmistas a cada ano, tendo hoje pelo menos 30% de toda sua bateria do carnaval criada e formada desde o início por sua própria escola⁷².

Com aulas semanais com o mestre de bateria e os diretores de cada naipe e/ou instrumento específico, a aprendizagem acontece por uma imersão da pessoa com o material e uma sucessão de movimentos corporais dançantes. E como bem destaca Oliveira Pinto (2001) esta relação com o samba está longe de ser apenas musical e acústica:

Estão vinculados a variadas formas de expressão, como à dança, a padrões de movimento, à língua, à religião e são constituídos por elementos tão abrangentes que, muitas vezes, representam 'estilos de vida' e estratégias mesmo de sobrevivência de determinados grupos sociais. Sua dimensão não se limita, portanto, ao fenômeno musical (...) (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 88).

A bateria Ritimão se torna, portanto, um meio pelo qual novos associados interessados no samba ou na batucada (seja de arquibancada ou da própria bateria) estabeleçam seus vínculos com a agremiação e construam suas relações de amizade. Por ser um grupo em tese mais aberto que os outros, e visivelmente mais heterogêneo, ele agrega também pessoas que "não sabem tocar", mas que querem aprender, ou até mesmo apenas participar de alguma forma, inclusive no cuidado e logística para com os instrumentos.

No entanto, é inegável que para uma parcela significativa desses participantes o samba transcende a relação de pertencimento coletivo e se torna a maior paixão dentro da agremiação,

⁷² Dados disponíveis em: <<https://gavioes.com.br/bateriaritimao>> Acesso em: 09/09/2021.

rasurando inclusive a já citada hierarquia dos afetos e levando o samba, e com isso as práticas atreladas ao carnaval, ao ponto máximo de importância e seriedade, delegando o clubismo ou a torcida a segundo e terceiro planos.



33. Aprendizagem com mestre Ciro, 2022.



34. Aprendizagem, caixa de guerra e surdos, 2022

Se numa concepção clássica o torcer para torcedores organizados constitui todo um *estilo de vida* (TOLEDO, 1996) próprio, o que proponho aqui, é que essa simetria ocorre também na trajetória do sambar para sambistas de torcidas organizadas. Suas vidas são pensadas e rearranjadas em torno de suas práticas atreladas ao samba, seus trabalhos, suas formas de lazer, suas relações afetivas, todo um conjunto de coisas cotidianas são mobilizadas para que o samba em suas vidas seja não uma forma de fuga do cotidiano ou uma mera batucada em prol do seu time, mas o centro gravitacional de seu "estilo de vida" enquanto sambista dos Gaviões da Fiel.

Esses planos de carreira do torcer e do sambar nos Gaviões são, portanto, submersos em práticas sensoriais em que a *materialização das emoções* não é só uma busca individual pelo torcedor e/ou sambista, mas um caminho sensível que fundamenta o ritmo da trajetória de toda a agremiação. E como destaca Ingold: "Para que haja ritmo, o movimento deve ser sentido. E o sentimento reside no acoplamento de movimento e percepção que, como vimos, é a chave para a prática qualificada" (INGOLD, 2015, p. 107).

Mas antes de concluir essa imersão nos processos sensíveis de *entender, aprender e tocar*, que atravessam essa *vocação do sentir*, faço questão de voltar a frisar como isso não é

igualmente acessível a todos. Afinal o plano de carreira do torcer tende a começar por uma dimensão interdita às mulheres (o departamento de bandeiras), além de privilegiar visivelmente um fator geracional com apenas adolescentes e jovens. Já o do sambar, apesar de mais plural, inclusive geracionalmente, não traz consigo exemplos de lideranças femininas, e nem mesmo espaço para que mulheres participem dos principais núcleos da bateria e funções de protagonismo diretivo no carnaval⁷³. Demarcando mais uma vez como toda essa caminhada foi feita por homens e para homens (ANDRADE, 2022) crescerem na agremiação.

E dentre esse universo de *coisas* que as pessoas fazem e *coisas* que fazem as pessoas, muitas mulheres ficam pelo caminho e sobrevivem como espécies de sons silenciados que não são percebidos, mas que na verdade sustentam todo o processo do torcer e do sambar. Afinal,

(...) a técnica de execução do samba está fundada em um grande número de 'unidades de ação', ou seja, de batidas, pontos de parada, movimentos para cima e para baixo etc. que decorrem simultânea e consecutivamente. Estas batidas se encaixam no esquema que surge enquanto pulsação elementar. **Tanto faz, portanto, se um movimento produz um som ou é executado 'silenciosamente', ele participa, de qualquer modo, de todo o processo** musical. (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 101, grifo meu).

Portanto, estabeleci aqui esse caminho inicial, onde as pessoas passam a se relacionar com os materiais, a ponto de serem construídas e fabricadas enquanto torcedores e/ou sambistas nos Gaviões da Fiel. Demonstrei também como as hierarquias e desigualdades, vistas no tópico anterior, já começam a ser estabelecidas em seus processos de aprendizagens, inclusive na relação de posse para com os materiais.

A seguir entrarei especificamente no que considero como relação cismogênica (BATESON, 2018 [1958]) entre torcida e escola, futebol e carnaval, a fim de discutir como as *coisas* se movem em meio a disputas e diferenciações entre essas duas esferas populares num mesmo ambiente e atravessando os mesmos corpos.

⁷³ Por exemplo, a atual gestão diretiva do carnaval composta em 2020 é composta por 19 pessoas, sendo 17 homens e apenas 2 mulheres. Disponível em: <https://m.facebook.com/gavioesoficial/photos/a.527143117362638/3032867293456862/?type=3&source=57&__tn__=EH-R> Acesso em: 15/10/2021.



Capítulo 3

Entre Arquibancada e Avenida:
a cismogênese Gaviões da Fiel



CAPÍTULO 3. Entre Arquibancada e Avenida: e a cismogênese Gaviões da Fiel

*“Atenção Fiel!
Amanhã não teremos nosso tradicional ensaio de domingo.
Nossa torcida estará indo para Itaquera...
É dia de CORINTHIANS”.*
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Neste capítulo conclusivo pretendo discutir a relação cismogênica entre os projetos de carnaval e torcida nos Gaviões da Fiel, uma torcida organizada que é também uma escola de samba. E com isto, darei mais ênfase às dimensões de disputas, conflitos e negociações entre o torcer e o sambar, para enfim, a partir da retomada da já dita hierarquia dos afetos, discutir como os materiais atrelados às práticas de ambas as coisas também constroem pessoas e socialidades em meio a essa cismogênese entre futebol e samba.

Pois por mais que a fórmula, *primeiro o Corinthians, segundo os Gaviões e terceiro o samba*, seja algo imposto e disseminado desde o início de maneira inegociável e hierarquizada, veremos que isso não impede que haja fortes discordâncias e atritos internos, como se pode perceber na fala de uma das líderes da harmonia do carnaval que desfilei, em 2019: “Não adianta, a gente sempre vai sair perdendo [para o futebol], ninguém mais para, nem mesmo as outras torcidas, só a gente. Sabemos que é tudo pelo Corinthians, mas desta forma sempre vamos sair perdendo”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)⁷⁴.

Portanto, mesmo que o projeto gavião, de uma *Torcida que Samba*, se proponha a homogeneizar as duas coisas através da categoria nativa discursiva empregada, a pesquisa etnográfica demonstrou que samba, carnaval e futebol não são assim tão solidários, tal como essa associação já muito explorada pela literatura possa sugerir (DAMATTA, 1981), ou só o seriam de um ponto de vista mais ensaístico e menos etnográfico. A partir disso demonstrarei neste capítulo como as disputas em torno dessas duas estéticas evocam aquilo que Bateson (1965) cunhou como *duplo vínculo*, situação em que esses dois regimes comunicativos, samba

⁷⁴ Vale ressaltar que foi inclusive cancelado um dos 3 ensaios técnicos do Anhembi, pois o Corinthians se classificou em um campeonato eliminatório e calhou de jogar no dia e horário do ensaio oficial previsto pela liga organizadora do carnaval. Por fim, os Gaviões da Fiel conseguiram trocar com uma escola para desfilar em outro dia e horário, todavia, o transtorno foi grande pois esse novo horário era às 18h de uma sexta-feira, o que dificultou e muito a chegada de todos os componentes e mais a TO.

e futebol, acabam produzindo também ruídos antagônicos, que alcançam e modificam a sociabilidade.

Em meio as fissuras institucionais em torno dessa estabilidade que sempre é posta em cheque em meio a relação diferenciante entre os dois projetos, é que coloco os Gaviões da Fiel numa perspectiva *cismogênica* (BATESON, 2018 [1958]) entre ser torcida organizada e escola de samba. Cada vez mais acumulando diferenciações que produzem tanto estabilidade como rupturas, inclusive na construção de suas práticas materializadas em torno do *torcer* e do *sambar*.

A partir do exemplo etnográfico a *cismogênese* (BATESON, 2018 [1958]) toma forma como uma categoria na qual, buscarei, analisar como se move a materialização do torcer e do sambar em meio a essa constante relação diferenciante. Seja em sua maior disputa sobre ser *Escola ou Torcida*, ou dos seus exemplos etnográficos específicos de *coisas* e pessoas construídas por essa *cismogênese gaviã*, até a *vida material das memórias* produzidas em meio a essas disputas.

Com este capítulo buscarei responder às seguintes questões: O que entendo por *cismogênese gaviã*? O que a relação entre torcer e sambar como *cismogênica* tem a agregar ao campo? E como acontece a *vida material das coisas que constroem pessoas* entre essa complexa relação competitiva e diferenciante?

3.1. "Escola" ou "Torcida"? Categorias nativas em disputa

Conforme demonstrado anteriormente, os Gaviões da Fiel foram pioneiros em formalizar esses dois caminhos institucionais: o torcer enquanto "torcida organizada" no ano de 1969, e o sambar, como "escola de samba" oficial em 1989. E como pude observar etnograficamente, o caminho embrionário da torcida organizada se tornando também uma escola de samba, somado às especificidades em manter ambos os projetos até hoje sobre uma mesma rubrica administrativa, induz dinâmicas específicas de pertencimentos e negociações para além do torcer para o Corinthians.

Apesar do início dos Gaviões da Fiel ter sido motivado pela adesão em prol do Sport Club Corinthians Paulista, e como um projeto político do torcer, a fim de contestar e se opor a realidade administrativa do clube⁷⁵, não demorou muito para receber seus primeiros contornos também carnavalescos. O samba apareceu na torcida a partir da ideia de alguns torcedores dos Gaviões que também frequentavam a escola de samba Vai-Vai. Ainda nos anos 1970 esses associados chegaram a mobilizar cerca de 200 a 300 torcedores para comporem uma ala completa dos Gaviões no carnaval da Vai-Vai, o que pouco tempo depois acabou se tornando um bloco independente da torcida no carnaval da cidade, anos mais tarde se constituindo como uma escola de samba do carnaval paulistano⁷⁶.

Os anos de sucesso da TO como Escola de Samba (ES) fizeram com que não só sua fama transcendesse a esfera futebolística e habitasse o universo carnavalesco, como fizeram do samba um importante eixo de sociabilidade dentro da torcida. Caminho este que se mostrou assertivo décadas depois, pois veio a possibilitar uma alternativa estatutária e, portanto, legal, na existência como pessoa jurídica da TO diante das sucessivas crises deflagradas, sobretudo a partir do final da década de 1980. Momento em que esses agrupamentos torcedores ficariam marcados e isolados politicamente pelo estigma da violência (TOLEDO, 1997; PIMENTA,

⁷⁵ Principalmente em oposição ao então presidente corinthiano Wadih Helu, deputado do partido político chamado ARENA (partido de sustentação do regime militar no Brasil), tendo presidido o clube de 1961 até 1971. Para verificar a relação entre futebol e ditadura militar consultar, por exemplo, Sandro Francisquini (2006), já especificamente ao contexto corinthiano do que veio a ser a Democracia Corinthiana consultar Florenzano (2009). Para um contexto mais histórico e crítico de fundação dos Gaviões consultar Canale (2020).

⁷⁶ Como acrescentam Hollanda e Quevedo (2019): "Já em 1975, o grêmio torcedor instituiu um bloco carnavalesco, vencedor de sucessivos desfiles de rua nos anos 1970 e 1980. Em 1988, após 13 títulos de carnaval consecutivos, o bloco torna-se uma Escola de Samba e passa a desfilar no carnaval, entre as principais agremiações. As conquistas se sucedem até o presente momento, sendo que, por quatro vezes, os Gaviões venceram o Grupo Especial do carnaval de São Paulo".

1997), além de juridicamente sob a mira do Ministério Público, que extinguiria, sem sucesso de fato, alguns desses coletivos (HOLLANDA & MEDEIROS, 2018).

Entre São Jorge e Ogum: Derby x Desfile

"Eu desejo que nosso São Jorge Padroeiro proteja os passos de todos hoje na avenida! E que Pai Ogum, com sua espada, abra os caminhos da minha escola amada! Ogunhê! Patacori, Ogum!"

Trecho postado por uma interlocutora (23/04/2022).

O dia 23 de abril de 2022 foi emblemático para esta etnografia. Além de ser considerado o dia do corinthiano, e dos aniversários de São Jorge, santo padroeiro do Corinthians e consequentemente dos Gaviões, e de Ogum, orixá guerreiro das religiões de matriz africana constantemente associado ao carnaval na entidade. Também foi dia das duas máximas da escola de samba e da torcida organizada: desfile dos GDF no carnaval e derby, Palmeiras x Corinthians no futebol.

Apesar do enredo de todas essas coisas num mesmo dia parecer propício para o combo perfeito da *torcida que samba*, na prática foi um dos exemplos máximos de disputas, conflitos e tensões entre ambos os projetos.

Por exemplo, uma das políticas da diretoria recém-eleita⁷⁷ é que em dias de jogos fora de casa os Gaviões abrem a sede para que a torcida (inclusive não associados) possa se reunir para torcer, diante de um telão, como nos estádios, só que com batucada, bandeiras de mastro e sinalizadores obviamente liberados. E assim o foi neste derby com torcida única e mando palmeirense.

No entanto, apesar do jogo ser das 19h às 21h e o desfile a partir das 23h35 no Anhembi, a proximidade de ambos os eventos de grande escala e mobilização colocou algumas dinâmicas em choque. Do lado do carnaval, a abertura da sede para ver o jogo ocupou todo o espaço, que como bem vi quando desfilei em 2019, seria utilizado pelo frenesi dos últimos ajustes pré-

⁷⁷ Chapa 13 "Juntos faremos a diferença", formada por Hamilton, o Padinho (presidente), e Alexandre Jacobina, o Jarrão (vice-presidente), eleita em 29 de maio de 2021.

desfile. Já do lado do futebol, a pressa de terminar o momento torcedor logo após o apito final para ceder o espaço para outros direcionamentos também causou certo transtorno.

Percebi que essa disputa entre torcida e escola estava para muito além de questões territorialistas como o uso da quadra. Por mais que isso impactasse sim a logística do dia para ambos os lados, o principal era o tensionamento que isso causava nas pessoas entre uma coisa e outra, como pude conversar virtualmente nas vésperas com um interlocutor que iria desfilar: "(...) mano, não sei o que vou fazer, acho que vou ter que passar o dia todo na quadra kkkkk. Pior que eu torço, torço! Então na hora do desfile já vou tá mortão kkkk... Mas vamo que vamo, é ganhar dos porco e comemorar na avenida!" (DIÁRIO DE CAMPO, 2022).

Em seguida o mesmo completa sobre os materiais inseridos em ambos os momentos: "(...) e vai ser uma correria da porra pra levar as bandeira, o bandeirão e os sinalizadores, porque a quadra vai tá lotada e nós tendo que atravessar com os bagulho pra botar no busão⁷⁸. Vai ser corrido! Mas tbm vai ser daora demais mano, imagina a festa que vai ser nessa quadra, séloko!" (DIÁRIO DE CAMPO, 2022).

Esse certo desconforto de *não saber o que fazer* entre uma coisa e outra, entre escola e torcida, é talvez o lugar que mais tentei observar etnograficamente. A ponto de perceber, que as próprias categorias de chamamento estavam em disputa, afinal não foram poucas as vezes em que o jargão, *torcida que samba* parecia um mero quadro esquecido na parede. E por mais que ele fosse reforçado constantemente nos discursos oficiais da entidade, no cotidiano ele cedia espaço para as definições de escola ou torcida.

No entanto, oficialmente essa postura de junção harmônica, nesse dia também foi bastante acionada, como se pode notar na postagem de um dos membros da atual diretoria em sua conta na rede social Instagram:

Amanhã serão duas guerras pela frente, uma na avenida e outra contra nosso maior inimigo e o sentimento nas duas missões serão bem parecidos. Na avenida teremos que ser 10 vzs melhores em tudo que envolve nossa alma, estaremos no meio de duas grandes escolas, uma que inicia [Vai-Vai] e outra que vem depois do nosso desfile [Mocidade Alegre], o sábado no geral será foda, teremos que ser gigantes!!! (DIÁRIO DE CAMPO, 2022).

Ainda assim, a derrota acachapante para o maior rival por 3x0 fez com que, rapidamente, os ânimos de harmonia entre as duas coisas ficassem ainda mais tensionados. Em derrotas assim tem sido comum parte dos associados se reunirem e irem cobrar o time logo após o jogo, seja

⁷⁸ Até o momento da escrita não consegui confirmar com nenhum dos interlocutores, porém, diferente dos outros carnavais, neste ano o bandeirão que tradicionalmente cobre todo o setor B do sambódromo não apareceu. Talvez por alguma proibição de última hora da liga organizadora (o que seria bem incomum), ou justamente por esse conflito logístico que a quadra lotada para ver o jogo pode ter causado.

em hotéis, centro de treinamento, aeroportos, no entanto, dessa vez nada sobre o futebol podia ser feito, era noite de samba.

O que não impediu uma enxurrada de comentários (alguns de associados e outros não) cobrando da torcida uma postura diferente já em sua postagem sobre o carnaval, logo após o término do jogo. "Vcs preocupados com Carnaval enquanto o time tá um lixo! Vergonha!!! Isso não é torcida, vai ser escola de samba vai!!!", postou @zidanilo.lhp. Prontamente rebatido por @kjkj.gaviao de forma irônica: "sim, até pq a Gaviões da Fiel é uma ESCOLA DE SAMBA, e a escola ficou o ano inteiro se preparando pra cancelar o desfile pq o Corinthians perdeu???? tua lógica é uma merda".

Nesse intermédio entre a decepção do clássico e a apreensão do desfile, Ogum e São Jorge retomaram o protagonismo do enredo, afinal, não foram poucas as súplicas para que o desfile salvasse o dia e trouxesse de volta um pouquinho de dignidade. O que ficou visível já durante o desfile, sobretudo pela performance das arquibancadas e da vida material ali permitida. As manifestações de orgulho por parte dos associados em suas redes sociais exaltando o torcer no carnaval foi uma constante durante toda a madrugada.



35. Printscreen Twitter, 23/04/2022.

Como venho discutindo aqui, nessa relação entre torcida e escola, o torcer (pelo Corinthians no futebol e pelos Gaviões no carnaval) se tornou uma propriedade de ambas as

práticas. Óbvio que em níveis e gradações diferentes, mas o protagonismo dos materiais nas arquibancadas da avenida me parece trazer também um ânimo a mais para a própria torcida que o organiza. Tanto que os chamamentos entre os associados se confundem quando o assunto é torcer no carnaval.

Por exemplo, um interlocutor ao postar uma foto sua da arquibancada do Anhembi repleta de sinalizadores durante o desfile, escreveu: "apenas contemplem a maior torcida organizada do mundo! EU SOU GAVIÕES SOU A VOZ DA FIEL". Enquanto um amigo, também associado, comentou em sua publicação: "À festa da arquibancada, isso é Gaviões da Fiel". Apesar do momento ser de protagonismo "da escola", isso para os associados parece se rasurar com certa facilidade no dia do desfile. Mesmo depois de um vexame no derby, após os Gaviões cruzarem a linha amarela do sambódromo: "desfile dos gaviões foi tão perfeito q até esqueci q teve jogo, paz", postou um de meus interlocutores em sua rede social Twitter.

Interessante pontuar como o oposto também aconteceu 3 dias depois. Pois na terça-feira, 26 de abril de 2022, teve a apuração do carnaval durante a tarde e jogo do Corinthians em Itaquera horas depois, pela Libertadores contra o Boca Juniors⁷⁹. Mas diferente da situação anterior em que o samba "salvou" a noite alvinegra, desta vez foi a vitória no futebol que lavou a alma de um esmagador oitavo lugar no carnaval vendo a maior rival (Mancha Verde - associada afetivamente ao Palmeiras) sagrar-se campeã.

Destaco também que, durante a apuração, a qual vi do campo de pesquisa, na quadra com os Gaviões, o clima era de festa de arquibancada, com batucada da bateria, bandeiras de mastro, comemoração e euforia a cada 10, revoltas e xingamentos a cada revés.



36. Clima de apuração, 2022.



37. Apuração na quadra, 2022.

⁷⁹ Fruto dessa observação etnográfica pode ser visto nos ensaios fotoetnográficos que publiquei em parceria com Marianna Andrade. Consultar na bibliografia: Andrade & Souza Junior (2022a; 2022b).

No entanto, foi no mínimo emblemático quando, antes de acabar a apuração, mas já determinado que a escola-torcida não estaria entre as campeãs, as bandeiras foram subitamente guardadas e os instrumentos musicais retirados da quadra por seus ritmistas. Era hora de sair do samba e ir para o futebol em Itaquera.

Apesar dessa constante disputa de pertencimentos entre ambos os projetos, penso que isso se intensifica ainda mais, como nos exemplos trazidos do desfile e da apuração, justamente por esse protagonismo que o torcer pelo carnaval, nas arquibancadas do Anhembi e na quadra, tem tido nas apresentações carnavalescas (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2022a; (ANDRADE & SOUZA JUNIOR, 2022b). Essa vida material que a torcida-escola tem durante o desfile (com bandeiras de mastro, sinalizadores, bandeirolas e bandeirões) e seu entorno, me parece ser o que faz com que os conflitos entre ambos os projetos, samba e futebol, encontrem um certo ponto em comum. No entanto, isso não anula essa disputa que, cotidianamente, se complexifica e se aprofunda cada vez mais.

As torcidas-escolas no carnaval

Antes de mergulhar nessa disputa interna dos GDF, acho importante pontuar que a discussão sobre torcidas organizadas que se tornam também escolas de samba não é nova. A etnografia de César (1982) nos próprios Gaviões já indicava a importância que o, até então, bloco carnavalesco possuía dentro da sociabilidade da torcida. Anos mais tarde Simson ([1989] 2007) descreve que os cordões carnavalescos da cidade de São Paulo tinham também uma relação com times de futebol.

Como se tratava de um processo ainda em formação, só nos anos 1990 que tivemos as análises que já possuíam os dois projetos mais estabelecidos, as torcidas organizadas que eram também escolas de samba. Não à toa, a etnografia de Toledo (1996) já dizia que, para as torcidas organizadas, “O carnaval aponta e visualiza para formas peculiares de sociabilidade e mesmo de disputa”. (TOLEDO, 1996, p. 97). Tanto que o autor separa um tópico de seu livro para o que chama de "as torcidas no samba" (TOLEDO, 1996, p. 88). Além de concluir que

Através do carnaval existe a possibilidade da ocorrência de uma significativa *inversão* dos valores e papéis, comparativamente à participação no universo do futebolístico. Ainda que reivindicuem sua importância no espetáculo e nas partidas de futebol, estes torcedores organizados serão sempre torcedores – aos jogadores cabe o papel de promover o espetáculo maior. Porém, no carnaval promove-se uma inversão, tornam-se os protagonistas do espetáculo. Desfilam nas ruas e no sambódromo. Da condição

de torcedores violentos, fanáticos e intolerantes passam a vislumbrar a condição de sambistas, ritmistas, passistas, artesãos, artistas populares. (TOLEDO, 1996, p. 153).

Tal protagonismo das torcidas enquanto escolas passou a ser percebido também por estudos que partem do carnaval e do samba, sobretudo por sua forma de sociabilidade atrelada ao contexto periférico da cidade de São Paulo ser comum tanto as torcidas organizadas quanto as escolas de samba.

Atualmente, as escolas ligadas a torcidas de times como Corinthians (Gaviões da Fiel), Palmeiras (Mancha Verde), Santos (Torcida Jovem) e São Paulo (Dragões da Real e Independente Tricolor) vêm ganhando cada vez mais projeção, mas essa relação entre escolas de samba e futebol não é nova. Não seria um acaso a mesma população negra e pobre que funda escolas de samba, mas que joga bola aos fins de semana nos campos de várzea, criar formas de interação entre essas duas formas de lazer. Evidentemente, as chamadas “escolas de torcida”, hoje em dia, são muito mais relacionadas ao cotidiano dos times e investem mais nas formas de torcer. Mas, há muito tempo, o futebol já era pretexto em São Paulo para fazer samba para valer, e vice-versa. (AZEVEDO & OLIVEIRA, 2018, p. 14).

Apesar desse certo reconhecimento, a entrada das torcidas para o circuito carnavalesco da cidade de São Paulo foi um tanto controversa, internamente nas próprias entidades torcedoras nem todos associados eram a favor ou gostavam do samba. Máxima que ainda segue nos dias atuais nos GDF. Mas essa resistência foi ainda maior por parte das escolas de samba tradicionais, como se pode ver na fala de quem abriu as portas para os Gaviões desfilarem no carnaval antes de se tornarem escola: "(...) no carnaval de 2003, por exemplo, após terminado o desfile da Gaviões da Fiel e antes de a Vai-Vai entrar na avenida, Solon Tadeu Pereira, presidente desta escola, afirmou: 'Agora vai começar o samba de verdade, não samba de comédia'" (BUENO, [2003] 2015, p. 240). Denotando um pouco de como era visto o samba das torcidas-escolas no carnaval.

Muito desse receio por parte das escolas tradicionais era justificado pela rivalidade que esse novo modelo de torcida-escola poderia trazer do futebol para o carnaval (HOLLANDA & MEDEIROS, 2018). Para além disso, pesquisas apontam que o caráter agregador e já massificado das torcidas organizadas poderia representar uma certa vantagem no carnaval (BUENO, [2003] 2015; AZEVEDO & OLIVEIRA, 2018; HOLLANDA & MEDEIROS, 2018).

Apesar de, contemporaneamente, tais argumentos já terem sido superados no carnaval paulistano, e as torcidas-escolas serem cada vez mais protagonistas no carnaval da cidade, no contexto carioca esses argumentos seguem sendo utilizados para que as portas do carnaval não se abram para as torcidas organizadas. Inclusive o fato da folia paulistana ser composta também por torcidas-escolas é usado mais como forma depreciativa de se descrever o carnaval de São

Paulo (PIMENTA & SILVA, 2019)⁸⁰.

Retomando ao caso específico dos GDF e sua disputa entre ser escola ou torcida, foi a pesquisa de Bueno ([2003] 2015) que, de certa forma inaugurou o olhar para esta categoria nativa de *torcida que samba*. Afinal, quando explicou que buscava observar a relação entre torcida e escola de samba dentro dos Gaviões recebeu o seguinte corte: "(...) Ih! Mas isso você não vai encontrar. Porque a Gaviões não é uma escola de samba. É uma torcida que samba" (BUENO, [2003] 2015, p. 238).

A partir disso, Bueno ([2003] 2015) aloca a entidade como uma espécie de "escola" (entre aspas mesmo), justamente para indicar que mesmo desfilando no carnaval, os Gaviões já indicavam que não seriam uma escola como as demais. O que de fato se concretizou, passadas quase duas décadas da pesquisa de Bueno ([2003] 2015), os Gaviões da Fiel não só se diferenciam das escolas de samba, como também das próprias torcidas-escolas.

"Arquibancada e carnaval, nós somos os Gaviões!"

O objetivo, pelo que pude notar etnograficamente desde o início, nunca foi da TO ter – ou ser – uma ES, mas dos Gaviões sobrevoarem também os céus das avenidas e passarelas do samba. Com isto, as próprias categorias existentes se tornaram insuficientes. Não se tratava mais de apenas uma torcida organizada e/ou uma escola de samba, assim, apropriou-se a categoria nativa de “Torcida que Samba (TS)”.

Como venho discutindo, o termo utilizado é apropriado propositalmente para indicar a interatividade entre a torcida organizada de futebol e a escola de samba e projeta uma postura política dessa sociabilidade, pois a define não somente como uma escola de samba como as demais, também advindas de TO's, e que participam das competições oficiais, mas, antes, *uma torcida que samba*. Lema este, que em si já sugere algum grau de mobilidade, tensão, negociação e ajustamentos na produção da socialidade entre torcer e sambar.

“ARQUIBANCADA E CARNAVAL, NÓS SOMOS OS GAVIÕES! Sintam o clima de arquibancada que levaremos para o Anhembi”. Essa era uma das frases mais comuns utilizadas nas publicações dos Gaviões da Fiel em suas redes sociais e, também nos grupos de

⁸⁰ Ainda assim, vale destacar que no contexto carioca observa-se a recente formação de *Torcidas Organizadas de Escolas de Samba* (TOES). Nota-se, um percurso inverso do aqui discutido, do samba para a torcida e não da torcida para o samba. O que, porém, já mostra como o transitar entre dois projetos de sociabilidades podem gerar novas e inesperadas formas de confrontação de uma instância sobre a outra, no caso em específico dos autores, do samba sobre a lógica torcedora (PIMENTA & SILVA, 2019).

*WhatsApp*⁸¹ dos componentes, a fim de divulgar suas atividades sobre o carnaval que desfilei em 2019, quase sempre acompanhadas com vídeos e/ou fotos da própria torcida⁸².

Um pequeno parêntese. Aqui se percebe uma estratégia de inclusão muito bem-sucedida, trata-se da comunicação virtual (já antes da pandemia). Toda e qualquer mensagem que era disseminada para os componentes do carnaval via grupos de *WhatsApp* ou ensaios presenciais, ou seja, nas dinâmicas pertinentes à escola, eram também repassadas, quase que subitamente, em canais associativos para os demais torcedores também saberem e participarem.

Voltando ao fio da meada. Da mesma forma, constava na nota oficial pós carnaval⁸³ a seguinte afirmação: “o nosso carnaval sempre será voltado para festa na avenida e nas arquibancadas – temos a certeza que alcançamos esse objetivo. Gaviões, escola campeã do povo!”. Cabe destacar – brevemente – o uso nativo acima da categoria “escola”, ao invés de “torcida organizada” ou até mesmo “torcida que samba”.



38. Escola-torcida. Caminhada pós desfile de carnaval, 2019.

⁸¹ Cada ala carnavalesca tinha um grupo no aplicativo de mensagens para disseminar orientações – sempre de forma verticalizada – e motivações. Como fui, além de pesquisador, componente, tal grupo veio a ser uma importante fonte interna de observação etnográfica.

⁸² O uso nativo dessa expressividade estética e imagética de suas práticas, me levou a posteriori, sobretudo nas pesquisas subsequentes, a direcionar o olhar etnográfico também com aporte da antropologia visual propostos por Sylvia Caiuby Novaes (1997, 2008a, 2008b, 2010, 2014).

⁸³ O carnaval de 2019 não foi como o esperado, os Gaviões amargaram a nona colocação na classificação geral.

Isso acontece, de maneira delimitada, nas relações em que os Gaviões estabelecem com outras escolas ou até mesmo veículos institucionais do samba, sempre de maneira estratégica e política de se legitimar nesse meio, que como vimos, não é tão receptivo às torcidas organizadas. Mesmo que para dentro de seus domínios cotidianos o discurso seja sempre outro; o de “não somos uma escola de samba, mas uma *torcida que samba*”.

O uso nativo de uma categoria externa às suas origens, como forma política e estratégica de se relacionar com outros grupos, foi justamente o que propôs Manuela Carneiro da Cunha (2009) ao apresentar o processo de *indigenização da cultura* para discutir acerca dos direitos intelectuais sobre os conhecimentos tradicionais de populações indígenas. Aqui me refiro mais especificamente a sua discussão sobre “cultura” e cultura⁸⁴. A autora demonstra que há um uso reflexivo, por parte dos indígenas, da categoria analítica ocidental de “cultura”, sempre como forma política e estratégica nas relações interétnicas⁸⁵. Afirma ainda, que apesar da relação constante entre as categorias, “cultura” e cultura pouco possuem de semelhanças no interior dos grupos.

É o que acontece – obviamente em outra perspectiva e com as devidas proporções –, com os Gaviões da Fiel em suas relações de contexto carnavalesco. Usam de maneira reflexiva a categoria de “escola de samba” – como “cultura” –, enquanto dentro de seus domínios sabem que os “esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009. p. 313) – a cultura – é bem mais próximo da categoria nativa de “torcida que samba”, ou ainda, de “torcida organizada”.

Ainda nesta questão, a categoria nativa de “torcida que samba” parece estar ganhando seu espaço também fora das sociabilidades do interior da agremiação, sobretudo por sua expressividade torcedora nas apresentações carnavalescas. Assim, alguns veículos institucionais⁸⁶ passaram a usar a categoria para denominar esse grupo que apresenta

⁸⁴ O uso das aspas é proposital e se refere à famosa discussão apresentada por Manuela Carneiro da Cunha (2009), principalmente sobre a apropriação local e o uso estratégico da categoria de “cultura”, o transformando em algo distinto, uma certa versão politicamente reificada da cultura que fala de si mesmo.

⁸⁵ Segundo Marshall Sahlins (1997), compreender o processo de *indigenização da modernidade* nas relações interétnicas é a tarefa da antropologia contemporânea – o que de certo modo inspirou, segundo a própria autora, a análise de Manuela Carneiro da Cunha (2009). Para Sahlins o uso indígena de afazeres lidos como modernos se dá de forma reflexiva, a ponto de que as culturas não ocidentais imprimam seus próprios sentidos no que fazem com os artefatos ocidentais. Como afirma Sahlins (1997, p. 128) “Os meios são modernos, mas os fins são indígenas”.

⁸⁶ É o caso dos comentaristas de carnaval da Rede Globo de Televisão durante o desfile ao vivo dos Gaviões. Ou até mesmo as notas oficiais e matérias do SASP (Sociedade Amantes do Samba Paulista).

características específicas e peculiares ao ambiente de escolas de samba⁸⁷.

As diferenciações não param por aí, elas também habitam o campo jurídico. Os Gaviões da Fiel são a única agremiação, advinda das TO's, que mantém um único CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), tanto para as atividades da Torcida quanto da Escola. Estratégia bastante arriscada no meio jurídico, mas que interfere diretamente nas formas de sociabilidades negociadas no interior de um mesmo espaço físico, jurídico e simbólico⁸⁸.

Um exemplo personificado do encontro das sociabilidades de ambos os campos (do torcer e do sambar), pude ver na figura do então presidente dos Gaviões (Digão) que, quando desfilou, tocava surdo de terceira, tanto nas arquibancadas de futebol para *o canto da torcida*, como nas avenidas do samba, sendo um dos ritmistas do samba-enredo. Outro exemplo, esse coletivo, se dá dentre os circuitos urbanos da capital paulista, trata-se do trajeto entre a sede dos Gaviões e os locais das atividades da torcida-escola, tanto pertinentes ao futebol⁸⁹ como também ao samba. Acontece uma espécie de caminhada com requintes de bloco carnavalesco e cantos de arquibancada, sempre em prol do Corinthians e dos Gaviões⁹⁰.

No entanto, mesmo que no papel e nos muros da sede ser *uma torcida que samba* possa sugerir uma aliança perfeita entre os dois universos, no cotidiano das sociabilidades isso traz em si diversas questões internas de disputas e tensões no interior da agremiação. Sobretudo na já citada hierarquia dos afetos: primeiro o Corinthians, em seguida os Gaviões, depois o Carnaval. Como pude observar em mensagens postadas nas redes sociais informando sobre o cancelamento de – vários – ensaios de carnaval devido a jogos do Corinthians: “atenção Fiel: Amanhã não teremos nosso tradicional ensaio de domingo. Nossa torcida estará indo para Itaquera... É dia de CORINTHIANS”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Por mais que isso seja imposto e disseminado desde o início de maneira verticalizada, inegociável e extremamente hierarquizada – a ordem de cancelamento vem do presidente e da diretoria –, isso não impede que haja fortes discordâncias e atritos internos, como se pode

⁸⁷ Não significa que as outras escolas não possuem torcidas, mas que os Gaviões se destacam por sua forma massiva e organizada de torcer pelo carnaval como se costuma fazer com o futebol.

⁸⁸ Como denota em seu site oficial sobre a relevância do torcer e do sambar como identidade: “Torcida, carnaval, família, projetos sociais, formação política, lazer, disciplina, valores, e sua ideologia: lealdade, humildade e procedimento são os valores dessa escola da vida. O principal objetivo dos Gaviões da Fiel é apoiar e fiscalizar o Sport Club Corinthians Paulista, razão dessa existência”.

⁸⁹ Prática bastante comum quando os jogos do Corinthians como mandante eram realizados no Estádio do Pacaembu – aproximadamente 5 km da quadra sede dos Gaviões no Bom Retiro. Atualmente, para ir na arena em Itaquera costumam sair ônibus da sede e/ou marcar encontros em metrô próximos a zona leste paulistana, no entanto a caminhada coletiva até entrar no estádio ainda é uma tradição.

⁹⁰ Para a ideologia dos Gaviões, o Corinthians é a maior prioridade, isso é passado também para os participantes do carnaval de maneira inegociável. “*Pelo Corinthians, com muito amor, até o fim*”. (Um dos principais lemas da torcida).

perceber na já citada na fala de uma das líderes da harmonia no carnaval em 2019: “Não adianta, a gente sempre vai sair perdendo, ninguém mais para, nem mesmo as outras torcidas, só a gente. Sabemos que é tudo pelo Corinthians, mas desta forma sempre vamos sair perdendo”.⁹¹

Reitero que, mesmo que o projeto se proponha a homogeneizar, através da categoria nativa discursiva empregada, a pesquisa empírica demonstra que samba, carnaval e futebol talvez não sejam assim tão solidários, tal como essa associação já muito explorada pela literatura possa sugerir, ou só o seriam de um ponto de vista mais ensaístico e menos etnográfico.

Especulei então que as disputas em torno dessas duas estéticas evocam também um certo duplo vínculo (*double blind*) (BATESON, 1965). Situação em que esses dois regimes comunicativos, samba e futebol, acabam produzindo também ruídos antagônicos que alcançam e modificam a sociabilidade.

Essa interessante dissintonia, que por vezes ocorre e produz ruídos na comunicação entre samba e futebol, ao menos dentro dos Gaviões, faz com que as fronteiras não sejam tão demarcadas ou meramente justapostas, antes, como apontarei a seguir utilizando o próprio Bateson (2018 [1958]), *cismogênicas*.

⁹¹ Vale ressaltar que foi inclusive cancelado um dos 3 ensaios técnicos do Anhembi, pois o Corinthians se classificou em um campeonato eliminatório e calhou de jogar no dia e horário do ensaio oficial previsto pela liga organizadora do carnaval. Por fim, os Gaviões da Fiel conseguiram trocar com uma escola para desfilar em outro dia e horário, todavia, o transtorno foi grande pois esse novo horário era às 18h de uma sexta-feira, o que dificultou e muito a chegada de todos os componentes e mais a TO.

3.2. Cismogênese gaviã: O *canto-enredo*

Os Gaviões da Fiel não abrem mão de sua origem política social e histórica no futebol, mas também se orgulham de seu projeto no interior do arranjo institucional do samba a partir desse modelo das escolas carnavalescas⁹². O interessante é que esse duplo vínculo traz suas consequências ao modo de existir como uma *torcida que samba* na medida em que não se trata tão somente de uma sobreposição de uma coisa por outra, ou a produção de uma identidade torcedora que acomodaria samba e futebol como índices de agregação e sociabilidade em nome de um *ethos* popular dos Gaviões.

A junção de ambas as sociabilidades competitivas transcende uma simples soma e se torna uma espécie de *cismogênese* dentro da própria torcida. Interações essas que replicam diferenciações que dizem respeito às “evoluções” de um projeto de torcida-escola, o que implica politicamente em constantes negociações internas em torno desses eventos, não raramente tomados como símbolos de identidades populares e até da chamada identidade nacional, samba e futebol. Tais dinamismos, resultantes desse acúmulo de interações dão os contornos cotidianos e negociados de novas formas e expressões de sociabilidade torcedora.

Para melhor definir, *cismogênese* é um conceito utilizado por Bateson (2018 [1958]) para tratar da diferenciação resultante do acúmulo das interações entre indivíduos e grupos sociais, ou como ele mesmo aponta: “um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa dos indivíduos” (Bateson, 2018 [1958], p. 219). Segundo o autor, não haveria interação que não evoluísse para processos cismogênicos, desde relações íntimas às mais coletivas. Por isso, a busca no campo foi justamente por encontrar o resultado desse processo cismogênico.

Nas palavras de Amir Geiger, na apresentação de Naven de Bateson:

Cismogênese (...) traz a ideia de que integridade e ruptura não são distintas e opostas, mas faces do mesmo processo de produção combinada de estabilidade e variação. E que não existem por si, mas em contexto – rupturas podem ser reequilíbrio em outro plano; estabilidade pode estar associada a variações (BATESON, 2018 [1958], p. 35).

E é nesse contexto dos Gaviões da Fiel, de fissuras em meio ao projeto institucional em torno de uma "estabilidade variante", é que coloquei a relação entre a torcida organizada e a escola de samba numa perspectiva cismogênica (BATESON, 2018 [1958]), onde as

⁹² Isso fica evidente em depoimento de um ex-presidente da agremiação (Dentinho), que ao avaliar sua administração como a melhor da história, justifica seu argumento com os títulos do carnaval conquistados em sua gestão (BERNARDO BUARQUE; FLORENZANO, 2019).

diferenciações acumuladas entre uma coisa e outra operam ao mesmo tempo produzindo rupturas e estabilidades, que alcançam cotidianamente a sociabilidade em torno do torcer e do sambar dentro da agremiação.

Esse processo *cismogênico* de constante produção de diferenciações está na base do sucesso institucional dessa relação entre futebol e samba no caso dos Gaviões. O que não é o mesmo que dizer que ele não segue rumos completamente imprevisíveis, pois diferente de uma dialética com síntese, em que torcida + escola gera uma *torcida que samba*, a vivência gaviã não tem um resultado previsto (mesmo que desejado institucionalmente), mas constantes improvisações e reajustes tanto nas formas de torcer como também de sambar.

Por exemplo, no caso inesperado das dinâmicas de sociabilidade das avenidas e passarelas (propriamente do samba) adentrarem também as arquibancadas do futebol. Pois, se no plano inicial a arquibancada (torcida organizada) tomaria a avenida (escola de samba), atualmente ambos os projetos se retroalimentam em constante troca relacional e diferenciante.

Alguns sambas-enredos, por exemplo, atravessaram a avenida do samba diretamente para as arquibancadas do futebol. Não como ES ou TO, mas como uma terceira coisa resultante do *acúmulo* dessas duas; a *cismogênica* TS. Pode inclusive, através da pesquisa etnográfica, propor uma noção que defino por “canto-enredo”, cujas apropriações recíprocas do torcer e do sambar resultaram no movimento inverso do pensado inicialmente pelos projetos de samba no interior das torcidas.

Por exemplo, uma prática bastante comum dos Gaviões da Fiel nas arquibancadas de futebol é, após o Corinthians marcar um gol, independente do momento do jogo ou situação, inicia-se um canto na torcida que é, na verdade, um samba-enredo⁹³ da própria “escola de samba”⁹⁴. Mais do que cantar a música, o que acontece nas arquibancadas é uma reprodução corpórea⁹⁵ dos movimentos básicos utilizados pela “escola de samba” em seu desfile acompanhado pelo samba-enredo em questão. No entanto, a apropriação tomada do espaço carnavalesco se acumula em experimentações na arquibancada, transformando assim parte da

⁹³ O samba-enredo em questão se chama “a saliva do santo e o veneno da serpente”. Fez muito sucesso em 1994 quando a escola foi vice-campeã, reeditado agora em 2019, ano em que a Torcida completou 50 anos de existência.

⁹⁴ Inclusive pude encontrar uma matéria jornalística que abordou de forma perspicaz e nada analítica essa prática, segue o link da matéria: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/gavioes-da-fiel-reedita-samba-que-virou-canto-de-gol-do-corinthians.shtml>> Acesso em: 07/05/2022.

⁹⁵ Como bem afirma Oliveira (2019), a festa carnavalesca tem como elemento central o uso do corpo em suas manifestações dançantes, e isso é, segundo o autor, uma forma de transmissão e apreensão de técnicas corporais que traduzem significados.

letra do samba⁹⁶ que compõe o roteiro para se perceber o desfile em curso, numa ritualização específica do pós-gol, cuja potência adquire um ápice diverso da entonação do samba-enredo ao longo da avenida, que passa numa intensidade necessariamente constante.

Pode-se, inclusive, observar esse acontecimento narrado pelo então presidente da agremiação (Digão) em uma entrevista para a Rede Globo em 2019⁹⁷ sobre o samba-enredo no carnaval: “o samba nosso é muito forte. Acabei de cantar agora duas vezes ele no jogo do Corinthians. Cada gol do Corinthians a Torcida canta esse samba. Eu acho que a nossa identificação com o samba da arquibancada e com nosso povo no carnaval vai ser a diferença esse ano”.

Com isto, as noções nativas que se tornaram oficiais de *canto da torcida*, para músicas entoadas pelas TO's nas arquibancadas de futebol, e *samba-enredo*, para a música que direciona o desfile das escolas de samba, tornaram-se insuficientes para categorizar tal experimentação cismogênica dos GDF.

A partir disso, cunhei o termo “canto-enredo” para indicar o encontro relacional do *canto da torcida* com o *samba-enredo*. O que seria na verdade o exemplo *cismogênico* da relação entre torcer e sambar no universo das torcidas-escolas. Vale pontuar que, com *encontro relacional*, não me refiro a passividade harmônica entre ambos os projetos, pelo contrário, com o *canto-enredo* busco compreender também os conflitos, disputas, negociações e tensionamentos que essa emaranhada relação cismogênica proporciona. Tal termo serve, inclusive, como uma espécie de totalidade etnográfica (MAGNANI, 2002; 2009), a qual me permite experimentar o uso em outros locais de pesquisa comparativa, os quais pretendo explorar em trabalhos futuros.

Em outros momentos dessa relação *cismogênica* do torcer e sambar, pude observar alguns desdobramentos que também caberiam como exemplos dessa categoria de *canto-enredo*, até mesmo para além das arquibancadas. É o caso de os *cantos da torcida* habitarem constantemente os ambientes carnavalescos, sejam nos ensaios na quadra ou até mesmo no Anhembi. Cantos estes que são, em sua grande maioria, com letras voltadas para o Corinthians e o futebol em si, entretanto o uso é tão comum que se tornou tradição dentro da estrutura litúrgica⁹⁸ de todo e qualquer ensaio em prol do carnaval. Apesar de ter se tornado já parte da

⁹⁶ Enquanto na avenida se canta o trecho “(...) É um raro prazer, sabor de emoção, mas não abuse, que faz mal pro coração (...)”, nas arquibancadas ele ganha novos contornos que no samba não são permitidos em seus limites institucionais, e se torna “(...) é um raro prazer, sabor de emoção, fumar maconha e torcer pro Coringão (...)”.

⁹⁷ Segue o link da entrevista completa online: <<https://globoplay.globo.com/v/7349382/>>. Acesso em: 24/04/2022.

⁹⁸ Os ensaios costumam ter a seguinte liturgia: Começa com um grupo convidado tocando samba enquanto os componentes chegam, depois tem apresentação da bateria, já em seguida e junto do aquecimento dos ritmistas são

tradição, isso faz com que o ensaio propriamente dito seja menor, o que conseqüentemente prejudica o cronograma do samba.

Outro exemplo presenciei no Anhembi, ainda em 2019. Assim que a “escola” cruzou a linha amarela e o portão da avenida se fechou, os componentes continuaram o desfile nos bastidores em festa, mas, curiosamente, assim que acabou pela última vez o samba-enredo recém desfilado, foi puxado pela bateria os cantos comuns da arquibancada, tornando daquele ambiente carnavalesco completamente invadido pelo frenesi das arquibancadas do futebol. Como se a linha amarela no fim do sambódromo, que decreta o final do desfile oficial do samba, fosse também, para eles, o início, quase que uma chegada ao estádio de futebol após a peregrinação carnavalesca.

Nos ensaios técnicos no Anhembi isso também foi visível, sobretudo com a participação da torcida nas arquibancadas com sua vida material do torcer. Ao contrário do que possa parecer previamente, percebi que enquanto passávamos na avenida ensaiando, ocorria também um certo “ensaio” da interação e participação da torcida nas arquibancadas do Sambódromo para o dia do desfile. Todos os três ensaios técnicos tinham responsáveis nas arquibancadas indicando os momentos exatos para tanto o bandeirão quanto os sinalizadores entrarem em cena, tudo sincronizado para acontecer no momento oportuno de compor o enredo que passava na avenida. Portanto, não era só o ato em si de torcer, mas de certa forma também de sambar. Sendo assim, o canto-enredo ultrapassa os ambientes, tanto do futebol como do samba, e exerce em ambos a sociabilidade que lhe convém enquanto processo cismogênico diferenciante de torcida-escola.

Um último exemplo dessa *cismogênese* Gaviões da Fiel é o da reação a resultados negativos. Tanto no futebol após o Corinthians sofrer um gol, quanto ao receber notas não esperadas na apuração⁹⁹ – após a agremiação não ganhar um 10 –, ocorre quase que imediatamente um canto ainda mais forte de motivação, como se, para eles, o momento do revés fosse exatamente o motivo pelo qual estão ali, muito mais do que o do gol ou o desejado 10. Essa prática que já se tornou comum nos jogos da equipe corinthiana é vivenciada também em prol do samba. O mesmo acontece após o apito final de um jogo ou o fim da apuração, se o Corinthians ou os Gaviões perderam o jogo e/ou o título, o choro escorre dos olhos, mas enquanto isso a garganta vibra e o corpo pula.

Penso que, mesmo em meio aos constantes conflitos e custos dessa relação cismogênica

entoados os cantos de arquibancada, depois tocam algumas músicas / sambas antigos dos Gaviões, para enfim chegar no que em tese seria o principal da noite; o samba-enredo atual e o começo do ensaio dos componentes.

⁹⁹ Acontece um evento na quadra em que todos os componentes e demais integrantes se reúnem para assistir e torcerem juntos durante a apuração do carnaval. O qual estive presente tanto em 2019 como em 2022.

entre arquibancada e avenida, inclusive na vida material entre ambos os projetos, a produção desse *canto-enredo* por parte da torcida-escola é só mais uma amostra inventiva das possibilidades de mundo encontradas nas *frestas* (SIMAS, 2020). Ao que isso vai levar é impossível prever, mas penso que hoje em dia não seja mais plausível olhar para os Gaviões da Fiel apenas como uma torcida organizada ou escola de samba, eles têm se colocado em um outro lugar, atualizando assim não só as formas de torcer, mas também de sambar.



39. Torcendo no carnaval, 2019.

3.3. A vida material das memórias: O Acervo Gaviões da Fiel

Durante todo esse trabalho a memória perambulou sob as margens, e isso porque falar de *coisas que construíram pessoas* e suas formas de sociabilidade ao longo da história, foi também observar como cada chave da memória era acionada por meus interlocutores durante essa construção oral. Entendo a memória de uma perspectiva social (LEGOFF, 1990), o que significa dizer que não se trata de uma memorização pessoal e inata, mas uma reconstrução coletiva que compartilha vivências antigas em busca de preencher narrativas atuais (BARRETO, 2007).

Como vimos até aqui, nos Gaviões da Fiel quase toda experiência em torno de torcer e sambar é antes uma transmissão de saber, geralmente dos mais velhos (de prática, não necessariamente de idade) para os mais novos. E isso ocorre principalmente por meio da história oral impressa na memória coletiva.

O sentimento de pertença a um grupo não pressupõe a presença atual de seus membros. Suas influências podem permanecer vivas, orientando o olhar do memorialista sobre o passado. Ainda assim, o apoio coletivo à memória é mais vigoroso quando envolve a presença sensível de antigos companheiros e suas marcas no entorno. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 367).

Essa importância da memória coletiva se evidencia em cada conversa que tive em campo, pois as histórias antigas que ouvi sobre a agremiação, seus torcedores e sambistas foram sempre o prato principal de qualquer conversa. No entanto, esse apreço por uma memória própria da torcida-escola fica ainda mais explícito a partir da criação do *Acervo Tia Geni*¹⁰⁰, uma espécie de museu nativo dos Gaviões da Fiel.

(...) Acervo Gaviões, uma espécie de centro de memória que funciona nas dependências da quadra. Inaugurada em janeiro de 2019, a nova sala foi reformada e destinada especialmente a abrigar objetos, documentos e materiais audiovisuais de conservação da história do grupo. A construção do espaço foi iniciativa de componentes da nova geração de torcedores e contou com o apoio da atual direção para a sua materialização (CANALE & HOLLANDA, 2019).

Ao adentrar o acervo é possível se deparar com todo tipo de material que um dia fez, ou ainda faz, parte das práticas da torcida-escola. Para além de matérias jornalísticas, fotografias,

¹⁰⁰ Nome batizado em homenagem a Tia Geni, mulher preta, torcedora que se tornou símbolo dos Gaviões anos após sua fundação.

vídeos, depoimentos, trabalhos acadêmicos e livros, o lugar todo é construído e pensado como "(...) não apenas uma referência para repositório e depósito de objetos, mas também tenciona ser criador de suas próprias fontes" (CANALE & HOLLANDA, 2019). E todo esse trabalho, que nasceu coletivamente a partir de materiais doados pelos próprios associados, é baseado na memória social dos GDF. Pois, para eles, "A memória é, de certa forma, o motor pelo qual a história oral da torcida vai sendo recontada em suas novas narrativas" (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021).

Histórias essas que agora possuem um lugar físico para dar *vida material às memórias*. Vale pontuar que

Um lugar não se limita à matéria de seus alicerces. Nele estão amalgamados memórias, aspirações, anseios, sonhos, alegrias e invenções da vida de incontáveis gerações. Um museu, além do acervo, é também resultado das experiências intangíveis, matéria da memória acumulada pelos que nele experimentaram a aventura do conhecimento (SIMAS, 2020, p. 128).



40. Acervo Gaviões da Fiel – Tia Geni, 2022.

Assim vejo essa produção de memória nativa que conta histórias sobre si. Narrativas estas construídas e colhidas a dedo para comporem esse coração histórico da agremiação, e até mesmo por isso ainda debaixo de uma intenção institucional de manter a história sobre a

entidade a mais coesa possível. Sobretudo na narrativa, que aqui venho problematizando, em torno do carnaval e da torcida ser, ali exibida e contada, numa espécie de casamento perfeito, a *torcida que samba*.

Vale destacar também que, apesar de institucional e debaixo dos ordenamentos diretivos da entidade, o acervo é talvez o núcleo mais "independente" da torcida-escola, se é que assim posso dizer. Principalmente por ser composto em sua maioria por pessoas progressistas e críticas aos próprios caminhos históricos dos GDF, além de possuírem um certo status em meio ao coletivo. Mas ainda assim, é inegável que a memória material ali inserida indica certos conservadorismos em se valorizar narrativas sem atritos e tensões, sobretudo entre ser torcida organizada e escola de samba.

Ainda assim, a desproporcionalidade da *vida material das memórias* ali expostas é notória, pois há mais memorabilia sobre futebol e o papel de torcida do que sobre o carnaval. O que contribui para que a memória construída sobre essa relação entre os projetos, aqui vista enquanto cismogênica, tenda bem mais para a torcida, tensionando assim a própria narrativa que se pretende homogeneizar ambas as esferas sob a categoria nativa de uma identidade coletiva e agregadora.

Se, como bem aponta Ecléa Bosi (2003, p. 16): “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”, parece-me que o passado dos Gaviões (reunidos pelo acervo) mais atrelado ao futebol reforça e materializa a já dita, hierarquia dos afetos, da qual o carnaval vem como estanque final desses pertencimentos, inclusive através desta memória material.

Não à toa, as fotografias do carnaval ali coladas nas paredes são sobretudo dos abre alas, primeiro carro alegórico, que nos GDF vem sempre com o nome da entidade grafado (o que é comum entre as escolas de samba), e com um símbolo gigante do Corinthians, o que nenhuma outra torcida-escola faz, devido a possíveis penalizações dos jurados ao desfile, e jurídicas a própria instituição.

Penso ser intrigante que, essa hierarquia representada esteticamente na avenida, ou seja, no primeiro carro vem o Corinthians e os Gaviões e depois então o carnaval pode passar, segue uma trajetória parecida no próprio acervo. Afinal, as principais fontes de memória do carnaval da entidade se referem especificamente aos abre alas, que por sua vez, estão direcionados ao amor pelo Corinthians e pelos Gaviões.

Como vimos ao longo deste trabalho, essa prioridade ao Corinthians e a torcida não é novidade, antes trata-se de uma bandeira institucional e de orgulho, afinal, como eles mesmo

dizem: "o Corinthians é a razão da nossa existência". No entanto, uma das coisas que essa etnografia notou é como a institucionalização dos discursos pouco afeta a *torcida de chão*, e é exatamente ali, no cotidiano das relações que essa hierarquia dos afetos é constantemente tensionada, sobretudo por pessoas que estão ali pelo samba e pela vida em comunidade que a escola-torcida proporciona.

E essa disputa se complexifica ainda mais quando materializada. Por exemplo, como o acervo está em constante construção material, ou seja, em uma espécie de curadoria totalmente aberta a atualizações e reajustes, tudo ainda está sob franca disputa. E atualmente o carnaval sugere comportar até mais vida material do que o futebol, fazendo com que as *coisas* que chegam para ali competir por espaços e construam narrativas, tendam a ser mais do carnaval do que do futebol.

Todavia, percebi que a expressividade da vida material mais atrelada especificamente ao carnaval ainda é recebida com alguns receios. Por mais que o protagonismo do samba já esteja engendrado, como vimos, na própria forma de ser torcida, o medo de "deixar de ser torcida organizada", sobretudo por conta dos históricos ataques e cerceamento impostos a essa forma de torcer (Cf. Capítulos 1 e 2), faz com que paire sobre os associados um certo receio de que, cultivar a memória do samba é também soltar a corda de resistência da torcida.

Logo, essa relação cismogênica entre ambos os projetos que perpassa as *coisas* e as formas de sociabilidade, também atravessa a *vida material das memórias*, fazendo com que a própria história oral seja baseada em uma memória coletiva cada vez mais diversa e diferenciante, principalmente por estar permeada por disputas ainda em aberto. O que faz o acervo ser um ponto chave na compreensão dessa trajetória gaviã entre torcer e sambar.

Portanto, neste capítulo mais conclusivo apresentei o que acredito ser uma cismogênese gaviã entre futebol e carnaval, com isso, busquei demonstrar que essa leitura me permitiu acessar dimensões encobertas de disputas e tensionamentos difíceis de se perceber de outra forma. Por fim, procurei argumentar como todo esse processo cismogênico acontece em meio a uma vida material que também opera construindo formas de sociabilidades competitivas entre ambos projetos, inclusive no processo de materialização das memórias, que se abrem a novas possibilidades futuras de história oral sobre os próprios Gaviões da Fiel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ecologia de um novo torSER

Quando digo que pesquiso torcidas organizadas que também são escolas de samba, costumo receber no geral duas reações específicas, a depender com quem falo. Com o público mais acadêmico, geralmente composto por brancos de classe média ou média alta, os comentários costumam ser recheados de perguntas sobre o que eu acho que deveria ser feito para diminuir a violência entre as torcidas, se acho que torcida única é solução ou mais problema, se o carnaval com as torcidas ficou melhor ou pior. Em resumo, perguntam o que eu, como especialista no assunto, tenho a contribuir com as problemáticas das torcidas-escolas.

Já quando a *ideia* é com os *cria*, ou seja, com pessoas como eu, em sua maioria pretas e pobres *criada* nas periferias, costumam ficar entusiasmados, principalmente por um dos nossos que, como ouço, "*creceu na vida*" fazendo o que ninguém aqui sabe o que é (antropologia), pesquise algo tão próximo e comum à gente como as torcidas-escolas. Diferente do que ouço do outro grupo, eles não perguntam o que tenho a entregar ao campo, pelo contrário, indagam-me se já aprendi a bandeirar, tocar algum instrumento ou se consigo ingressos na *faixa* para os jogos, festas e desfiles.

Apesar de entender os questionamentos de meus colegas acadêmicos, e de massagear o ego com a chancela de especialista que tem o que dizer sobre o que estuda, prefiro a *antropologia da quebrada*, onde sou só um zé ruela adentrando um universo que tem muito a me dizer e ensinar. É nessa antropologia que acredito. E este trabalho foi então, habitando a sociabilidade gaviã entre torcer e sambar, e ali descobrindo novas formas populares de viver, inclusive na relação com os materiais. Afinal,

Como os fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas às outras, em ciclos alternados de tensão e resolução. Nenhum fio segue para sempre; assim como uns se vão, outros se unem. **É por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver** (INGOLD, 2019, p. 7. Grifo meu).

Lembro-me que quando fiz uma disciplina de sociologia urbana, ainda na graduação, aprendi que os estudos urbanos no Brasil, inclusive os antropológicos, amontoam-se sobretudo sob duas chaves quando pesquisam temáticas relativas à periferia e seus recortes (LEEDS & LEEDS, 2015). De grosso modo: tem a perspectiva da ausência do Estado e das políticas públicas, ou seja, do que falta; ou do movimento oposto, de analisar como as pessoas se organizam mesmo em meio às faltas.

Aqui busquei seguir esse segundo caminho, até porque aprendi desde cedo que "(...) achar que essas mazelas [nos] definem é o pior dos crimes / é dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir (...)" (EMICIDA, 2019). E como bem acrescenta Simas (2021):

Somos um país forjado em ferro, pelourinhos, senzalas, terras concentradas, aldeias mortas pelo poder da grana, tambores silenciados, arrogância dos bacharéis, inclemência dos inquisidores, truculência das oligarquias, chicote dos capatazes, cultura do estupro, naturalização de linchamentos e coisas do gênero: um Brasil boçal, muitas vezes institucional, bem-sucedido como projeto de aniquilação. **Acontece que no meio de tudo isso, e ao mesmo tempo, produzimos formas originais de inventar a vida onde amiúde só a morte poderia triunfar. Uma brasilidade forjada nas miudezas da nossa gente, alumbrada pela subversão dos couros percutidos, capaz de transformar a chibata do feitor em baqueta que faz o atabaque chamar o mundo;** produtora incessante de vida no arripiado das horas, nas tecnologias do despacho na encruza e na alteridade da fala: língua do congo, canto nagô, baque virado na virada de caboclo estremecendo a aldeia. Macumba!". (SIMAS, 2021, p. 20).

A partir disso, tanto as idas a campo, a observação digital, as fotoetnografias e a própria escrita, foram na tentativa de demonstrar como os Gaviões da Fiel se organizam inventivamente, seja no carnaval e no futebol e/ou em sua relação com os materiais. Abrindo assim, dentre muitas perguntas, algumas respostas sobre as *miudezas* das formas populares de vida cotidiana às margens da cidade de São Paulo.

Por isso, busquei desde o capítulo 1 conferir um certo protagonismo *às coisas que também constroem pessoas* nos GDF, discutindo o que entendo por materiais e *coisas*, ali também fiz um breve contexto histórico, além de definir minha perspectiva teórica e o recorte empírico. No capítulo 2 avancei essa discussão para uma dimensão ainda mais sensível e sensorial da relação humano-material dos interlocutores, demonstrando como esse universo opera na chave da *materialização das emoções*, inclusive na manutenção de hierarquias e desigualdades, como por exemplo, a de gênero. Já no capítulo 3 mergulhei especificamente na relação cismogênica entre carnaval e futebol, discutindo como essa perspectiva abarca os tensionamentos e disputas entre ambos os projetos, demonstrei como até mesmo a *vida material* dos Gaviões também acontece em meio a essa relação competitiva e diferenciante.

Com este caminhar argumentativo procurei descrever um ambiente torcedor e sambista em que as *coisas* são tão determinantes nas formas de sociabilidade quanto as pessoas. E por pensar nesse emaranhado construído cotidianamente em meio às mais diversas relações entre materiais, pessoas, lugares, narrativas, memórias etc. é que me dei conta de se tratar de algo mais amplo, ou melhor definindo, uma verdadeira ecologia do torcer.

A perspectiva ecológica de Tim Ingold (2010) surge na tentativa de argumentar como estar no mundo, e não sobre o mundo, nos coloca apenas como mais um no fluxo de movimentos

dessa malha ecológica entre humanos, não-humanos e ambiente. E é exatamente assim que vi os Gaviões da Fiel: entre torcer e sambar, totalmente imersos em toda uma ecologia, em que tudo ali tem seu papel determinante e relacional, seja nas disputas, nas construções, nas negociações e até mesmo nos processos diferenciadores.

Vale dizer também que "(...) a ecologia de fato parece propícia para um deslocamento do sujeito cartesiano e, com ele, da série de oposições que inclui aquela entre natureza e cultura" (VELHO, 2001, p. 135). E foi exatamente esse movimento que busquei percorrer ao longo de todo esse trabalho, questionando a soberania humana sobre os materiais ao demonstrar como a vida sensorial é antes de tudo relacional. O que pude experienciar inclusive em meu próprio corpo, como pesquisador *junto e misturado* aos meus interlocutores nessa ecologia gaviã de *coisas*, pessoas, práticas e contextos. O que, para meu espanto, começou bem antes de minha chegada a campo.

Por exemplo, quando fui a campo pela primeira vez, ainda em 2019, como um graduando completamente perdido no fazer etnográfico, eu só conhecia os Gaviões de longe, quando os via torcendo no estádio ou desfilando pela TV. Apesar de ser de família corinthiana, em casa sempre ouvi que torcedor organizado era um bando de “vagabundo baderneiro”, e por mais que nunca tenha *fechado* com esse discurso que, sempre soube ser mais um grito conservador dito aos *crias* da *quebrada* para não se envolverem com "coisas erradas", isso também fez com que eu crescesse, enquanto torcedor, distante das vivências cotidianas das torcidas organizadas.

Ainda assim, em todas as minhas idas aos estádios meus olhos seguiam divididos, como o menino que fui em meu primeiro jogo (Cf. Introdução), continuei olhando para as arquibancadas quase tanto quanto para o jogo. E quando adentrei de vez na sociabilidade gaviã percebi então, que tudo ali já me era muito mais comum e conhecido do que eu imaginava, e não me refiro às linguagens corinthianas, mas sim às formas populares de vivência e coletividade. Era como se, em determinado grau, já estivéssemos compartilhando um mesmo conjunto de códigos de condutas antes que eu sequer os conseguisse ler.

Com isso me refiro especificamente a dois movimentos nos quais sempre estivemos (eu e os GDF) imersos: 1. O que chamei de *vias sensoriais permitidas* (Cf. Capítulo 2), ou seja, o conjunto de práticas sensoriais propriamente da torcida-escola, mas que são abertas a torcedores não organizados, como ficar junto nas arquibancadas, e sentir na pele tudo o que isso pode significar, como eu desde pequeno pude acessar e viver; 2. As formas de sociabilidade atreladas

ao contexto periférico, a estética das ruas, a racialidade negra e as vivências de quem começa a corrida perdendo.

Ou como me disse Leandro, um de meus interlocutores (homem cis-gênero, negro, 22 anos), após ouvir que eu estava ali para fazer pesquisa ainda nas minhas primeiras incursões na quadra dos Gaviões: "(...) pelo menos cê é *cria*, já deve saber pra caraleo o que a gente é! Certeza que já tomou apavoro dos coxa [PM] também!" (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Lembro-me que após Leandro dizer isso *rachamos o bico*. Nós dois sabíamos que ele estava certo, mesmo tendo me conhecido exatamente ali, a poucos minutos.

Com isto não quero dar a entender que fui um "nativo" de meu próprio campo, pelo contrário, etnografar os Gaviões demonstrou diariamente como eu sabia tão pouco ou quase nada sobre a imensidão que eles são. Mas foi inevitável perceber que existia todo um conjunto de práticas e vivências em torno da torcida-escola da qual eu, em pouquíssimos graus é verdade, já estava imerso.

Tal conjunto composto por essas atividades sensoriais nos estádios, nas festas, na quadra, nas ruas, mas sobretudo no ser da *quebrada*, me fez entender que as torcidas-escolas estão imersas em uma verdadeira ecologia, onde pessoas, materiais, lugares e vivências são determinantes na construção dessa vida relacional impressa em suas formas contemporâneas de existência. É mais do que samba e futebol, é uma nova forma coletiva e popular de ser.

E se, como discuti anteriormente, os torcedores e/ou sambistas organizados são vocacionados como os profissionais do torcer e/ou do sambar (Cf. Capítulo 2), a imersão nessa ecologia me parece ser algo decisivo em suas formas de se encontrar no meio urbano. Moldando inclusive suas concepções enquanto pessoas que torcem e/ou sambam, e é por isso que acredito se tratar de uma ecologia, pois transcende apenas os momentos da prática torcedora e adentra o próprio corpo no mundo em relação com os materiais e com o ambiente periférico. Resultando assim no que chamo de "ecologia do torSER".

Por pensar assim, deixo um alerta(!), pois sustento que esse movimento conservador que visa apartar os torcedores e sambistas, por meio das constantes proibições, da dimensão sensorial dessa *ecologia do torSER*, presente na relação humano - material - ambiente, talvez seja mais uma das formas de empurrar a vivência popular para outras buscas de sentidos diversos, como a própria sociabilidade de *pista*, onde tais proibições, na prática "não existem". Acredito que com a diminuição, cada vez mais acelerada, desse mundo de vivências sensoriais, seja nas arquibancadas do futebol e/ou do samba, talvez as vias também sensoriais, mas não

normativas, como os enfrentamentos físicos, tornem-se cada vez mais populares entre os integrantes das torcidas-escolas.

Para finalizar, acrescento também que esta perspectiva ecológica na qual vejo as torcidas-escolas inseridas, parece ser um caminho difícil de se ignorar nas pesquisas etnográficas na contemporaneidade. Pois a multiplicidade de atores humanos e não-humanos em movimento, sobretudo nesse contexto, tendem a tornar as análises superficiais sem a perspectiva relacional desse fluxo ecológico que constrói o ser enquanto torce e/ou samba. E entendo que observar esse movimento permita a nós, pesquisadores, perceber com mais proximidade as fissuras e atualizações que as torcidas-escolas estão provocando nas *formas de torcer* e de *sambar* na atualidade.



41. Ecologia do torSER, 2022.

42. Ecologia do torSER, 2022.

43. Ecologia do torSER, 2022.

44. Ecologia do torSER, 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. 316 p.

AHLERT, Martina; RICKLI, João. Introdução ao dossiê: Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 20, n. 1, p. 9-19, 2019.

ANDRADE, Marianna. **Para além da arquibancada**: uma etnografia sobre as "Gaviãs" da Fiel. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UNIFESP, São Paulo, 2022.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto. Uma galeria fotoetnográfica dos Gaviões da Fiel (parte 1): os corpos que torcem. **Ludopédio**, São Paulo, v. 146, n. 26, 2021a.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto. As torcidas organizadas e a série Sintonia (parte 1): a juventude e a estética das periferias paulistanas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 150, n. 25, 2021b.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto. “Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval”: um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 1). **Ludopédio**, São Paulo, v. 155, n. 7, 2022a.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto. “Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval”: um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 2) . **Ludopédio**, São Paulo, v. 155, n. 21, 2022b.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto & TOLEDO, Luiz Henrique. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Revista Esporte & Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 34, 2021.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2008

AZEVEDO, Clara de A. **Fantasia negociada**: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.

AZEVEDO, Clara de Assunção; OLIVEIRA, Felipe Gabriel. Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 23, p.1-21, 28 dez. 2018.

BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências Memory and contemporary society: pointing out tendencies p. 161-176. **Revista ACB**, v. 12, n. 2, p. 161-176, 2007.

BASTOS, Rafael José de Menezes. Sobre as flautas sagradas xinguanas e a antropologização do mundo. **Revista de Antropologia**, v. 64, 2021.

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da nova guiné, desenhado a partir de três perspectivas. 2. ed. São Paulo: Edusp. 384 p, 2018 [1958].

BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. **Comunicacion**: la matriz social de la psiquiatria. Buenos Aires: Paidós, 1965.

BERTOLO, Gabriel. **1000 Fandangos**. Amanhecer. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, 2020.

BIONDI, Karina, **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC, São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2010, 245p.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians**: etnografia de um processo de “atualização”. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, FFLCH-USP, 2016.

BOSI, E. **Tempo vivo da memória**. São Paulo, Ateliê, 2003.

BRITO, Rainer Miranda. **O regime fabril-artesanal de violas paulistas**. São Carlos: UFSCar, 2015. 199 p.

BUENO, Arthur. **Uma torcida que samba**: o grêmio recreativo gaviões da fiel. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (org.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. Cap. 9. p. 219-254.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v. 3, n. 2/2014, p.57-67, 2014. Semestral.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. **Brasil em Imagens**: caminhos que marcam e antecedem a antropologia visual no Brasil. In: DIAS DUARTE, Luiz Fernando (Org.) **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. Coedição Instituto Ciência Hoje, Editora Barcarola e Discurso Editorial. p. 457-487.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. **Corpo, Imagem e Memória**. In: MAMMI, Lorenzo e SCHWARCZ, Lilia. **8 X Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a. p. 113- 131.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, v.14, n.2. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008b. p. 455-475.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Um casamento no Paquistão: na captura de imagens. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 3 (Construção e Análise de Imagem). Rio de Janeiro: UERJ. 1997. p. 107-115.

CAMPOS, Hugo Berlingeri; LOUZADA, Roberto. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, v. 26, n. 2, p. 147-171, 2012.

CANALE, Vitor dos Santos; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP—Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. **Revista Tempo e Argumento**, v. 13, n. 34, p. 2019.

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores**: Diversidades e normativas do torcer. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores**: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Tese (Doutorado em História), Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 340p., 2020.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos índios no Brasil**. In: História dos índios no Brasil. 2009.

CASTILHO, Lisa E. **Entre a oralidade e a escrita**: etnografia nos candomblés da Bahia, Salvador: Edufba, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A cidade e o samba. **Revista USP**, número 32, São Paulo, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **As festas e os dias**: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009a.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Minc/Funarte, 1995.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Festa e Contravenção**: os bicheiros no carnaval do Rio de Janeiro. In: CAVALCANTI e GONÇALVES, R. (org.) **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009b.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo**: ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo**. Campinas, IFCH-UNICAMP. Antropologia Social. Dissertação de Mestrado, 1982.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

DAMATTA, Roberto. **Universo do Carnaval**: imagens e reflexões. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1981.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**: esporte, sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social**. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre. Editora da universidade/IFCH-UFRGS, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A thousand plateaus**. Trans. B. Massumi. London: Continuum, 2004.

DIÁRIO DE CAMPO. **Gaviões da Fiel**: etnografia de uma torcida organizada de futebol que samba (IC), 2019.

DIÁRIO DE CAMPO. **Torcidas Organizadas entre futebol e carnaval**: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel, 2021.

DIÁRIO DE CAMPO. **Torcidas Organizadas entre futebol e carnaval**: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel, 2022.

DRUMMOND, Carlos. **Carlos Drummond de Andrade**: nova reunião 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 925 p.

FANON, Frantz. 2008. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras em tensão**. Um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 2008.

FERREIRA, Júlio César Valente. O diretor de carnaval das escolas de samba e a engenharia de produção. **Diretor-Geral**, v. 20271, p. 14.

FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**. Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, 2009.

FRANCISQUINI, Sandro. **Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)**. Dissertação de mestrado. Ciências Sociais- UFSCar, 2006.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos avançados**, v. 19, p. 367-376, 2005.

GABRIEL OLIVEIRA, Felipe de Castro Freire. **Dançando como cisnes**: formas de transmissão de conhecimento na dança de mestre-sala e porta-bandeira. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2021. 181p.

GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem**, [1973] 1989.

GELL, Alfred. **Art and agency**: an anthropological theory. Oxford: Clarendon, 1998.

GOLDMAN, Marcio. A relação afroindígena. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 23, n. 23, p. 213-222, 2014.

GONÇALVES, JRS. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 25-33.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses**. Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CHAIM, Aníbal Martinot. Ordem e Progresso nas arquibancadas: o jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do Estado Novo (1937-1945). **Revista de História** (São Paulo), 2020.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; QUEVEDO, Luigi Bisso. Torcidas organizadas e escolas de samba (I): os Gaviões da Fiel. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 9, 2019.

HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel**: Ensaio e Etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (org); FLORENZANO, José Paulo (org). **Territórios do torcer**: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, Juventude e Idolatria Clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydrav**. 1, n. 2, p. 97-125, ago. 2016.

INGOLD, Tim. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description Londres & Nova York: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n1, p.6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, n. 37, pp. 25-44, jan/jun, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve?. Editora Vozes, 2019.

KIM, Joon Ho. **O rúgbi em cadeira de rodas**: um breve ensaio sobre a (des)construção da imagem da deficiência física. In: CAIUBY NOVAES, Sylvia (org.). **Entre arte e ciência**: a fotografia na antropologia. São Paulo: EdUSP, 2015, 43-70.

LATOUR, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. **Common Knowledge**, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. **a sociologia do brasil urbano**. scielo-editora fiocruz, 2015.

LEGOFF, J. **História e Memória**. Campinas, UNICAMP, 1990.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de Samba**. Ritual e Sociedade. Petrópolis:Vozes, 1978.

LIMA, Tânia Stolze. Que é um corpo? In: **Religião e Sociedade**, 2000, n. 22, v. 1, p. 9- 20.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17, 49: 11-29, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw [1916]. 1988. **Baloma**: os espíritos dos mortos nas ilhas Trobriand. In: *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70.

MARQUES, Adalton. “Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no primeiro comando da capital. **Etnografica**, [S.L.], n. 142, p. 311-335, 1 jun. 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. **Globalização e espetáculo**: O Brasil nos megaeventos esportivos. In DEL PIORI, M.; MELO, Victor A. (Orgs). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, p 505-513, 2009.

MAUSS, Marcel. 2003. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac Naify.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O Samba e o Carnaval paulistano. **Rev. Histórica**, São Paulo: 2010

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social.Tradução de Camila Balsa e Juliane Bazzo. **Blog do Sociofilo** [atual Blog do Labemus], 23 maio 2020.

MILNER, Daniel. **Cultural Materialism**. Melbourne University Publish, 1993.

MORAES, Wilson Rodrigues de. Escolas de Samba de São Paulo. São Paulo, **Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia**, 1978.

MURAD, Mauricio. **A violência no Futebol**. Novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. Rio de Janeiro: Benvirá, 2017.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. **Ponto Urbe** [Online], 19, 2016.

OLIVEIRA PINTO, Tiago. As cores do som: estruturas sonoras e concepção estética na música afro-brasileira. África: **Revista do Centro de Estudos Africanos** (USP), São Paulo, v. 23, n. 22, p. 87-109, 2001.

OLIVEN, Ruben George. **Patrimônio intangível**: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 80-83.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal editora, 1997.

REIS, Heloisa H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SANT'ANNA, Marcia. **A face imaterial do patrimônio cultural**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 49-59.

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. **Matrizes**, v. 9, n. 1, p. 167-185, 2015.

SAYES, Edwin Michael. Actor-Network theory and methodology: just what does it mean to say that nonhumans have agency? **Social Studies of Science**. Dec 30, 2013.

SCHNEIDER, David. **Parentesco americano**. Uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, [1968]. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995.

SEGATA, J. A pandemia e o digital. **Revista Todavia**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 7-15, 2020.

SILVA, Elisabeth Murilho. **As "torcidas organizadas de futebol"**: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo. 1996. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Editora José Olympio, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus rebeldes**. Novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Carnaval em branco e negro: Carnaval Popular Paulistano – 1914-1988**. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial de São Paulo, [1989] 2007. v.1, 250p.

SOUZA JUNIOR, Roberto; TOLEDO, Luiz Henrique de. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19, **Ponto Urbe** [Online], 26 | 2020a.

SOUZA JUNIOR, Roberto; TOLEDO, Luiz Henrique de. Sociabilidade pandêmica? o que uma Antropologia urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. supl, p. 53-64, 2020b.

SOUZA JUNIOR, Roberto. Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica. **Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP**, 9(2), 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico: e outros ensaios**. São Paulo: Ubu, 2017. 544 p. Tradução de: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini.

TADDEI, Renzo. **Devir torcedor**. In: FERREIRA, Arthur A. L.; MARTINS, André & SEGAL, Robert (Orgs.). **Uma bola nos pés e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

TEIXEIRA, Rosana da Câmera. **Os perigos da paixão**. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: AnnaBlume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (In)vestindo camisas de futebol: moda esportiva e agência na produção das emoções torcedoras. *dObra[s]* – **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**. São Paulo, 12(27):31-46, 2019c.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. **Revista Brasileira de Educação**, v. 6, n. 5, p. 209-221, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp. v. 1. 342p, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 19, n. 40, p. 149-184, dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Presente etnográfico e “presente museográfico”: o caso do Museu do Futebol visto por um antropólogo urbano. **Cadernos De Campo**, 28(1), 249-272, 2019a.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcer**: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas. Tese de titularidade. Departamento de Ciências Sociais, UFSCar, São Carlos, 319p, 2019b.

VELHO, Otávio. 2001. “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico”. **Mana**. Estudos de Antropologia Social, 7(2):133-140.

VIGARELLO, Georges. (Org.). **História da virilidade**: A invenção da virilidade, da antiguidade às luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 4, 2002.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cutrix, 1988.

Referências eletrônicas

AGÊNCIA BRASIL: **São Paulo libera bandeirões e instrumentos musicais de torcidas em estádios**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/sao-paulo-libera-bandeiroes-e-instrumentos-musicais-de-torcidas-em-estadios>> Acesso: 07/06/2021.

BAND.UOL: **PM confirma chance da volta do uso das bandeiras em estádios de SP**. Disponível em: < <https://www.band.uol.com.br/esportes/bandeiras-estadios-sao-paulo-16451383>> Acesso em: 07/05/2022.

CENTRAL DO TIMÃO: **Por ordem da PM, mosaico provocativo ao Palmeiras é retirado na Neo Química Arena**. Disponível em: <<https://centraldotimao.com.br/por-ordem-da-pm-mosaico-provocativo-ao-palmeiras-e-retirado-na-neo-quimica-arena/>> Acesso em: 29/09/2021.

CNN BRASIL: **Governo de São Paulo anuncia retorno de torcida nos estádios a partir de outubro**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/sao-paulo-anuncia-retorno-de-torcida-nos-estadios-a-partir-de-outubro/>> Acesso em: 20/09/2021.

CONMEBOL: **Reglamento de Seguridad**. Disponível em: <<https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/2022/03/reglamento-de-seguridad-espanol-editado-28-03-ver-2.pdf>> Acesso em: 29/04/2022.

EL PAÍS: **Sinalizadores, a cruzada das torcidas pela liberação da festa nos estádios**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/21/deportes/1513879545_895915.html> Acesso em: 07/05/2022.

ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/estatuto_do_torcedor.pdf> Acesso em: 29/04/2022.

FACEBOOK: **Gaviões agrega novos profissionais para o carnaval.** Disponível em: <https://m.facebook.com/gavioesoficial/photos/a.527143117362638/3032867293456862/?type=3&source=57&_tn_=EH-R> Acesso: 15/10/2021.

FACEBOOK: **Reunião Novos Associados e Cadastro FPF.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/gavioesoficial/photos/reunião-novos-associados-e-cadastro-fpf-0806-sábado-13has-reuniões-aos-novos-ass/469090099834607/>> Acesso: 24/09/2021.

FOLHA DE S. PAULO. **A Gaviões da Fiel reedita samba que virou canto de gol do Corinthians.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/gavioes-da-fiel-reedita-samba-que-virou-canto-de-gol-do-corinthians.shtml>>. Acesso em: 29/04/2022.

FOLHA DE S. PAULO. **Clubes apostam em fotos de torcedores na arquibancada.** Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/esporte/2020/05/clubes-apostam-em-fotos-de-torcedores-na-arquibancada.shtml>>. Acesso em: 20/09/2021.

GAVIÕES DA FIEL: **Bateria Ritimão.** Disponível em: <<https://gavioes.com.br/bateriaritimao>> Acesso em: 15/10/2021.

GLOBO PLAY: **Gaviões da Fiel vai repetir este ano o enredo de 1994 sobre a história do tabaco no mundo.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7349382/>> Acesso em: 29/04/2022.

INSTAGRAM: **@fotoperifa.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/fotoperifa/>>. Acesso em: 29/04/2022.

MANCHA VERDE: **Filme O patrimônio.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sboeacdyjk>> Acesso em: 29/04/2022.

OMS: **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020.** Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>> . Acesso em: 14/07/2021.

TERRA: **Desfile da Gaviões termina com briga entre torcida e camarote.** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/carnaval/desfile-da-gavioes-termina-com-briga-entre-torcida-e-camarote-video,48804bdedd9c943b2d7aab6d0b809b80gx0pfcgr.html>> Acesso em: 07/05/2022.

TWITTER: **Você sabia? A primeira camisa oficial dos Gaviões era branca.** Disponível em: <<https://twitter.com/gavioesoficial/status/616241205203083264>>. Acesso em: 29/04/2022.

YOUTUBE: **Democracia & organizadas:** torcidas, futebol e política no brasil contemporâneo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_anuwjppja>. Acesso em: 29/04/2022.

YOUTUBE: **Guerra do pacaembu.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lrjoj_ctelk>. Acesso em: 29/04/2022.

YOUTUBE: **O jogo da Vida - Amor Fiel**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=64eLMLW5tGs>> Acesso: 30/09/2021.

YOUTUBE: **Territórios do torcer**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvikwd6yzms&t=5s>>. Acesso em: 29/04/2022.

Discografia

ARNALDO ANTUNES. *Ninguém*, Sony Music Entertainment, 1995;

BACO EXU DO BLUES. **QVVJFA?**, Independente, 2022;

BEZERRA DA SILVA. **Malandro Rife**, RCA Records, 1985;

EMICIDA. **AmarElo**, Laboratório fantasma, 2019;

FEBEM. **Running**, Ceia, 2019;

JORGE BEN JOR. **A Tábua de Esmeralda**, Philips Records, 1974.

LENINE. **Carbono**, Universal Music, 2015;

MC PAULIN DA CAPITAL. **Quem me protege não dorme**, Independente, 2022;

RACIONAIS MC'S. **Nada como um Dia após o Outro Dia**, Boogie Naípe, 2002.

Filmografia

DIVERTIDA MENTE. Walt Disney Pictures, **Dir. Pete Docter**, 2015.